



**PROGRAMA DE MESTRADO EM GESTÃO E PRÁTICAS
EDUCACIONAIS (PROGEPE)**

DESENVOLVER-SE NO BARRO
A Contribuição das Aulas de Cerâmica às Crianças
do Ensino Fundamental II

CLEIDE APARECIDA VIEIRA

SÃO PAULO

2014

CLEIDE APARECIDA VIEIRA

DESENVOLVER-SE NO BARRO

**A Contribuição das Aulas de Cerâmica às Crianças
do Ensino Fundamental II**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho – PROGEPE/UNINOVE – como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.
Linha de Pesquisa: Intervenção em Práticas Educacionais.

Prof. Dr. Adriano Salmar Nogueira e Taveira –
Orientador

SÃO PAULO

2014

Vieira, Cleide Aparecida.

Desenvolver-se no barro: a contribuição das aulas de cerâmica às crianças do ensino fundamental II. São Paulo. / Cleide Aparecida Vieira. 2014.

151 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Nove de Julho - Uninove, São Paulo, 2014.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Salmar Nogueira e Taveira.

1. Cerâmica. 2. Educação. 3. Arte-educação.

I. Taveira, Adriano Salmar Nogueira e. II. Título

CDU 37

CLEIDE APARECIDA VIEIRA

DESENVOLVER-SE NO BARRO
A Contribuição das Aulas de Cerâmica
às Crianças do Ensino Fundamental II

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho – PROGEPE/UNINOVE – como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, avaliada pela banca examinadora formada por:

São Paulo, ____ de março de 2014

Presidente: Prof. Dr. Adriano Salmar Nogueira e Taveira – Orientador, UNINOVE

Membro titular:

Membro titular:

Membro suplente:

Dedico este a meu pai, que é a lembrança mais antiga da palavra educação que eu tenho. Tudo que ele queria dos seus filhos é que estudassem, mas nem pôde vê-los crescer. Saudades!

Se eu pudesse faria um corpo de barro pra você. Porque sua alma ainda vive aqui!

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me permitir a vida com saúde.

À Universidade Nove de Julho e à Capes, pela possibilidade educacional, financeira.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Adriano Salmar Nogueira e Taveira.

Aos queridos doutores da banca examinadora, Claudia Sabba e Ana Angélica Albano, que contribuíram com novas possibilidades, me ajudando a corporificar o meu pensamento.

Aos professores do PROGEPE: Dr. Adriano Salmar Nogueira e Taveira, Margarita Victoria Gomez, Dr. José Eustáquio Romão, Dr. Jason Ferreira Mafra, Dra. Ana Maria Haddad Baptista, Dr. Miguel Henrique Russo, Dra. Patrícia Aparecida Bioto-Cavalcanti, Dr. Adriano Nogueira e, em especial, à Dra. Rosemary Roggero.

A cada um dos meus educandos, pelos meses de companhia, pelo carinho, comprometimento, por me ajudarem a dar corpo à minha pesquisa e, principalmente, por fruírem o curso de cerâmica.

À direção, coordenação, corpo docente e funcionários da Escola Felipe Lutfalla, por terem acolhido a mim e à minha ideia, por toda ajuda e disposição. Vocês foram a terra, a água, o ar e o fogo, necessários na composição da cerâmica que produzi nestes dois anos que me dediquei à realização deste projeto.

À administração da APAPS, por ter cedido o espaço para a exposição dos educandos. Em especial, ao Sr. Presidente da associação, Renzo Bernachi.

Com imensidão, agradeço a Dra. Virgínia Fróis, fundadora da Casa da Infância de Montemor-o-Novo, em Portugal, por toda força, orientação e amizade.

Pelo convívio e trocas cerâmicas e educacionais, agradeço à Vanessa Murakawa, à Zandra, à Lalada Dalgligh, à Pati Omoto e à Camila.

Os amigos a quem agradeço são muitos. Na verdade, são todos, mas aqui um agradecimento especial à Mari Ciampi, à Vera, ao Carlos, Marcia Belli, à Cristina Pequeno, à Kathelyn, ao Betinho, à Rosemari, à Sheila, à Bruna, à Rosana Nacco, à Andreza Gessi e à Alessandra Aguiar.

E à minha família toda, aqui representada por Pedro Henrique, Lucas, Gabi, Gustavo, Rafael, Cauã, Clara, Conceição, Cleise, Karen, Mil, Claudinei e Astério, por estarem sempre por perto e me abraçarem e me apoiarem sempre.

À Bárbara, eu agradeço só por existir. Ela não precisa fazer mais nada, além disso.

RESUMO

Esta dissertação explana o resultado da investigação pedagógica realizada para demonstrar os benefícios da construção tridimensional nas aulas de artes no ensino fundamental II, particularmente da criação artística que utiliza a cerâmica como linguagem. O desenvolvimento prático se deu com a realização de aulas semanais de cerâmica às crianças do ensino fundamental II da Escola Municipal Felipe Lutfalla, situada na cidade de Mairinque (SP). A faixa etária das crianças compreendeu entre 11 e 15 anos. As aulas se sucederam entre os meses de março a outubro de 2013. O segmento produtivo é embasado nas obras de Paulo Freire, John Dewey, Ana Mae Barbosa, Gaston Bachelard, Herbert Read, Edgar Morrin, Lev Vygotski e Viktor Lowenfeld. A pesquisa teórica que embasou a investigação pedagógica abordou definições do desenvolvimento sensório-motor da criança, da pedagogia, da arte tridimensional, da cerâmica como matéria de produção artística, da corporificação da imagem e do processo criativo. Os estudos práticos e considerações foram formatados em relatos e fotografados. A pesquisadora elaborou a análise baseada na experiência acumulada como professora e ceramista com o apoio teórico da proposta triangular de Ana Mae Barbosa, Paulo Freire e John Dewey. A observação e a compreensão do segmento prático possibilitaram à autora contemplar a produção artística por meio de troca de experiências, constatar mudanças físicas e comportamentais nos educandos, evidenciar a possibilidade de trabalho com a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, estimular a visão e leitura do mundo e a expansão da linguagem.

Palavras-chave: Cerâmica. Educação. Arte-educação.

ABSTRACT

This paper describes the results of pedagogical research conducted to demonstrate the benefits of three-dimensional constructions in art classes with elementary school students, with particular focus on artistic creations using ceramic as a language. The practice development occurred through weekly ceramic classes to elementary school children of the municipal school, Felipe Lutfalla, located in the city of Mairinque, Sao Paulo. The age of the children ranged between 11 and 15 years and the classes took place from March to October of 2013. The production was grounded in the works of Paulo Freire, John Dewey, Ana Mae Barbosa, Gaston Bachelard, Herbert Read, Edgar Morrin, Lev Vygotsky and Viktor Lowenfeld. The theoretical research that served as the basis for the pedagogical investigation addressed the definitions of children's sensory-motor development, pedagogy, three dimensional art, ceramics as a method of artistic production, embodiment, image and creative processes. Practical considerations and studies were formatted as personal accounts and photographed. The researcher elaborated the analysis based on accumulated experience as a teacher and ceramist aligned with a triangular theoretical support from the works of Ana Mae Barbosa, Paulo Freire and John Dewey. The observation and comprehension of the practical approach enabled the author to contemplate, through the exchange of experiences, the artistic production, physical and behavioral changes occurring in the students, the possibility of working with interdisciplinary and transdisciplinary approaches, allowing, through the stimulation of different ways to perceive the world, the expansion of the language and the world view.

Keywords: Education. Ceramic. Education art.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Intersecções femininas.....	15
Imagem 2 – Primeiro dia do curso	34
Imagem 3 – Educandos se familiarizam com as ferramentas, materiais e com o barro	35
Imagem 4 – Iniciando a produção – Técnica de Pinch.....	35
Imagem 5 – Primeiras peças produzidas – Técnica de Pinch.....	36
Imagem 6 – Modelagem livre.....	37
Imagem 7 – Trabalhando com placas	38
Imagem 8 – Construção com placas	39
Imagem 9 – Sentindo o barro	45
Imagem 10 – Experimentando o barro	45
Imagem 11 – Experimentando o barro	46
Imagem 12 – Iniciando a modelagem	46
Imagem 13 – Primeira peça modelada	46
Imagem 14 – Turma da tarde – primeira aula	47
Imagem 15 – Modelando.....	48
Imagens 16 e 17 – Primeiras modelagens (turma da tarde).....	48
Imagem 18 – Trabalhos desenvolvidos na primeira aula	49
Imagem 19 – Demonstração de produção em torno elétrico	51
Imagem 20 – A primeira experiência no torno elétrico.....	53
Imagens 21 e 22 – Experiência no torno elétrico	53
Imagens 23 e 24 – Thiago experimentando o torno elétrico	54
Imagens 25 e 26 – Vitória e Thiago: a sensação do experimento no torno elétrico.....	54
Imagem 27 – Obra referência para produção	55
Imagens 28 e 29 – Referências para aula expositiva	56
Imagens 30 e 31 – Referências para aula expositiva	56
Imagem 32 – Referência para aula expositiva.....	57
Imagens 33 e 34 – Referências para produção	57
Imagem 35 – Bolas feitas em torno elétrico para intervenção	58
Imagem 36 – A intervenção – Turma da manhã	59
Imagem 37 – A intervenção – Turma da manhã	59

Imagem 38 – A intervenção – Turma da manhã	59
Imagem 39 – A intervenção – Turma da tarde	60
Imagem 40 – Turma da tarde – Os primeiros resultados da intervenção	60
Imagem 41 – Resultados da intervenção	60
Imagens 42 e 43 – Resultados da intervenção	61
Imagens 44 e 45 – Resultados da intervenção	61
Imagens 46 e 47 – Resultados da intervenção	62
Imagem 48 – Produção de utilitário maciço	65
Imagem 49 – Produção de utilitário maciço	66
Imagem 50 – Modelagem livre.....	66
Imagem 51 – Produção de utilitário maciço	66
Imagem 52 – Formando o apoio da peça.....	67
Imagem 53 – Decorando as peças	67
Imagem 54 – Decorando as peças	67
Imagem 55 – Decorando as peças	68
Imagem 56 – Produção de placas	69
Imagem 57 – Recorte dos pratos	69
Imagem 58 – Auxílio mútuo.....	70
Imagem 59 – Conformação da placa	70
Imagem 60 – O prato conformado.....	70
Imagem 61 – Decorando o prato	71
Imagens 62 e 63 – Conformação e decoração de um prato retangular	71
Imagem 64 – Peça decorada com relevo, grafismo e textura	71
Imagem 65 – Ocagem de peça produzida no torno elétrico	72
Imagem 66 – Ocagem de peça produzida no torno elétrico	72
Imagens 67 e 68 – Ocagem de peças produzidas no torno elétrico	73
Imagem 69 – Abertura da primeira fornada de peças.....	74
Imagem 70 – Abertura da primeira fornada de peças.....	74
Imagens 71, 71, 73 e 74 – Peças queimadas.....	75
Imagem 75 – Peças queimadas.....	75
Imagem 76 – Aula expositiva – Esmaltação a pincel.....	77
Imagens 77 e 78 – Esmaltação a pincel.....	77
Imagem 79 – Aula Expositiva – Esmaltação por imersão.....	77
Imagem 80 – Esmaltação por imersão.....	78

Imagem 81 – Abertura do forno após esmaltação – Peça concluída.....	78
Imagens 82 e 83 – Modelagem proposta.....	79
Imagem 84 – Produção com extrusora.....	80
Imagem 85 – Recortando e colando peças.....	80
Imagem 86 – Recortando e colando peças.....	81
Imagem 87 – Modelagem livre – Produção de rosas.....	81
Imagem 88 – Aula expositiva – Produção de molde de gesso.....	83
Imagem 89 – Aula expositiva – Produção de molde de gesso.....	83
Imagem 90 – Confeção de moldes de gesso.....	84
Imagens 91 e 92 – Confeção de moldes de gesso.....	85
Imagem 93 – Confeção das máscaras em barro.....	85
Imagem 94 – Finalização máscara em barro.....	86
Imagem 95 – Máscara em barro finalizada e desmoldada.....	86
Imagem 96 – Máscara concluída.....	86
Imagens 97 e 98 – Programação do Museu Afro Brasil.....	87
Imagem 99 – Visita ao Museu Afro Brasil.....	88
Imagens 100, 101, 102 e 103 – Piquenique no Parque Ibirapuera – São Paulo.....	88
Imagem 104 – Lixando a peça para esmaltação.....	93
Imagens 105 e 106 – Lixando a peça para esmaltação.....	94
Imagens 107 e 108 – Esmaltação a pincel.....	94
Imagens 109 e 110 – Esmaltação a pincel.....	94
Imagens 111 e 112 – Esmaltação a pincel.....	95
Imagens 113, 114 e 115 – Esmaltação por imersão.....	95
Imagens 116 e 117 – Marcação dos pés na placa de barro.....	95
Imagem 118 – Assinando a placa marcada com seus pés.....	96
Imagem 119 – A queima das últimas peças.....	96
Imagens 120 e 121 – Convite da Exposição.....	97
Imagem 122 – Preparando as peças para montagem da Exposição.....	98
Imagem 123 – Peças a serem expostas.....	98
Imagens 124, 125, 126, 127, 128 e 129 – Peças prontas para exposição.....	99
Imagens 130, 131, 132 e 133 – Peças prontas para exposição.....	100
Imagens 134 e 135 – Montagem da exposição – Fixação das peças.....	100
Imagem 136 – Painel de azulejos.....	101
Imagem 137 – Máscaras e utilitários.....	101

Imagem 138 – Texto de parede	101
Imagens 139, 140 e 141 – Abertura e visitação	102
Imagens 142 e 143 – Oficinas de modelagem e utilitários.....	102
Imagens 144, 145, 146, 147, 148 e 149 – Oficinas de modelagem e utilitários	103
Imagens 150 e 151 – Oficinas de modelagem e utilitários.....	104
Imagens 152, 153, 154 e 155 – Confeção de molde para confecção de máscara	104
Imagem 156 – Confeção de molde para confecção de máscara	105
Imagem 157 – Reportagem sobre o evento	105
Imagens 158 e 159 – Exposição na Escola Municipal Felipe Lutfalla.....	106
Imagens 160 e 161 – Oficina ministrada na Escola Municipal Felipe Lutfalla	107
Imagens 162, 163, 164, 165 e 166 – Exposição e oficinas ministradas na Galeria de Arte “Seu Gumercindo”	107
Imagens 167, 168, 169 e 170 – Exposição e oficinas ministradas na Galeria de Arte “Seu Gumercindo”	108
Imagem 171 – O espaço, o corpo e as primeiras noções espaciais	119
Imagem 172 – Pintura com o objetivo de perceber o percurso artístico de elaboração do artista	120
Imagem 173 – Com a pintura e a colagem, construíram a cidade ideal	120
Imagem 174 – História e arte na Oficina da Criança	121
Imagem 175 – Releituras das linhas e dos fios sobre as obras do artista Alexandre Bastos. 122	
Imagens 176 e 177 – Brinquedos construídos na Oficina da Criança.....	122
Imagens 178 e 179 – Decoração com exposição das peças produzidas pelas crianças.....	123
Imagens 180 e 181 – Brinquedoteca.....	123
Imagens 182 e 183 – Peças produzidas pelas crianças	123
Imagens 184 e 185 – Peças produzidas pelas crianças	124
Imagem 186 – Relevos	125
Imagem 187 – Escultura/modelagem	125
Imagem 188 – Olaria	126
Imagem 189 – Oficina da Criança – Produção cerâmica	127
Imagem 190 – Oficina da Criança – Produção cerâmica	128
Imagem 191 – Oficina da Criança – Produção cerâmica	128
Imagem 192 – Oficina da Criança – Pintura em azulejo.....	129

SUMÁRIO

1 MINHAS INTERSECÇÕES ACADÊMICAS	12
2 DESENVOLVER-SE NO BARRO: AS FERRAMENTAS	19
2.1 O TRIDIMENSIONAL NA AULA DE ARTES	22
2.2 “... À SUA IMAGEM E SEMELHANÇA...”. FAZER UM CORPO PARA UM PENSAMENTO	24
2.3 O BARRO	24
2.4 POR QUE A CRIANÇA QUIS FAZER?.....	25
3 EDUCAÇÃO: ARTES OU ARTE-EDUCAÇÃO	27
3.1 A TRIDIMENSIONALIDADE SEGUIDA PELO BARRO PORQUE NÃO, OUTRO MATERIAL?	30
3.2 MEUS EDUCANDOS E O BARRO. QUE RELAÇÃO É ESTA?.....	31
3.3 O DESENVOLVIMENTO DAS AULAS – PRIMEIRA FASE DO PROJETO.....	33
3.3.1 Primeira aula.....	33
3.3.2 Segunda aula.....	35
3.3.3 Terceira aula	37
3.3.4 Quarta aula (após duas semanas).....	39
3.4 O NOVO PROJETO DE PESQUISA: CRIANDO COM O BARRO	40
3.5 DESENVOLVIMENTO DAS AULAS: NOVA FASE DO PROJETO.....	42
3.5.1 Primeira aula: turma da manhã.....	42
3.5.2 Primeira aula: turma da tarde	47
3.5.3 Segundo dia	49
3.5.4 Terceiro dia.....	54
3.5.5 Quarta aula.....	62
3.5.6 Quinta aula.....	68
3.6 A MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO	98
3.7 EXPOSIÇÕES E OFICINAS MINISTRADAS.....	101
3.8 A TRIANGULAÇÃO DA ARTE DESENVOLVENDO-SE NO BARRO. O QUE FOI PRODUZIDO?.....	108
4 INTERCAMBIANDO EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS	112
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS	133
APÊNDICE A – Projeto de Intervenção Pedagógica: A Cerâmica como Instrumento da Pedagogia (17 de agosto de 2012)	136
APÊNDICE B – Projeto de Intervenção Pedagógica: A Cerâmica como Instrumento da Pedagogia (27 de fevereiro de 2013)	141
APÊNDICE C – Carta-convite aos pais e/ou responsáveis sobre o projeto “A Cerâmica como Instrumento Pedagógico”	146
APÊNDICE D – Projeto de Intercâmbio de Experiência Artística: A Cerâmica como Instrumento Pedagógico (julho de 2013)	147

1 MINHAS INTERSECÇÕES ACADÊMICAS

O Cântico da Terra

Eu sou a terra, eu sou a vida.
Do meu barro primeiro veio o homem.
De mim veio a mulher e veio o amor.
Veio a árvore, veio a fonte.
Vem o fruto e vem a flor.

Eu sou a fonte original de toda vida.
Sou o chão que se prende à tua casa.
Sou a telha da cobertura de teu lar.
A mina constante de teu poço.
Sou a espiga generosa de teu gado
e certeza tranqüila ao teu esforço.

Sou a razão de tua vida.
De mim vieste pela mão do Criador,
e a mim tu voltarás no fim da lida.
Só em mim acharás descanso e Paz.

Eu sou a grande Mãe Universal.
Tua filha, tua noiva e desposada.
A mulher e o ventre que fecundas.
Sou a gleba, a gestação, eu sou o amor.

A ti, ó lavrador, tudo quanto é meu.
Teu arado, tua foice, teu machado.
O berço pequenino de teu filho.
O algodão de tua veste e o pão de tua casa.

E um dia bem distante a mim tu voltarás.
E no canteiro materno de meu seio tranqüilo dormirás.

Plantemos a roça. Lavremos a gleba.
Cuidemos do ninho, do gado e da tulha.
Fatura teremos e donos de sítio felizes seremos.

Cora Coralina (2004, p. 311)

Tenho plena consciência da importância da cerâmica na minha vida. A maneira como as artes entraram e engendraram o meu modo de vida despertou em mim o meu interesse pela criação e forma de expressão.

Antes de iniciar as considerações a respeito dos benefícios da argila na educação, sinto a enorme necessidade de situar a diferença que o barro fez e faz na minha vida. Esta história se inicia com a ânsia de aprender a pintar telas. Fazer um curso de pintura em telas era o que mais queria quando ainda era uma profissional na indústria. A licenciatura em química foi concluída em 1995 e estava numa espécie de segundo plano; meu primeiro plano era a

indústria química onde trabalhava com desenvolvimento e controle de qualidade de tintas de impressão (gráficas) para indústrias de embalagens. A licenciatura era utilizada no período noturno, quando lecionava química para o ensino médio na rede pública estadual de São Paulo. Era um complemento salarial que me trazia muito prazer, mas não passava de complemento. E assim foi por alguns anos.

Encorajada pela pintura em tela dos cursos livres que fazia até então, em 2003, ingressei na faculdade de artes visuais, no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo; queria aprimorar minha formação, além dos “cursos livres” em ateliês e oficinas. Minha opção foi por um curso que me desse maior embasamento, um diploma de graduação em artes visuais. O curso era fascinante e me dediquei; tinha a cada dia uma descoberta e nova realização. Fui deixando a indústria química aos poucos. Pedi demissão, fiquei trabalhando por um tempo como consultora em algumas empresas, aumentei minha carga horária como professora de química e a paixão pela educação foi aumentando, assim como pelas artes. Acredito mesmo que permaneci na indústria de tintas por aproximadamente 15 anos pelo contato com as cores, as misturas dos pigmentos e corantes, a ludicidade da criação.

Alguns “atropelos da vida” – digo, problemas de relacionamentos na família – foram acontecendo e me deixando psicologicamente mal; isto lá por 2003, 2004. Naquele momento, eu já vivia a arte como forma de expressão, fuga ou desabafo através dos trabalhos plásticos. Até então, a linguagem com que mais me identificava era a gravura. Fiz algumas exposições, vendi algumas obras e reportagens na mídia. A paixão pelas artes aumentava e me ajudava; eu produzia de maneira acelerada.

No final do ano de 2004 fui acometida por uma doença grave, só diagnosticada em março de 2005. Estava com Linfoma e precisei da quimioterapia. O tratamento foi feito, fui muito bem assistida e tudo foi encaminhado de maneira dolorosa, mas tranquila. Sem muitas intercorrências, porém, já não me era autorizado utilizar a linguagem da gravura em metal e ou xilo ou linoleogravura, que eram as linguagens artísticas que vinha utilizando. Em 2003 e 2004 havia feito a iniciação científica em gravura, desenvolvendo um processo não tóxico de gravação e impressão das obras de arte, mas os ateliês da técnica da gravura apresentavam alta toxidade e não era possível continuar a utilizá-los.

O módulo “cerâmica” havia sido iniciado no curso de artes visuais no segundo semestre de 2004, momento em que percebi o primeiro sintoma da doença, mas nem tinha a ideia do mal que habitava meu corpo. Penso ser importante frisar a observação dos médicos quanto à relação da doença com os momentos turbulentos que passei no ano anterior e meses

que antecederam a doença, momentos que chamei de “atropelos da vida”, cheios de tristeza sem fim naquele momento.

O ateliê de cerâmica se tornou uma segunda morada. Amando toda a arte e não deixando nenhuma linguagem de lado, a minha dedicação à cerâmica extrapolava os horários de aula e me tornei frequentadora assídua do ateliê de cerâmica nos horários livres.

Eu me emociono agora pelas lembranças e relatos desses momentos. Recordo-me do profissionalismo e atenção dos técnicos do ateliê, Sérgio Barrero e Yuuki Nakatani, e também da professora mestra Zandra Coelho que agregava grande conhecimento e doçura às características anteriores.

Todos os meus trabalhos traziam a expressão do momento em que vivia. Muitas vezes intuitivamente me expressava com trabalhos que denotavam os problemas familiares. Desde então, a cerâmica “ocupou” a minha vida. Mais tarde, quando deveria me decidir sobre qual trabalho ou qual linguagem eu me especializaria, não tive dúvida. Decidi pela cerâmica. Esta resolução pela cerâmica gerou um trabalho de conclusão de curso com 72 páginas e um trabalho plástico intitulado *Intersecções Femininas*, onde me aprofundei nas pesquisas poéticas e agreguei meu conhecimento artístico/cerâmico à química. O estudo do barro, a secagem, a queima e a montagem da obra juntaram-se à poesia e à expressão artística.

Ao concluir a graduação decidi que seguiria a carreira acadêmica e para tanto comecei pelo *lato sensu* em arteterapia. Este curso, além de me ajudar no esclarecimento de dúvidas relativas aos relacionamentos familiares e autoconhecimento, me ajudaria também a entender melhor esta coisa da “arte como forma de expressão”. De fato, este curso foi providencial na minha vida pessoal e profissional. Durante o curso realizei uma pesquisa sucinta analisando meus trabalhos plásticos, com embasamento psicológico e acompanhamento de profissionais da arte e da psicologia.

Considerei o meu trabalho de conclusão da graduação em artes visuais, intitulado *Intersecções Femininas*, como o início do trabalho de conclusão do *lato sensu* em arteterapia. Este estudo me propiciou a análise e entendimento de uma série de acontecimentos da minha vida, que foram expressos no trabalho plástico; e do modo como foram expressos, literalmente, entendi os alicerces da arte como expressão.

O trabalho plástico a que me refiro consiste em uma escultura com 1,73 m de altura, robusto, claro e forte, e me permitiu pesquisar inquietações femininas desde a pré-história até a arte contemporânea justificando a minha pesquisa poética.



Imagem 1 – Intersecções femininas
Cleide Vieira, 2006
Escultura em cerâmica – alta temperatura
173 cm x 154 cm x 93 cm

Os estudos arteterapêuticos desta escultura final, que foi o meu foco no trabalho de conclusão, mostraram-me inserida na obra de arte e a continuidade de *Intersecções Femininas*

deu origem ao trabalho *Questões Arteterapêuticas no Fazer Poético do Artista*, onde analisei e estudei cada detalhe do trabalho escultórico com embasamento teórico e prático.

Os benefícios da construção tridimensional com o barro também ficaram claros no período de entre os anos de 2007 a 2010 em que trabalhei como voluntária em uma ONG de profissionalização de deficientes intelectuais adultos. Ministrei cursos e estive à frente de oficinas de construção de peças tridimensionais com argila; foi prazeroso observar a lida com o material e o quanto a argila lhes fazia bem como meio de expressão e de forma lúdica. A cada experiência eu me sentia mais instigada a aprofundar uma pesquisa dos benefícios da construção cerâmica. Quais são os reais proveitos de se trabalhar com o material “barro”?

Em 2011, quando ingressei na Faculdade Paulista de Artes para lecionar cerâmica no curso de artes visuais, pude perceber bem de perto o quanto a argila era valiosa na sala de aula. Havia uma gama bastante alta de possibilidades de trabalhos a desenvolver em sala de aula, que nos permitia (a mim e aos docentes) produzir e estimular a produção de docentes (alunos das escolas onde meus alunos trabalhavam) a partir de uma ou de outra proposta artística. Observávamos as obras uns dos outros e tecíamos comentários; enfim, exercitávamos diariamente a proposta triangular de Ana Mae Barbosa. Eu sempre escutava comentários dos docentes afirmando categoricamente que “as crianças davam sossego quando trabalhavam com argila”.

Comecei a atentar-me mais aos relatos desses docentes que lecionavam ainda como professores eventuais a disciplina de artes no ensino fundamental I e II em escolas públicas municipais ou estaduais da cidade de São Paulo ou municípios vizinhos. Os relatos eram recorrentes e o discurso se repetia: “as crianças, ao trabalharem com a massinha de modelar, ou com a argila, ficavam quietas”. “Davam sossego”. Ficavam compenetradas na atividade tridimensional que estavam desenvolvendo na sala de aula. Eram esses os momentos em que os professores tinham mais envolvimento dos educandos na sala de aula e as crianças se empenhavam em ter um melhor aproveitamento na atividade em desenvolvimento.

A modelagem os “acalmava”, diziam meus alunos e professores daquelas crianças. Além de despertar um diálogo sobre as atividades entre as crianças e fomentar discussões em torno dos trabalhos que estavam desenvolvendo.

Estas aulas eram planejadas para as crianças do ensino fundamental como uma aula geral de artes, ou seja, não havia um planejamento específico para a disciplina de artes dirigida para a modelagem da argila, e que, seguindo o processo criativo do material, poderia se tornar uma peça decorativa ou utilitária e, ainda mais, se tornar **cerâmica**. Algo que

naquele momento poderia ser apenas um trabalho escolar isolado, mas que posteriormente poderia se tornar um trabalho interdisciplinar ou transdisciplinar na escola.

Além dos relatos desses docentes do curso de licenciatura a quem eu lecionava, sempre que recebia a visita dos meus sobrinhos em meu ateliê, eles ficavam felizes ao verem os meus trabalhos expostos e pediam para “fazer argila”. E quando estávamos “fazendo argila” percebia que brincavam com seriedade. Queriam ver o resultado da peça pronta e, na próxima visita, queriam vê-la queimada. E levavam suas produções para casa satisfeitos. Era uma brincadeira de criação. Na minha concepção criavam peças decorativas, mas para eles eram brinquedos e até utilitários. Quando queriam criar objetos específicos, recorriam a mim e sob uma breve explicação ou demonstração davam forma aos seus pensamentos.

Iam surgindo inquietações em mim. Por que a argila acalma as crianças? Por que se tornam pequenos construtores de brinquedos? Por que ficam tão sérios enquanto “trabalham”?

Trabalhar com o barro, tocá-lo e construir com ele. Dar corpo a um pensamento é lúdico. Nós, professores, sabemos da importância da ludicidade no processo de ensino-aprendizagem. E, no senso comum, os pais são estimulados a propiciar a ludicidade entre as crianças através de brincadeiras e jogos. Com minha experiência de vida e profissional, conheço a importância da construção tridimensional na vivência cotidiana como meio de expressão, dentro das técnicas que utilizava na graduação e hoje utilizo em atelier para a construção artística e por que não dizer a reconstrução da vida. O barro traduz a possibilidade de criação e “re-criação”

A artista plástica/escultora Louise Bourgeois foi altamente influenciada pelo surrealismo e o primitivismo; seus trabalhos são carregados de simbolismo. Ela traz para a arte as suas histórias, cada trabalho seu é carregado pela sua vida. Com a sua produção *Faço, desfaço, refaço*, Louise Bourgeois buscava a possibilidade de reconstrução das suas vivências.

A arte é um privilégio, uma benção, um alívio. Nascer artista é ao mesmo tempo um privilégio e uma maldição. Privilégio porque quer dizer que você é favorito, que o que você faz não é completamente seu crédito, nem deve completamente a você, mas um favor que lhe foi concedido. É privilégio fantástico ter acesso ao inconsciente. Eu tive de merecer este privilégio e exercê-lo. Faço escultura por necessidade, não por diversão. Não me divirto nem um pouco – na verdade, tudo o que faço é um campo de batalha, uma luta até o fim. (BOURGEOIS, 2006).

A construção tridimensional favorece a organização espacial, e vívido-espacial, pois, ao realizar um trabalho manual – neste caso, a modelagem –, é necessária a utilização da visão coordenada com o aspecto motor, a motricidade. Isso acontece porque a criança precisa executar o movimento integrado com a visão.

A propedêutica do barro, por ser um material mole, lúdico, de tocar, cria no ser a possibilidade de “criar”, “des-criar” e “re-criar”. E é isso que eu faço em meu trabalho.

Quando estou no ateliê, eu crio peças tridimensionais, reinvento a mim mesma, numa busca constante que talvez não saiba do quê. Estou me re-criando. Mas quando estou na sala de aula com os adultos, ensinando-os a ensinar, tenho plena convicção do que estou construindo. E quero fazê-lo melhor a cada dia.

Sei exatamente onde chegará cada palavra que eu disser e sei também da responsabilidade de estar ali, frente aos futuros formadores que ensinarão o futuro. Ensinarão os meus netos a criarem e re-criarem os seus futuros.

É isso, quero as crianças com fartura e que sejam donos de sítios e felizes, como disse a nossa Cora Coralina ao terminar o seu poema sobre a terra no início desta introdução.

2 DESENVOLVER-SE NO BARRO: AS FERRAMENTAS

Arte é,

Em seu significado mais geral, todo conjunto de regras capazes de dirigir uma capacidade humana qualquer. Era nesse sentido que Platão falava da arte e, por isso não estabeleceu distinção entre arte e ciência. Arte para Platão, é a arte do raciocínio, como a própria filosofia do seu grau mais alto, isto é, a dialética; Arte é a poesia, embora lhe seja indispensável a inspiração delirante [...] (ABAGNANO, 2007, p. 92).

A arte é escrever por imagens. Imagem é o resultado de um pensamento estruturado, uma projeção da mente.

E, quando escutei, lá atrás, durante as aulas ministradas no curso de licenciatura, os docentes que lecionavam ou estagiavam comentando que as crianças “davam sossego” enquanto desenvolviam atividades tridimensionais, pensei no que eles estavam dizendo. Pensei não nos “meus”, mas nos docentes dos meus docentes. O que estariam fazendo aquelas crianças enquanto “davam sossego”?

Estavam criando! Estavam dando forma aos seus pensamentos. Não tenho ideia da forma que estruturavam naquele momento, mas era a estrutura dos seus pensamentos, da sua vida, da sua cultura. E não é importante a forma que uma criança dá ao seu pensamento no momento em que está criando. Suas habilidades motoras se desenvolvem e a estética é aprimorada. As ideias se organizam melhor com o crescimento da criança. O que mais importa é que estavam desenvolvendo a linguagem que é a significação de símbolos. Os seus símbolos significantes eram as peças que estavam modelando.

A evolução do processo de desenvolvimento da criança pode ser evidenciado por sua criação artística. De acordo com Ferreira (2008), a criança deve ter estímulo ao desenvolvimento do olhar, da observação e da criação artística, podendo este processo ser chamado de alfabetização visual.

Os trabalhos plásticos das crianças caracterizam cada uma das suas fases de crescimento, sejam estes trabalhos representados através do desenho, da pintura ou modelagem. Assim como a linguagem escrita e falada é a tradução do pensamento, é um dispositivo necessário a todo ser humano. O processo educativo cultural é beneficiado pela arte e instaura afinidades com outras disciplinas no processo educacional. A arte é fundamental para estimular o crescimento de todos, inclusive das crianças por todo o repertório que está por desenvolver.

“Não é possível estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem sonhar, sem cantar, sem pintar, sem esculpir, sem cuidar da terra, das águas, sem filosofar, sem pontos de aprender, sem ensinar.” (FREIRE, 2007, p. 58).

A criança, desde o seu nascimento, começa a descobrir-se por corpos, por volumes. Bebês recém-nascidos, apenas alguns momentos após o nascimento, são capazes de ver objetos a uma distância de 20 a 25 centímetros do seu rosto. O seu primeiro contato com o mundo é a visão através das formas. Ele ainda não vê o mundo colorido. Vê as formas. Para ele, o mundo ainda é visto em preto e branco, prioritariamente, pois são os maiores contrastes.

Por volta dos cinco meses de idade, a criança começa a dirigir o seu olhar, dominar os movimentos dos olhos, aliando-os aos movimentos das mãos e do corpo. Com essa coordenação motora, a criança começa a desenvolver a visão tridimensional, inicia o processo de percepção da profundidade. Concomitante a esse desenvolvimento, a evolução da visão em cores vai acontecendo e, em média, começa aos nove meses a segurar com destreza objetos entre os seus dedos, indicador e polegar. Nesta mesma fase, o bebê começa a se levantar do chão e ter a visão diferente do mundo ao seu redor. Bem pouco depois, o bebê começa a medir distâncias curtas. No processo evolutivo, a tridimensionalidade está ligada ao desenvolvimento do ser humano desde os primeiros momentos de vida.

O tridimensional nos convida ao movimento, às descobertas. “Gire para saber o existe por trás”. A arte tridimensional é basicamente a criação de formas, criação de corpo. Nesta linguagem artística é oferecido corpo ao pensamento. A criança vê, faz e interage com o trabalho criado.

Aqui a superação é precisamente o trabalho de uma matéria plástica. A educação deve entregar *no tempo certo* às crianças matérias de determinada plasticidade que convenham mais às primeiras atividades materialistas; sublima-se assim a matéria mediante a matéria. Infelizmente o nosso ensino, mesmo o mais inovador, fixa-se em conceitos: nossas escolas elementares só oferecem um tipo de terra para modelar. A plasticidade da imagem material necessitaria de mais variedade de moleza. As *idades materiais* poderiam ter determinações mais acuradas se se multiplicassem os estudos sobre a *imaginação material*.

Mais tarde, uma imaginação normal *deverá endurecer*, precisará conhecer tanto a madeira como a pedra, o ferro afinal, se quiser ter acesso à virilidade máxima. Mas a imaginação se forma melhor tendo vivido um período suficientemente longo de trabalho plástico. Quem manipula a massa na hora certa tem chances de se tornar uma boa massa. A passagem do mole para o duro é delicada. As tendências para a destruição surgem sobretudo como desafios contra os objetos sólidos. A massa não tem inimigos. (BACHELARD, 2008, p. 87).

O ideal no crescimento da criança é que ela desenvolva as quatro funções mentais básicas durante as brincadeiras infantis. Estas funções mentais – o sentimento, a sensação, a intuição e o pensamento – são estendidas durante as brincadeiras infantis. Todos esses

aspectos são relacionados. Não há como trabalhar um sem que outro aspecto seja afetado. A compleição da criança faz com que um dos aspectos se desenvolva mais que o outro. Segundo Herbert Read (2001, p. 134),

A partir do aspecto do sentimento, o lúdico pode ser desenvolvido, por meio da personificação e da objetivação, em DRAMA.

A partir do aspecto da sensação, o lúdico pode ser desenvolvido por meio da auto-expressão, em FORMA visual ou plástica.

Do aspecto da intuição, o lúdico pode ser desenvolvido por meio das atividades construtivas, em DANÇA e MÚSICA.

Do aspecto do pensamento, o lúdico pode ser desenvolvido, por meio das atividades construtivas, em ARTESANATO.

Sem entrar no mérito do que é arte, ou do que é artesanato, este último é uma atividade construtiva que leva a desenvolver o pensamento pelo seu aspecto lúdico. Ao construir com o barro, dá-se forma, cria-se a forma do pensamento. “A forma inclui pintura, desenho, e modelagem. O artesanato inclui medidas (aritmética elementar e geometria)” (READ, 2001, p. 248).

A arte é, por si só, educacional, mas se falamos da interdisciplinaridade do barro, falamos da matemática, das ciências químicas, físicas e biológicas, da língua portuguesa, da geografia, da história.

Com essa afirmação não quero de forma alguma instrumentalizar o curso de cerâmica ou a criação com o barro, as obras criadas ou “os meus educandos”. Existe, sim, a possibilidade de trabalhar diversas disciplinas do currículo escolar formal por meio do trabalho executado no ateliê de cerâmica. Mas a possibilidade mais importante é a da humanização do docente. Humanizar o educando que se descobre como autor, não se perde na quantidade de conhecimentos, de conteúdo. O educando se relaciona com os colegas, com o seu trabalho, com a vida, faz-se autônomo, torna-se o executor do que se tornou. Tem a liberdade de construir, de conhecer e conhecer-se. Neste sentido, posso citar o aporte de Paulo Freire (1996, p. 10, grifo do autor), a quem eu sigo acreditando na “Educação como prática da liberdade”, em entrevista a Adriano Nogueira e Joana Lopes, na obra *Reencontrar o corpo: ciência, arte, educação e sociedade*:

Paulo Freire – [...] Vejam vocês, Joana e Adriano, neste mesmo exemplo dado, de propor a um Jovem que ele vá de encontro a seu próprio caminhar. Ao jovem que se inicia na compreensão e no fazer artístico, quando tu pedes a ele que “ande como normalmente caminha” talvez a primeira descoberta dele seria a percepção de que ele não pode fazer isso. E por que?. Porque o que ele produzir será um “andar cotidiano produzido”. Ora, quando descobriu que não pode caminhar “como sempre o faz” mas que, não obstante, pode e é capaz de criar... certamente descobriu muitas coisas aí. Descobriu uma série de reflexões sendo feitas.

São descobertas que exigem reflexão com subjetividade. Em seguida, demandam refletir sobre as interações desta subjetividade. Em primeiro lugar, eu diria, este jovem descobriu *que não anda só. Nunca caminha só*. Por dentro da aparência de “estar só” existe toda uma memória de “estar acompanhado”. As compreensões que daí emergem denotam um “coletivamente”, como dissemos aqui.

Em segundo lugar eu diria que o Jovem vai descobrindo que, quando caminha, ele traz para o processo de andar uma série de relações que estabelecem o jeito de andar *deste ou daquele modo*. Que é que eu digo com isso?. Digo que uma pessoa caminha de um jeito se estiver tranquila, passeando. A mesma pessoa caminha de outro jeito se sentir-se perseguida. E mais, caminha de um terceiro jeito se estiver namorando. E há um quarto jeito de andar, se esta pessoa estiver aflita, perdendo hora de entrar em serviço. E assim por diante.

O que me chama a atenção, Joana, neste trabalho é que o Artista joga muito com o movimento (no andar) a respeito de cuja causa quem estaria interessado é o sociólogo, o psicólogo, o antropólogo, o terapeuta ocupacional... e também o físico, em certa dimensão. O que faz o Artista aproximar-se daquele movimento e buscar a expressão dele, **criar uma linguagem**. O trabalho do Artista capta e expressa um conjunto de emoções estampadas no corpo, pelo corpo. Capta expressões sem preocupar-se em definir previamente um porquê ou um enquadramento.

2.1 O TRIDIMENSIONAL NA AULA DE ARTES

Esta pesquisa foi desenvolvida com crianças de sexto a nono ano do ensino fundamental. A faixa etária desse público permeia entre os 10 e 14 anos de idade. Embora cada educando seja único pela sua história, vivência e cultura, considero importante descrever, mesmo que sucinto, como acontece o desenvolvimento do trabalho artístico das crianças a partir desta fase para que encontremos os fundamentos da tridimensionalidade do projeto desenvolvido.

Segundo Viktor Lowenfeld (1977), o realismo nascente e o pseudo-naturalista compreendem estes estádios etários esquemáticos do desenvolvimento da criança e relata que, a partir dos dez anos de idade, a atividade artística deixa de ser espontânea, inicia a busca da sua própria personalidade. As produções são mais simbólicas do que representativas, apresentam maior detalhamento. A criança passa a ter maior consciência de si e do meio em que vive e exprime isso nos seus trabalhos, dando mais detalhes aos objetos, trabalhando a proporção e noção de profundidade. As representações artísticas ficam mais racionais, porém já não tem satisfação em mostrar e explicar aquilo que produziu.

A criança adquire maior consciência visual e noção de proporcionalidade entre as diferentes partes que compõem o trabalho. Embora estabeleçam maior diferenciação nas características do menino e da menina, as apresentam imóveis. Já não usa o exagero, despende

mais atenção aos detalhes. Começam a serem mais críticos e isto os leva a bloqueios relativos à produção artística.

Relacionado à cor, nesta faixa etária, as crianças percebem maiores diferenças tonais, entretanto, ainda não se pode chamar de perfeita percepção visual, pois não entendem os efeitos da incidência da luz nos objetos e na variação da cor. Elas dão mais importância à cor e ao objeto representado. O desenho é representado com maior dinamismo entre as suas partes. É possível a percepção de uma linha horizontal, ainda sem o raciocínio de profundidade e horizonte. No entanto, a consciência dos planos e da sobreposição e a percepção de que um elemento da composição do trabalho oculta o outro já é adquirida.

Neste estágio, uma vez que as crianças estão mais observadoras e se atentam mais para as peculiaridades das formas, deve ser oportunizado a elas o contato com elementos naturais para que estabeleçam as diferenças entre as características desses elementos e estimulem a percepção visual. Também é importante a inserção de diferentes materiais para exploração nas atividades artísticas. Este é o período em que as crianças começam a compreender as qualidades dos materiais e suas diferentes funções. Possuem maior coordenação motora, por isso iniciam a representação tridimensional mais detalhada e em maior dimensão.

O foco do processo escultórico, segundo Lowenfeld (1977), nesta fase, deve estar no processo criativo e não na obra escultórica concluída.

O período da adolescência, pseudonaturalista, que compreende a idade entre dez e quatorze anos, é caracterizado por grandes alterações do estado físico, emocional e cognitivo do adolescente. Este está em constante descoberta da sua identidade e de tudo ao seu redor. Isto é refletido artisticamente pela finalização da sua expressão espontânea através do desenho. Sua atuação é mais racional. Este jovem faz-se mais crítico da sua produção, o que pode bloquear a sua expressão por meio da arte por acreditar haver muita distância pictórica entre a sua produção e o resultado esperado. Preocupa-se com a imagem que transmite aos outros.

O professor deve criar um ambiente favorável à criação desinibida do educando, valorizar os atributos positivos da sua produção e dar-lhe o conhecimento necessário para que alcance o resultado esperado, pois este é um período em que despende maior preocupação com a imagem que transmite.

Segundo Lowenfeld (1977, p. 320),

Um problema prático como construir uma estrutura tridimensional pode, muitas vezes, desafiar os alunos, principalmente se houver alguma dúvida implícita sobre a sua capacidade real para resolvê-lo. Esse projeto poderá, quase sempre, tornar-se tão monopolizador, que servirá como base para envolvê-los nas áreas artísticas mais distintas.

2.2 “... À SUA IMAGEM E SEMELHANÇA...”. FAZER UM CORPO PARA UM PENSAMENTO...

Eu me pergunto: Será por isso que o barro nos permite continuar depois? Por que precisávamos ser iguais a Deus e Ele precisou retocar várias vezes até que a *imagem* nos retratasse à sua semelhança? Ou Ele criou com o barro para poder retocar?

A imagem antecede a palavra e antecede também o fazer artístico. É estrutura visual por também ser estrutura mental. Ela é formada na mente do indivíduo antes que lhe seja atribuído um corpo. Quanto mais a criança se relaciona com o seu meio social e cultural, mais ela desenvolve a sua capacidade imaginativa e, conseqüentemente, a sua criação artística, reproduzindo mentalmente características retiradas da realidade no decorrer do processo imaginativo.

A capacidade imaginativa e criativa dá origem, então, a um objeto estruturado, a uma obra de arte, a obras literárias, e essas criações tomam corpo por meio de símbolos ou signos buscados no psiquismo. Antes mesmo de a imagem ter sido corporificada, ela já existe. O conhecimento do mundo e o desenvolvimento cognitivo são atributos necessários para a criação artística, ou seja, para a representação dessa imagem mental, que se dá através dos signos, da percepção, da memória, imaginação, fantasia etc.

A criança dá volume à imaginação utilizando imagens que representam semelhanças com objetos da sua cultura e assim também se relaciona com o mundo por meio da sua criação.

2.3 O BARRO

Por que o barro? Por que não o barro? Por que nos sujarmos? Nós nos sujamos.

Quando toda a minha produção artística foi dirigida para a construção da cerâmica, eu a justifiquei pela competência do barro à criação. Pela terra tudo germina, a cerâmica agrega os quatro elementos da natureza. O resultado da produção são peças escultóricas ou utilitárias.

As características próprias da argila criam uma proximidade com o feminino de que quero falar. O barro exige um manuseio, uma certa carícia antes da utilização. De temperamento forte, o barro precisa ter uma organização das suas moléculas, eliminação da água e das bolhas, um critério todo particular de secagem conforme o trabalho a ser realizado, sem contar o mistério da queima, que depende de todo o preparo anterior, de posicionamento no forno e temperatura. Diante de todo este método, tem seus momentos de flexibilidade e mesmo depois do trabalho pronto, este pode ainda estar frágil e delicado, a junção das placas de tamanho razoavelmente pequeno diante do todo, formam então um corpo grande e articulável. (VIEIRA, 2006, p. 36).

Nesta pesquisa, o resultado são crianças que sentiram o barro entre os dedos. Modelaram, se sujaram, se limparam, conversaram, criaram, ocaram, secaram, queimaram, expuseram e ensinaram. Produziram e estudaram. Criticaram, deram opiniões. Aprenderam! E depois ensinaram o que aprenderam. Passaram por todas as etapas de fazer cerâmica. O barro é uma matéria particularmente de criação tridimensional, estimula os sentidos. Ele tem temperatura, cheiro, cor, corpo e temperamento. Ele nos remete à infância, ao mexer na terra, à construção de formas.

2.4 POR QUE A CRIANÇA QUIS FAZER?

Quando a Analuisa mostrou a mão cheia de lama (figura 20) me veio à memória Boutonier (apud BACHELARD, 2008, p. 87), na sua tese sobre a *Angústia* (cap. VIII), quando diz:

Mesmo admitindo que a criança pequena não mostra espontaneamente repugnância pelos produtos da defecção... hesitamos em acreditar que, entregue a si mesma, poderia encontrar por muito tempo com o que satisfazer as aspirações de sua natureza em semelhantes objetos. É bem verdade que o bebê gosta de brincar na lama e de se sujar precisamente na idade em que está renunciando à livre atividade de seus esfíncteres e às manifestações que estes provocam nele.

O trabalho com o barro é lúdico? O trabalho, em nível sensorial com o barro, desperta sensações agradáveis que nos remetem à infância. Como é sabido na pedagogia, é por meio das atividades lúdicas que a criança encontra o bem-estar mental. A continuidade do trabalho sensorial no ateliê, por vezes, resultou em uma obra aleatória e, em outros momentos, em

trabalhos previstos; a respeito dos trabalhos inesperados, ou aleatórios, ao final, a criança se via com uma peça que “foi saindo da cabeça”, como elas diziam ou algo predeterminado.

Para que os educandos tenham um real estímulo para se envolverem com o universo artístico, as atividades devem ser sempre motivadoras, devem ser agradáveis e ter o grau de complexidade elevado gradativamente. Novos conceitos e desafios devem ser instaurados. Os educandos criaram, fruíram e contextualizaram. Formaram a triangulação da proposta de Ana Mae Barbosa (2003) em suas concepções, de maneira intuitiva e divertida. A criança cria por necessidade de comunicação ou para externar sensações. A criança cria para crescer.

Essas expressões podem acontecer por diferentes maneiras de expressão. O fato de produzirem arte cerâmica, trabalhos tridimensionais, darem forma e corpo aos pensamentos os ajudaria no crescimento intelectual e na sua educação pessoal e formal.

A obra de arte sempre aguça os sentidos, ou os órgãos de percepção e a forma é sempre presente em todas as linguagens artísticas visuais, na pintura, no desenho ou na escultura, embora o mais comum na linguagem cerâmica seja a obra tridimensional. Como já foi dito neste trabalho, com a cerâmica existe a criação do corpo para um pensamento. O barro é um material que nos permite criar, desmanchar, recomeçar. Também pode ser para terminar agora ou depois.

A construção com o barro não é instantânea, só é necessário que ele seja cuidado e ele nos espera; é necessário planejar o fazer artístico. Além de poder reciclar antes da queima. É bastante versátil. Pode virar um objeto de arte decorativo, ou de uso doméstico e ainda um brinquedo. A possibilidade de correção da forma é infindável, o que pode também caracterizar um contentamento pela sua utilização. Como dito por Castro Silva (2010, p. 133),

Aproximada ao desenho pela faculdade em formalizar um pensamento, a modelação admite hesitações pela possibilidade de remissão do gesto, permitindo uma quase perpétua correção da forma pela plasticidade dos materiais que se empregam nesta técnica.

3 EDUCAÇÃO: ARTES OU ARTE-EDUCAÇÃO

A importância do ensino das artes é inquestionável na educação escolar. Este assunto tem sido muito discutido como parte do desenvolvimento, crescimento e progresso pessoal e cultural dos discentes do ensino brasileiro. A arte é uma pulsação interior do todo cultural de um povo, de uma comunidade, de uma pessoa.

Embora tenha o cunho emocional na criação artística e em alguns momentos possa ser utilizado como fundamentação poética, não é este o objeto a ser investigado integralmente. A veia de pesquisa deste trabalho é a utilização da cerâmica como instrumento pedagógico e transdisciplinar. A arte é fonte de sapiência e compreensão. Segundo Ana Mae Barbosa (2003, p. 23), a arte não deve ser ensinada dando-se destaque especial às emoções, ou como recreação: “Se a arte não é tratada como conhecimento, mas somente como um ‘grito da alma’ não estaremos oferecendo uma educação nem no sentido cognitivo, nem no sentido emocional. Por ambas a escola deve se responsabilizar”.

Ao iniciar o relato de todo o processo de desenvolvimento do meu projeto de pesquisa, eu me vi na necessidade de compreender e comunicar as bases da arte educação. Para iniciar a descrição dessa base, trouxe um trecho dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que trata especificamente do ensino de artes nas escolas de ensino fundamental, por ser bastante familiar para nós, professores:

Após muitos debates e manifestações de educadores, a atual legislação educacional brasileira reconhece a importância da arte na formação e desenvolvimento de crianças e jovens, incluindo-a como componente curricular obrigatório da educação básica. No ensino fundamental a Arte passa a vigorar como área de conhecimento e trabalho com as várias linguagens e visa à formação artística e estética dos alunos. A área de Arte, assim constituída, refere-se às linguagens artísticas, como as Artes Visuais, a Música, o Teatro e a Dança.

A área de Arte que se está delineando neste documento visa a destacar os aspectos essenciais da criação e percepção estética dos alunos e o modo de tratar a apropriação de conteúdos imprescindíveis para a cultura do cidadão contemporâneo. As oportunidades de aprendizagem de arte, dentro e fora da escola, mobilizam a expressão e a comunicação pessoal e ampliam a formação do estudante como cidadão, principalmente por intensificar as relações dos indivíduos tanto com seu mundo interior como com o exterior.

O aluno desenvolve sua cultura de arte fazendo, conhecendo e apreciando produções artísticas, que são ações que integram o perceber, o pensar, o aprender, o recordar, o imaginar, o sentir, o expressar, o comunicar. A realização de trabalhos pessoais, assim como a apreciação de seus trabalhos, os dos colegas e a produção de artistas, se dá mediante a elaboração de idéias, sensações, hipóteses e esquemas pessoais que o aluno vai estruturando e transformando, ao interagir com os diversos conteúdos de arte manifestados nesse processo dialógico.

Produzindo trabalhos artísticos e conhecendo essa produção nas outras culturas, o aluno poderá compreender a diversidade de valores que orientam tanto seus

modos de pensar e agir como os da sociedade. Trata-se de criar um campo de sentido para a valorização do que lhe é próprio e favorecer o entendimento da riqueza e diversidade da imaginação humana. Além disso, os alunos tornam-se capazes de perceber sua realidade cotidiana mais vivamente, reconhecendo e decodificando formas, sons, gestos, movimentos que estão à sua volta. O exercício de uma percepção crítica das transformações que ocorrem na natureza e na cultura pode criar condições para que os alunos percebam o seu comprometimento na manutenção de uma qualidade de vida melhor. A dimensão social das manifestações artísticas revela modos de perceber, sentir e articular significados e valores que orientam os diferentes tipos de relações entre os indivíduos na sociedade. A arte estimula o aluno a perceber, compreender e relacionar tais significados sociais. Essa forma de compreensão da arte inclui modos de interação como a empatia e se concretiza em múltiplas sínteses. O conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que nossas experiências geram um movimento de transformação permanente, que é preciso reordenar referências a cada momento, ser flexível. Isso significa que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender. Ao aprender arte na escola, o jovem poderá integrar os múltiplos sentidos presentes na dimensão do concreto e do virtual, do sonho e da realidade. Tal integração é fundamental na construção da identidade e da consciência do jovem, que poderá assim compreender melhor sua inserção e participação na sociedade. (BRASIL, 1998, p. 19).

A educação, baseada nas artes visuais, necessita que, além da produção artística, haja a interação com a obra de arte produzida e a contextualização do trabalho realizado. A obra de arte não é contemplativa, a fruição se faz necessária e deve trazer questionamentos. A proposta triangular de Ana Mae Barbosa (2003), além de estimular a criatividade que já é nata no ser humano, favorece o processo de aprendizagem e propicia o melhor enfrentamento do mundo aos educandos.

Esta investigação, em que é ministrado o curso de cerâmica às crianças estudantes do ensino fundamental II da Escola Municipal Felipe Lutfalla, no Município de Mairinque, foi realizada com base na abordagem triangular sistematizada no Brasil por Ana Mae Barbosa, com a preocupação e o cuidado de propiciar aos educandos uma educação artística integral na contemporaneidade, para além dos vícios históricos da arte meramente como atividade. Portanto, antes de iniciar a descrição do trabalho desenvolvido, há necessidade de situar a definição da referida abordagem.

A proposta da abordagem triangular foi instaurada na educação a partir da década de 1980. Antes disso, aula de artes nas escolas era corporificada pela educação artística, que havia sido estabelecida no ano de 1971.

A Profa. Dra. Ana Mae Barbosa não tinha a pretensão de ser professora. Sua grande probabilidade de formação seria o direito, porém os preconceitos da época a forçaram a seguir o magistério. Sob a influência da família, Barbosa buscou um curso preparatório para concurso público. Neste curso preparatório, Barbosa teve aulas com Paulo Freire. Em entrevista à Revista Educação, ela relata esse encontro:

Paulo Freire me pegou em um momento em que eu reagia à educação e me convenceu que educação não é repressão, pode ser um processo de libertação. Minha família só me deixava trabalhar como professora e eu fui fazer um cursinho para um concurso. Ele era o professor de português. Na primeira aula, ele pediu às alunas que escrevessem por que queriam ser professoras. Eu, odiando aquilo tudo, escrevi por que não queria ser: que estava sendo obrigada pela família, que preferia trabalhar em escritório, que educação não levava a nada e coisas do tipo. No dia seguinte, ele entregou as redações de todo mundo menos a minha. Disse que queria conversar. No dia seguinte, após umas quatro horas de conversa eu saí completamente convencida de que a educação é algo reestruturador do indivíduo. Passei no concurso e ele me convidou para trabalhar com ele. Ficamos muito ligados e mantivemos o contato mesmo durante o exílio no exterior dele e o meu exílio em São Paulo. Filosoficamente, ele é um dos quatro pensadores da educação que norteiam todo o meu trabalho. (BARBOSA, 2011).

A abordagem triangular, podemos dizer, é uma mescla entre a Escola de Paulo Freire e a de John Dewey. A filosofia de Paulo Freire até dispensa comentários, mas vale situar que sua convicção compreendia a junção da prática do diálogo com a realidade vivida pelo educando; foi muito evidenciado pela prática da educação popular tanto na escolarização quanto na consciência política. John Dewey, americano pragmatista, desenvolveu a visão de que se pode ser criativo, fazer arte e, ao mesmo tempo, ser crítico, pois o fazer não é mobilizador. O fazer criativo é transformador da impassibilidade.

Freire foi o grande estimulador de Ana Mae Barbosa como educadora e mantiveram contato ainda por muitos anos, inclusive no período em que estiveram exilados, ele no exterior e ela em São Paulo e John Dewey foi seu objeto de estudo no mestrado. Barbosa estudou documentos de Dewey nunca antes acessados.

A proposta triangular consiste na construção, fruição e contextualização artística, portanto em um ensino-aprendizagem completo. A arte é um instrumento, mas quando assumida como linguagem com o apoio de um pensamento complexo, este instrumento de construção, a arte, transforma a realidade. Se compararmos a arte à linguagem verbal, ou seja, falada ou escrita, ambas têm poderes semelhantes, já que a arte é linguagem verbal e não verbal, e na cultura atual aprendemos a utilizar mais o verbal do que o não verbal. Contudo, é a linguagem não verbal que universaliza os nossos pensamentos e sentimentos e também os relaciona consciente e inconscientemente, no âmbito individual e coletivo. O poder de comunicar, de relacionar e provocar mudanças pessoais e sociais vem da linguagem, que a arte significa mais amplamente.

A arte, quando assumida e estruturada para ensinar, com a peculiaridade da arte-educação propondo os três vértices da triangulação de Ana Mae Barbosa, é transformadora do sujeito. O sujeito que se difere e passa a fazer diferente, na arte ou na cerâmica, por exemplo, o faz na vida; modifica sua vida, inferindo em sua realidade.

Para se aprender, é preciso ver a imagem e atribuir significados a ela. Contextualizá-la não só do ponto de vista artístico, como também socialmente. Eu tenho testemunhado e considero um erro alguns projetos em escolas que priorizam a análise da obra de arte, ou objeto artístico, e deixam de lado o trabalho de organizar suas ideias de maneira a comunicá-las através da imagem, o que é um trabalho poderosíssimo de organização dos processos mentais. Tem que haver um equilíbrio entre os três processos. Outro grande problema atual é que contexto às vezes vira estudo de vida de artistas, o que nem sempre interessa para entender a obra.

Segundo Lowenfeld (1977, p. 320),

Um problema prático como construir uma estrutura tridimensional pode, muitas vezes, desafiar os alunos, principalmente se houver alguma dúvida implícita sobre a sua capacidade real para resolvê-lo. Esse projeto poderá, quase sempre, tornar-se tão monopolizador, que servirá como base para envolvê-los nas áreas artísticas mais distintas.

A criação escultórica é pouco estimulada nas escolas públicas brasileiras. A maior ênfase é dada às criações bidimensionais como o desenho e a pintura. As esculturas são expressões artísticas tridimensionais que podem ser construídas a partir das massas de modelar (massas plásticas), papel machê, argila, ferro, madeira, entre outros materiais.

A realização deste projeto consistiu em descrever como a cerâmica pode ser utilizada na educação, observando as contribuições em sala de aula, como uma ferramenta da pedagogia. Digo ferramenta da pedagogia pela intenção de aplicar as possibilidades técnicas de construção com o barro buscando, além da criação, a fruição e a contextualização, o aprendizado, interação e integração do educando, além de fundamentar a capacidade de utilização das técnicas da construção cerâmica como meios a serem utilizados na interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.

Trato aqui a argila, nomenclatura técnica da matéria-prima de construção cerâmica, por barro, por sentir assim maior proximidade com o material, por soar como poesia em meus ouvidos. “Barro” me é suave, é cheiro de terra molhada. E me permite conversar e me expressar através dele, sabendo que, após transformado em cerâmica, continua ao meu lado.

3.1 A TRIDIMENSIONALIDADE SEGUIDA PELO BARRO. POR QUE NÃO, OUTRO MATERIAL?

A cerâmica é uma maneira lúdica de representação do imaginário, do que existe no mundo interno e externo de cada um de nós. Construída com o barro que já considero lúdico

pela sua plasticidade, maleabilidade, textura e possibilidades de criação, a cerâmica é palpável, é funcional! Pode ser um brinquedo, um utilitário, um objeto de decoração. Possibilita-nos a interação como resultado do trabalho plástico. No caso do barro, as massas, como diz Sara Païn e Jarreau (2001), de uma forma geral, desenvolvem a noção do movimento e das sensações táteis ocasionando no indivíduo o contato com sua forma e textura, assim como a consciência de como o seu corpo interage com o material. No caso da argila, unido a este aspecto estão as características orgânicas do material. Para Gouvêa (1990, p. 59), “A partir da estrutura oculta do barro o homem vem se descobrindo quando pelo calor de suas mãos faz da terra molhada a confidente de imagens carregadas de emoções vividas e por viver. No barro o homem cria e é criado.”.

3.2 MEUS EDUCANDOS E O BARRO. QUE RELAÇÃO É ESTA?

Em agosto de 2012, apresentei meu projeto de intervenção à Escola Municipal Felipe Lutfalla em Mairinque. Esta é uma cidade pequena, com aproximadamente 44 mil habitantes. A escola é também pequena, tem por volta de quatrocentos alunos no total. Afastada do centro da cidade, com as peculiaridades de uma escola de interior, atende as crianças de uma região de chácaras, onde seus pais trabalham como caseiros. Algumas crianças vivem uma situação socioeconômica restrita, com grandes dificuldades financeiras. A merenda (inclusive almoço), o material escolar e o transporte são de responsabilidade da prefeitura. A despesa com transporte se restringe somente à confecção do cartão de estudante, que, embora seja uma taxa anual, alguns pais não têm condições de pagar e as crianças vão para a escola a pé. Alguns chegam a caminhar três quilômetros para ir à escola, mas muitas vezes conseguem carona. Segundo informação da direção da escola, estas crianças com mais restrição chegam ao número de 50% do total de alunos. A maioria das crianças tem afazeres em casa, cuidando de irmãos menores ou ajudando na manutenção e conservação da chácara onde moram e seus pais são contratados como caseiros.

O projeto inicial foi apresentado da seguinte forma (cf. apêndice 1):

- a) as intervenções acontecerão num total de aproximadamente 30 (trinta) horas em encontros semanais de três horas cada, podendo a quantidade de encontros ser revista, conforme necessidade, para realização do projeto ou da escola;

- b) estes encontros devem acontecer na escola, com base em planejamento técnico, prático e teórico previamente aprovado pela direção da escola, em horário extra-aula, podendo ser realizados em sala fechada ou aberta, dependendo das condições da escola e do clima;
- c) quanto às instalações, será necessário: mesas e cadeiras para acomodação das crianças, água em pia ou tanque para realização dos trabalhos e higienização após as oficinas;
- d) o material será disponibilizado por esta que desenvolve o projeto com recursos próprios ou com verba do Governo do Estado de São Paulo, adquirida por solicitação dos recursos ao departamento responsável;
- e) inicialmente, deverão participar do projeto dez crianças indicadas e/ou escolhidas pela direção/coordenação da escola, junto com esta que realizará o projeto. Os critérios deverão ser discutidos anteriormente entre estas partes;
- f) no projeto enviado: análise dos resultados feita em reuniões mensais com a direção e coordenação da escola, que devem assumir o compromisso de trazer os dados do aproveitamento escolar e outras observações que se fizerem necessárias, como comportamento, interação com os colegas etc.;
- g) ao término do projeto, o planejamento, os métodos de realização e os resultados serão disponibilizados à direção escolar;
- h) a direção da escola poderá disponibilizar um funcionário para acompanhar todo o projeto no intuito de treinamento para a continuidade do trabalho, caso seja de gosto e necessidade;
- i) durante a realização das oficinas serão analisados os resultados do projeto no que tange ao comportamento, interações sociais, aproveitamento escolar e outras características que se fizerem necessárias, com base na observação da realizadora, dos professores, direção e coordenação, que devem trazer os dados para discussões em reuniões mensais;
- j) circundando a pedagogia, a arte-educação, a arteterapia e as técnicas da produção da cerâmica artística, a análise do desenvolvimento da pesquisa e da implantação dos métodos propostos, os dados resultantes serão organizados, compilados e discutidos nas reuniões mensais e registrados em fichas individuais dos alunos, gerando um relatório final que terá uma cópia disponibilizada para a escola e outra anexada à dissertação do mestrado.

E assim foi iniciado o desenvolvimento do projeto. Foram selecionados educandos do 6º ao 9º ano. Eu, a direção e coordenação da escola achamos por bem a flexibilidade na seleção, mesclar o grupo com educandos que tivessem problemas de aprendizagem e/ou

disciplinar e educandos que não apresentavam qualquer problema, tendo um critério bem flexível, em que se convidariam crianças interessadas no curso de cerâmica.

As aulas de três horas não seriam possíveis por conta do horário do ônibus escolar, pois os educandos do projeto precisavam ir para a escola mais cedo, no ônibus da escola, e logo começariam as aulas. Como informei, é uma região afastada do centro e os ônibus convencionais têm horário certo para passar e não coincidiam com os horários das aulas.

Esta escola tinha, até o fim do ano de 2013, o horário diferenciado. Como não tinha capacidade para a demanda de alunos, funcionava com três horários (manhã, tarde e noite), sendo que o período da manhã era para o ensino infantil, a tarde para o ensino fundamental I e a noite para o fundamental II.

Devido a uma série de intercorrências, chegamos ao fim do ano e só haviam acontecido quatro aulas de cerâmica.

A dinâmica destas aulas são relatadas abaixo.

Foram utilizadas as mesas onde eram feitas as refeições diárias dos educandos e funcionários da escola, localizadas no pátio. Era uma área coberta e próxima à pia, que estava também ao lado do pátio descoberto. Uma área pequena, mas acolhia o grupo sem problemas.

Os materiais foram levados por mim a cada aula: lonas, argilas, balde/bacia, borrifador de água, estecas (ferramenta de madeira utilizada para dar o acabamento às peças de barro), cortador de argila, rolos para abertura de placas, acessórios para decoração das peças, jornal velho, tábuas para deposição e secagem das peças prontas e transporte, aventais.

Todos me esperavam ansiosos, as oficinas aconteciam às quintas-feiras das 15h às 17h e depois entravam em aula.

Eu transportava todo o material ao ateliê, pois na escola não havia a disponibilidade de local para guardar os materiais e tampouco as peças produzidas.

3.3 O DESENVOLVIMENTO DAS AULAS – PRIMEIRA FASE DO PROJETO

3.3.1 Primeira aula

Todos ansiosos e muito falantes.

Apresentei uma breve história da cerâmica e imagens da cerâmica contemporânea escultórica e utilitária.

As perguntas se repetiam: □ Dona, eu vou conseguir fazer isto?

Ficavam eufóricos com a possibilidade de criação e construção que lhes estava sendo apresentada.

Neste dia lhes entreguei um pedaço pequeno de argila, lhes expliquei a técnica de *pinch* enquanto fazia uma peça.

Os olhos deles permaneciam atentos, e sempre faziam alguma observação, perguntas ou piadas com os colegas.

Fizeram uma pequena peça utilitária nesse dia e ficaram satisfeitos com o resultado.

Antes de deixarem a mesa de trabalho, um dos garotos, depois de alguns olhares de cobrança dos colegas, teve “coragem” e perguntou: □ A gente vai ter nota? Repete de ano também? E todos suspiraram aliviados ao saberem que não seriam reprovados por aquela “disciplina”.

Durante a aula, algumas crianças que estavam em aula de educação física tentavam acompanhar o que estava acontecendo. Era horário de aula de educação física de outra turma e a explicação e nossas conversas ficavam prejudicadas pelo barulho da aula que acontecia ao lado, naquele pequeno espaço descoberto do pátio.

Ao final, recolhi todo o material levado e expliquei ao grupo sobre o cuidado que se deve ter com os materiais, a limpeza do espaço, a ajuda que precisava pra levar até o carro e decidimos que encerraríamos a aula dez minutos antes para que fossem tomadas essas providências.



Imagem 2 – Primeiro dia do curso



Imagem 3 – Educandos se familiarizam com as ferramentas, materiais e com o barro



Imagem 4 – Iniciando a produção – Técnica de Pinch

3.3.2 Segunda aula

Do grupo formado por dez crianças que assistiram a aula na semana anterior, só tinha sete, e mais uma querendo entrar no grupo. Dentre os três faltantes, uma menina não continuaria, pois não havia gostado de trabalhar com o barro, conforme o relato dos colegas, e os outros dois faltantes, um menino e uma menina, simplesmente não queriam ir ao curso, sem qualquer motivo relatado.

E concordamos que a menina interessada entrasse no grupo.



Imagem 5 – Primeiras peças produzidas – Técnica de Pinch

Neste dia foi explicada a importância da sova da argila. Levei algumas peças que estouraram no forno para que fosse melhor ilustrado. Expliquei a espessura ideal da peça e o motivo pelo qual não poderia ser grossa, havendo a necessidade de ocagem.

Entreguei um pedaço de argila para cada um deles e acompanhei a sova, deixando-os livres para modelarem o que quisessem. Passaram o tempo restante modelando e sempre conversando sobre diversos assuntos, inclusive sobre a criação da peça que estavam fazendo. A conversa e troca de ideias foi difícil por estar havendo aula de educação física no pátio. Era uma turma de terceiro ano do fundamental I e fazia bastante barulho.

Um educando que já havia se destacado na semana anterior pelo seu silêncio me chamou a atenção. Ficava sempre muito quieto e pouco olhava para frente ou para os colegas. Não falava sobre o trabalho e mesmo que algum colega lhe perguntasse ele não respondia. Virava o corpo na intenção de esconder o que fazia. Era um menino do nono ano. Ao me informar com a direção, soube que era bom aluno, não tinha problemas com notas ou disciplina. Aparentava já ter afinidade com o barro. Os colegas disseram que ele desenhava muito bem e ele confirmou balançando a cabeça num gesto afirmativo.



Imagem 6 – Modelagem livre

Algumas semanas se passaram e não houve a oficina de cerâmica, pois em uma semana era feriado, na seguinte havia reunião de pais ou conselho de classe, e assim seguiu. As quintas-feiras daquele ano realmente não foram favoráveis para a sequência do projeto e a reprogramação do dia da semana para a realização das oficinas era inviável, pois a disponibilidade das crianças era limitada. A grande maioria ajudava nos afazeres domésticos que eram programados conforme a chegada dos patrões que vinham para suas chácaras no fim de semana, férias ou em dias alternados. Nos dias em que eu estava disponível, as crianças não tinham tempo livre para as aulas.

Após algumas semanas, tivemos o nosso terceiro encontro.

3.3.3 Terceira aula

Mesmo após o período sem as aulas, era perceptível que a empolgação dos nossos primeiros encontros permanecia latente. As crianças mais frequentes apresentavam sempre muito interesse.

Senti a falta de mais duas crianças. Eram somente seis agora.

Os colegas me explicaram que os dois faltantes não viriam mais. Uma menina, porque não tinha gostado de trabalhar com a argila, e outra, por precisar ajudar a mãe cuidando dos irmãos menores.

Nesta aula, segui a dinâmica das aulas anteriores. Expliquei a técnica de confecção de placas com o rolo de madeira, e seguiram com as suas produções.

Dez minutos antes do final da aula paramos para a limpeza e o recolhimento das ferramentas e materiais que eu levava e trazia a cada aula.

Neste dia, também havia muitas crianças que não participavam do grupo assistindo a aula de cerâmica, ou simplesmente espiando com o intuito de saber do que se tratava. Questionei se alguém queria entrar, mas a resposta foi negativa. Ao final da limpeza neste dia, levantei a hipótese de dar continuidade no meu ateliê. Todos, prontamente, gostaram da ideia. Falamos rapidamente sobre o deslocamento deles e arranjam uma solução. Usariam o transporte escolar, desceriam em frente ao ateliê e, ao final da aula, usariam o mesmo ônibus no próximo horário para irem à escola. Para o grupo já estava tudo resolvido. Expliquei que precisaria falar com a direção da escola e com o meu orientador do mestrado. Feito isto, depois de consultar essas partes a respeito, chegamos ao consenso de que não haveria problemas. A direção da escola se encarregou de informar aos pais e ao encarregado pelo transporte das crianças.

A aula seguinte seria no ateliê.



Imagem 7 – Trabalhando com placas



Imagem 8 – Construção com placas

3.3.4 Quarta aula (após duas semanas)

Chegaram pouco antes das 14h, como havíamos combinado. No ônibus de transporte escolar e após a aula iriam direto para a escola com o mesmo transporte escolar que passa em frente ao ateliê.

A aula hoje foi livre, conversamos um pouco sobre as técnicas que já tínhamos visto, distribuí o barro a todos eles e iniciaram a modelagem. Alguns, já deixaram as peças ocas.

O ano se findou neste encontro. O próprio calendário escolar dificultou a continuidade do trabalho e conclusão do projeto neste ano, que para a totalidade e conclusão seriam quinze encontros de duas horas cada, totalizando trinta horas de produção.

Acredito que estes quatro encontros foram importantíssimos, pois foi possível ajustar as arestas do projeto.

Após uma reunião com a direção da escola, e posteriormente com meu orientador, concluímos que seria por bem recomeçar o curso de cerâmica com o mesmo ou um novo grupo de alunos em ateliê e não somente dar continuidade, isto também pela possibilidade de aumentar a quantidade de educandos.

3.4 O NOVO PROJETO DE PESQUISA: CRIANDO COM O BARRO (CF. APÊNDICE 2)

No dia 18 de fevereiro de 2013, realizamos uma reunião com a direção e coordenação pedagógica da Escola Felipe Lutfalla para discutirmos a experiência trocada e adquirida nas oficinas de cerâmica do ano anterior. Mesmo tendo alguns problemas na realização, foi constatada a importância desses problemas para o amadurecimento do projeto, aproveitando todos os acontecimentos como aprendizado. Dito que foi um aprendizado rico.

Foi aprendido com esta experiência que não há necessidade de estarmos integralmente na escola, uma vez que os responsáveis pela direção e coordenação pedagógica da escola acompanhavam a evolução do trabalho por meio de relatos, tanto da responsável pelo projeto como dos educandos.

Havia a necessidade da criação de um vínculo entre os educandos e o curso de cerâmica, um controle da presença dos educandos, pois alguns faltavam sem qualquer justificativa.

A proposta dos ajustes necessários foi apresentada à direção e coordenação pedagógica. Foram basicamente pequenas alterações:

- a) a quantidade de educandos foi aumentada. Antes eram dez alunos da Escola Municipal Felipe Lutfalla e achei que era por bem passar para vinte alunos com a intenção de observar melhor, ter um maior parâmetro para as conclusões e dar oportunidade para um número maior de alunos que mostrassem interesse. Para isso foram criadas duas turmas com o número máximo de dez educandos em cada uma delas. Ambas no mesmo dia da semana. Uma pela manhã e outra no período da tarde, ainda com duas horas de duração. A turma da manhã deveria vir de condução própria, não teriam a mesma facilidade que as crianças da tarde tinham de vir em ônibus escolar;
- b) a decisão de quem participaria do curso de cerâmica, seria voluntária entre os alunos do ensino fundamental II. Já não havia a escolha da direção da escola ou minha. Deveríamos sugerir, caso necessário, mas não escolher as crianças que integrariam o grupo.

Foi observado que a opção dos alunos da escola por uma atividade extra era importante. A obrigatoriedade do curso, por qualquer motivo que seja, poderia ter sido o motivo das desistências ocorridas na primeira fase, que foi a fase do ano de 2012, onde ocorreram apenas quatro aulas. Esta mudança poderia também ajudar a entender melhor as faltas sem justificativa que teve um número bastante alto, proporcionalmente falando. Os

alunos obrigados a irem não tinham vontade de ir ao curso ou não gostavam do trabalho com o barro; iam pela imposição.

Haveria, na nova versão do projeto, um controle de presenças. As crianças poderiam ter no máximo duas faltas não justificadas. A partir deste número deveriam deixar o curso. Esta decisão foi importante para que não houvesse faltas e a conclusão do trabalho não ficasse prejudicada, uma vez que, no curso anterior (2012), tivemos um número bastante razoável de faltas sem justificativa. E assim seguiu.

Um adendo foi necessário, tendo como base a “frustração” das crianças que haviam concluído o nono ano em 2012. Elas iriam para outra escola e não poderiam participar do projeto. Foi decidido que essas crianças poderiam continuar no curso, caso quisessem, mas não integrariam a conclusão da experiência, pois o estudo se limita ao ensino fundamental II.

Nesta reunião, ficou acertado que no dia 27 de fevereiro eu iria até a escola para conversar com todas as turmas. A coordenação pedagógica da escola abriu um espaço durante as aulas e passamos em todas as salas de ensino fundamental II para que pudesse ser explicado aos alunos em que consistia o curso de cerâmica, a sua duração, onde seria feito, o não custo e o vínculo que tinha com a escola, sendo que se tratava de uma pesquisa de mestrado para ver se as aulas de cerâmica os ajudava no aproveitamento da escola. Explicado de maneira bastante simples e acessível com a finalidade de facilitar o entendimento pelas crianças de 6º e 7º ano.

A metodologia do projeto de intervenção passou a ser chamado por todos de curso de cerâmica e a sua consistência não seria alterada, conforme apêndice 1:

- a) aulas práticas;
- b) ateliê montado na escola com condições de criação (agora alterado para ateliê artístico cerâmico);
- c) história da arte;
- d) contação de histórias infantis direcionadas ao universo e à faixa etária dos educandos;
- e) imagens sugestivas de criações artísticas com embasamento na história da arte e/ou artistas populares – referências artísticas;
- f) análise e discussões sobre os trabalhos desenvolvidos;
- g) visita a museus.

Esta metodologia utiliza os princípios da proposta triangular de Ana Mae Barbosa, sensibilização arteterapia e princípios pedagógicos, criando possibilidades para a produção artística.

Foi feita a visita à escola no dia 27 de fevereiro de 2013. Passado em todas as salas, explicado os detalhes sobre o curso, exatamente como discutido na reunião e relatado acima. Muitos alunos se interessaram pelo curso, precisamente 32. Estes levaram a carta-convite (apêndice 3) aos pais. A maioria trouxe a carta preenchida e assinada. Foram vinte e três cartas que voltaram assinadas pelos pais autorizando a participação do filho no curso de cerâmica no ateliê cerâmico com todas as condições descritas acima. Nenhuma dessas crianças ficou fora, mesmo porque só excederam 3 alunos que era previsto e as opções de horários deles foi bem dividida. Ficaram 12 alunos pela manhã e 11 no período da tarde e o espaço físico do ateliê acomodaria muito bem este grupo.

As aulas seriam às quintas-feiras. A turma da manhã faria o curso no horário das 9h às 11h e a turma da tarde das 14h às 16h.

As aulas começaram no dia 14 de março de 2013.

3.5 DESENVOLVIMENTO DAS AULAS: NOVA FASE DO PROJETO

3.5.1 Primeira aula: turma da manhã

Antes de começarmos a aula, apresentei a eles todos os espaços do ateliê. Comecei pela parte destinada à produção: a bancada, os fornos, as ferramentas e equipamentos como extrusora, plaqueira, balança, maromba, estoque e tudo acompanhado das explicações de utilidade e, com certeza, de muitas perguntas também. Depois fomos para a pequena sala ao lado, onde mantenho expostas as minhas obras, tanto as escultóricas quanto as utilitárias. Falei sobre como se faz e por que são feitas com determinadas características e acabamentos, explicando sobre a minha poética pessoal. Subimos ao mezanino onde tenho uma pequena biblioteca; mostrei-lhes alguns livros de artes e alguns específicos de cerâmica. Falei sobre a disponibilidade para que eles consultassem e também sobre as regras para utilização e principalmente conservação. Fizeram algumas perguntas sobre a utilização e também sobre um casal de chinchilas que crio em um viveiro naquele espaço. Voltamos ao ateliê e iniciamos uma conversa para interação do grupo.

Pedi a todos os educandos que se acomodassem. Poderiam sentar-se nas cadeiras ou nos bancos do ateliê ou ainda no chão, como se sentissem melhor, pois íamos conversar um

pouco antes de começar a aula. Todos, incluso eu, preferimos nos sentar no chão. E formamos um círculo.

Antes de começarem as apresentações, peguei um pacote de barro e o fio de corte e coloquei no centro do círculo que formamos, mostrei como se cortava a argila para tirar um pedaço e peguei um pedaço para mim. Deixei à disposição para que cada um pegasse um pedaço também. Todos estavam meio envergonhados, mas um educando que havia feito o curso iniciado no ano anterior pegou um pedaço e os seguintes se manifestaram e tiraram um pedaço do barro.

Ficaram me olhando e esperando que eu começasse a modelar e a orientá-los. Comecei a amassar aquele pedaço de barro com uma das mãos, depois trocava de mão e depois voltava para a primeira mão. Sugeri que eles fizessem o mesmo e todos começaram a amassar o barro. Expliquei que aquele exercício era para sentirmos como o barro era, ou como ele estava naquele dia, pois haveria dias ou momentos que o barro estaria mais mole, outro dia estaria mais duro. Expliquei que quando estivesse duro, poderíamos molhar, pois o barro tem água na sua composição e muitas vezes precisamos umedecer para podermos trabalhar com ele, e que, quando estivesse mole, deveríamos deixá-lo descansar um pouco para perder a água que estivesse demais para ele e para o que queríamos fazer, mas que durante o curso eu explicaria tudo aquilo.

Todos continuavam amassando o barro e passando de uma mão para a outra, até que um deles disse que o barro estava ficando duro. Peguei o borrifador, coloquei no centro do círculo, expliquei que era o calor das mãos ou do ambiente que evaporava a água, que fazia com que o barro secasse mais rapidamente e, quem quisesse, poderia molhar com o borrifador. E começamos as apresentações.

Nesta turma da manhã, estavam inscritas doze crianças. Foram onze naquele dia. Eles se apresentaram dizendo seu nome, idade e o ano que cursavam na escola. Eram alunos do sexto ao oitavo ano. Então me apresentei dizendo que era professora de cerâmica e que ainda estudava. Era aluna do curso de mestrado, da Universidade Nove de Julho em São Paulo e que as aulas de cerâmica que eu daria a eles, a partir daquele dia, fazia parte de um trabalho que deveria entregar no final do curso. Por isso, eu registraria tudo o que acontecesse durante as aulas, tanto escrevendo quanto fotografando.

Assim que terminei de me apresentar, a menina ao lado disse o seu nome, Analuiza. Perguntei a sua idade, em que ano estava, se gostava da aula de artes, qual a disciplina na escola que mais gostava. E disse que poderia nos dizer tudo o que quisesse.

A Analuiza respondeu todas as perguntas e acrescentou que gosta muito de cachorros. Os educandos seguintes foram se apresentando ao final do anterior. Alguns acrescentavam algo mais, outros não juntavam nada às informações iniciais e terminamos assim as apresentações.

Pedi a eles que comessem a jogar o pedaço de barro no chão com um pouco de força. Alguns não queriam jogar para não sujar o chão. No momento em que eu disse que ali no ateliê poderíamos quase tudo, que não precisávamos nos preocupar com a sujeira durante as aulas, todos se soltaram e bateram o seu pedaço de barro com força no chão. Alguns haviam molhado demais o seu pedaço, pedi que deixassem aquele pedaço no chão um pouco e pegassem outro. Assim o fizeram e a aula virou uma grande brincadeira por uns poucos minutos.

Após deixá-los com a experimentação do barro por um tempo, retomei o foco da aula explicando sobre a secagem e os cuidados que deveriam ter para que não estragassem materiais e ferramentas do ateliê. Em seguida, substitui os pedaços de barro, pedi para que modelassem o que tivessem vontade. Assim como faziam com a massa de modelar.

Poderiam se levantar ou continuar trabalhando sentados no chão, como preferissem. E que tínhamos uma mesa, que chamamos de bancada, apropriada para o trabalho com o barro. Se alguém quisesse já começar a trabalhar na bancada eu já mostraria como fazer. E todos quiseram!

Disponibilizei um pedaço de lona para cada dupla formada, expliquei que a lona era para evitar que o barro grudasse na madeira da mesa e, em seguida, que era necessário sovar a argila para que não ficasse com bolhas, pois as bolhas poderiam estourar quando a gente colocasse as peças no forno para queimar.

E todos, salvo os educandos que haviam participado das quatro aulas no ano anterior, me olharam com feições interrogativas.

Forno? Pra quê? Interrogou-me uma das meninas.

Rapidamente, o Carlos respondeu:

Para queimar a argila, senão o que você tiver feito quebra à toa e não serve para nada, vai dissolver quando molhar..

Fiquei admirada com a resposta do Carlos, pois aquele menino não havia participado do curso no ano anterior. Quando o questionei sobre como sabia que era assim, me explicou que viu na televisão, que tinha um programa na televisão que passava umas aulas de argila e ele gostava de assistir, mas não era sempre que podia, porque esse canal só tinha na televisão do patrão. Contou também que na chácara onde morava tinha um rio nos fundos e lá ele

pegava argila e fazia uns bonequinhos e bolinhas de gude para jogar com os irmãos. Fiquei muito feliz com a resposta dele. Tinha um potencial para trabalhar com aquele menino que tinha bastante facilidade no aprendizado e logo começou a ajudar os colegas no ateliê.

Expliquei então a toda turma sobre a secagem das peças e sobre a queima. Foi uma aula expositiva. Mostrei a eles algumas peças estouradas no forno em outros momentos. Comecei a sovar um pedaço de barro como demonstração. Falei também sobre a espessura da peça, que não poderia ficar muito grossa com a possibilidade de ter alguma bolha escondida.

Cada um modelou o que quis. Ao final, vieram me mostrar querendo saber se estava bom daquele jeito ou se precisava deixar mais fina.

Não há a necessidade de eu dizer que estavam bastante inseguros com o que fariam e com a qualidade do que fizeram.

Um dos meninos, o Thiago, ficou muito tempo com a argila na mão, parado como quem não tinha ideia do que fazer. Os colegas olhavam como que esperando sair alguma peça modelada, mas não acreditavam que sairia modelagem alguma. Comentavam que ele era assim mesmo. Não fazia as coisas porque estava sempre em dúvida.

Perguntei a ele o que estava modelando e ele disse que era uma bola. Pronto!

O Thiago modelou uma bola. E várias peças ficaram prontas naquele dia. Na totalidade da turma todos ficaram satisfeitos com a sua produção. E eu mais ainda.

Dez minutos antes do final, todos pararam para a limpeza e organização de tudo o que foi utilizado durante a aula, tomaram lanche oferecido todos os dias durante todo o desenvolvimento do projeto.



Imagem 9 – Sentindo o barro



Imagem 10 – Experimentando o barro



Imagem 11 – Experimentando o barro



Imagem 12 – Iniciando a modelagem



Imagem 13 – Primeira peça modelada

3.5.2 Primeira aula: turma da tarde

A apresentação do ateliê e de todas as dependências, e as demais explicações dadas para a turma da manhã foram repetidas para a turma da tarde.

A dinâmica desenvolvida com a turma da tarde foi a mesma desenvolvida com a turma da manhã, na maioria das aulas, salvo algumas particularidades que serão relatadas uma a uma durante a dissertação.

Na turma da tarde, em que haviam onze inscritos, na primeira aula foram nove. Não tivemos peculiaridades. A única observação a fazer é que cinco dos seis que haviam terminado o ano anterior participando do curso estavam nesta turma. Entre eles, estava também o aluno que havia concluído o nono ano e ido para outra escola estudar ensino médio; mas, como citado anteriormente, estes formandos eram dois; foram convidados a participar do curso, mas não como participante do projeto.



Imagem 14 – Turma da tarde – primeira aula



Imagem 15 – Modelando



Imagem 16 e 17 – Primeiras modelagens (turma da tarde)

Os educandos, ao final desta primeira aula, apresentaram orgulhosos os trabalhos desenvolvidos.



Imagem 18 – Trabalhos desenvolvidos na primeira aula

Limparam e organizaram o ateliê, tomaram o lanche e foram para o ponto esperar o ônibus escolar.

Neste primeiro dia, gostei bastante do resultado. Poderia buscar em cada um daqueles educandos especificidades que os levaria a um bom desenvolvimento plástico, particularidades que ajudariam a esclarecer maneiras de trabalhar a transdisciplinaridade. O interesse deles, quando comecei a explicação sobre a secagem, a maneira como a água sai da peça e o cuidado para que a secagem seja lenta, me impressionou. Tinha em mim uma representação mental de que, por serem crianças, não se importariam com o processo de secagem do barro e essa ideia foi abandonada já neste primeiro encontro com a cerâmica. Então pensei: Sim. Eu estava no caminho certo! O barro tem mesmo as potencialidades que acredito. Essas crianças me ajudarão a mostrar isso.

3.5.3 Segundo dia

O grupo chegava aos poucos. Como não tinham a facilidade do ônibus escolar no período matutino, a recepção dos educandos começava bem cedo. Uma menina chegava às 7h35 da manhã; ela vinha com o “ônibus de cartão”, como ela e todos por aqui o chamam. Trata-se de um transporte coletivo comum que atende a população desta região, porém com horário marcado, como normalmente ocorre nas cidades de interior. Logo depois chegara o

Carlos. O menino que assiste aos programas de aula de cerâmica na televisão. Ele precisa vir de carona com o pai quando este vai trabalhar, pois não tem o cartão do ônibus.

Outros dois meninos vieram a pé. Moram mais distante e precisariam vir ainda mais cedo para virem de transporte coletivo ou chegariam muito mais tarde. Fiquei impressionada com eles, pois caminham três quilômetros e mais um pouco e ainda tem a volta. Mas chegaram quase todos. Um menino havia desistido, mas outro que havia faltado na primeira aula se empolgou com as observações dos colegas e veio.

Todos se acomodaram e ficaram esperando que eu propusesse uma atividade, mas eu ainda preparava a máquina fotográfica, fazia o controle das presenças e organizava algumas outras coisas que havia pensado para esta aula. De repente, um menino, já menos tímido, pois havia iniciado o curso no ano anterior, quando tivemos a experiência de uma – a última – aula ser no ateliê e estava mais familiarizado com o ambiente, me perguntou:

Dona, o que é aquela máquina?

Um torno elétrico. Respondi.

E todos se interessaram e começaram as indagações de todos quase que ao mesmo tempo:

E aquele do filme? Daquele cara que volta do céu e fica vendo a namorada fazer um vasão?

Entre uma série de perguntas, respondi que sim. Era aquela máquina.

Que louco!

Que da hora!

Como é que se faz, dona?

Faz pra gente ver?

A gente vai aprender fazer isto também?

Respondi que sim, se eles quisessem. E todos queriam.

Deixei a minha programação de lado, me sentei à frente do torno e me pus a fazer uma peça. Foi um silêncio total no ateliê por pelo menos uns 35 segundos, que parece pouco, mas diante de toda a euforia me pareceu pelo menos trinta minutos de silêncio em um ambiente com dez crianças. Foi uma sensação muito estranha e mágica.

Perguntei se alguém queria fazer e o primeiro questionador aceitou sem pensar duas vezes. Disse que queria tentar. Empréstei a ele um avental mais comprido, e orientei que sovasse um pouco de barro. O menino pegou o cortador, perguntou-me a quantidade que deveria sovar, cortou e começou a sova. Fez os testes de verificação da existência de bolhas,

tudo exatamente como eu havia explicado. Enquanto isso, eu tirei a minha peça do prato do torno e desocupei-o para lhe ensinar.



Imagem 19 – Demonstração de produção em torno elétrico

Pedi que cada um pegasse um pedaço do barro, sovasse e fosse modelando as peças que quisessem até que chegasse a sua vez de experimentar o torno. Organizei a fila por ordem de interesse. Aquele que falou primeiro seria o próximo a experimentar e assim por diante.

Ele sentou onde eu estava e eu ao seu lado. Ao nosso redor estavam todos os outros educandos. Curiosos e atentos. A experimentação do colega estimulou a maioria dos educandos a experimentarem aquele trabalho no torno elétrico, que para eles era uma brincadeira.

E, a aula transcorreu assim até o final. Neste dia, não confeccionaram peças no torno. Ficaram sentindo o barro girar entre as mãos, molhavam as mãos, e molhavam o pedaço de barro que estava entre elas, fechavam os dedos, cravando-os no barro, descentralizavam o barro, eu centralizava novamente. O mais importante é que experimentavam, trocavam as experiências e sensações. Além de sorrirem satisfeitos! Preciso dizer que eu estava mais satisfeita do que eles.

Duas crianças não se manifestaram. Estavam tímidas? Não sei. Só sei dizer que, mesmo com o relato feliz e a insistência dos colegas, eles não queriam experimentar. Orientei que os deixassem e que, se em algum outro momento eles quisessem, eu os ensinaria. Era um menino e uma menina. A menina era a Vitória, que em 2012 a coordenadora pedagógica e a direção da escola haviam sugerido que participasse do curso, mas ela sequer apareceu.

O outro educando, que não quis participar da experiência no torno elétrico, era o Thiago, o menino que na aula anterior fizera a bola de barro.

A aula continuou com todos modelando o que tinham em mente, sempre um ficava no torno sob o meu acompanhamento e orientação. Faltavam duas crianças para experimentar as sensações de trabalhar no torno, quando o Thiago perguntou se daria tempo para ele também “mexer” no torno, e os colegas demonstraram alegria porque ele havia decidido experimentar. Eu disse que sim e a fila continuou.

O Thiago seria o próximo. Antes que ele se sentasse à frente do torno para iniciar a experimentação, a Vitória que, a princípio, também não quis testar o manuseio daquela máquina que girava com um pedaço de barro no meio das nossas mãos, resolveu sentir o que era aquilo que estava deixando todos satisfeitos e felizes. Então, pronto! Todo o grupo sairia do ateliê aquele dia tendo experimentado o trabalho no torno elétrico.

O educando limpou a mão, desligou o torno, tirou o avental mais comprido que estava passando de um para o outro, entregou ao Thiago que já estava ali do lado esperando a sua vez. O menino colocou o avental e tremendo um pouco se sentou à frente do torno. Expliquei e orientei a ele passo a passo, exatamente como havia feito com os outros educandos naquele dia. Sei que jamais poderei explicar o que ele sentiu, mas eu vi o sorriso que brotava no seu rosto, que até então era sério.

E ele ficou ali por alguns minutos e, exatamente como os colegas, ele cravava os dedos na bola de barro que estava entre as suas mãos, molhava a bola, molhava as mãos e não tirava os olhos da roda que girava o quanto ele queria, mais lento ou mais rápido e das mãos que deslizavam molhadas e enlameadas sobre aquela bola de barro.

Terminou o seu tempo, passou o avental comprido para a Vitória. Esta se sentou à frente do torno como se fossem velhos conhecidos e ela já tivesse aprendido tudo com os exemplos e observações dos colegas e realmente não houve a necessidade de muitas explicações.

Terminada a aula, tudo limpo e organizado para a turma que iniciaria às 14h. Os educando lavaram as mãos, tomaram o lanche e foram pra casa. Enquanto tomavam o lanche falavam sobre como iriam embora. O Carlos, que veio com o pai, iria embora a pé, a Jenifer que teria vindo de ônibus (de cartão) só precisava esperar um pouco mais, pois o horário do ônibus era às 11h40. O Thiago e o Antônio moram perto e iriam embora a pé também, mas é mais longe que o Carlos, é só subida, e os demais, os pais viriam buscar, a pé ou de carro.

A turma da tarde vem com mais tranquilidade, quase todos utilizam o ônibus escolar, chegam praticamente juntos, uns trinta minutos antes da hora e ficam no ateliê conversando e

brincando até que eu entro para dar início à aula. Nesta turma, foi utilizada a mesma dinâmica, mas comecei por perguntar se eles sabiam o que era aquela máquina e se alguém gostaria de experimentar. Todos quiseram e aceitaram a sugestão com bastante entusiasmo.

A experiência deste dia me fez repensar na dinâmica planejada. Pensei que deveria trabalhar mais no sentido de estimular a criação do que querer que tivessem vontade e teria ideia melhor do mundo em que vivem e dos referenciais que deveria trazer como proposição de construção.



Imagem 20 – A primeira experiência no torno elétrico



Imagem 21 e 22 – Experiência no torno elétrico



Imagens 23 e 24 – Thiago experimentando o torno elétrico



Imagens 25 e 26 – Vitória e Thiago: a sensação do experimento no torno elétrico

3.5.4 Terceiro dia

A partir daqui, na narrativa já não separo as turmas por manhã e tarde. Uma vez que as dinâmicas são semelhantes. O curso será narrado num todo, sendo que as particularidades de cada educando serão descritas como foi feito até aqui.

Pensando na dinâmica da aula anterior, em que os educandos apresentaram interesse pelo torno elétrico e as possibilidades de criação e intervenção sobre a particularidade de criação sobre as peças circulares, eu trouxe uma proposta para esta aula baseada na obra idealizada pelo artista plástico Sérgio Amaral e elaborada por todos os artistas ceramistas da cidade de Paraty, no Rio de Janeiro.



Imagem 27 – Obra referência para produção
Sergio Amaral
Título: Paraty de Todas as Cores
Dimensão: 3m de altura x 2 m de diâmetro
Material: Aço e cerâmica

Neste terceiro dia de curso, os educandos chegaram e havia, sobre a mesa de trabalho, algumas bolas de barro ocas, de tamanhos e espessuras diferentes. Algumas eram mais compridas, outras mais achatadas. E já começaram as perguntas:

- Dona, o que isto?
- Como você fez, o que você vai fazer com essas bolas?

Só respondi que já explicaria.

Pedi que fizessem um meio círculo ao meu redor, pois veríamos os trabalhos de alguns artistas. E eles fizeram o que eu pedi e mostrei a eles imagens de produção de esculturas de cabeças.



Imagens 28 e 29 – Referências para aula expositiva
 Artista: Laura Nehr
 Título: Medusa
 Ano: 2009
 Material: Barro cru



Brancusi



Giacometti

Imagens 30 e 31 – Referências para aula expositiva



Picasso

Imagem 32 – Referência para aula expositiva



Imagem 33 e 34 – Referências para produção

Obras componentes de “As Cores de Paraty” de Sérgio Amaral

As imagens foram apresentadas nesta ordem. Pode ser percebida a unidade em cada um desses trabalhos. São de artistas diferentes e a intenção foi esclarecer que cada um tem uma forma individual de representar as imagens. Um artista não está ou mais certo, ou mais errado; uma obra não é mais bonita ou mais feia; ela só precisa representar bem o seu

pensamento. Quando um espectador olha para um trabalho artístico ele precisa entender o que está vendo.

As cabeças representadas pela artista plástica Laura Nerh e as representadas por Brancusi, Giacometti, Picasso, Sérgio Amaral e todos os outros artistas também são os seus pensamentos, são as criações artísticas, ou seja, seus pensamentos mostrados em esculturas. Não há necessidade de ser belo. Existe a necessidade de ser uma cabeça. Porque eles queriam fazer uma cabeça.

Pedi que me acompanhassem até a mesa de trabalho onde estavam as bolas que havia feito previamente no torno e propus que eles interferissem como quisessem e fizessem a cabeça que tivessem vontade. Para esta realização foi disponibilizado a eles formas de corte, pequenas extrusoras, a barbotina (cola feita com o barro), enfim, todas as ferramentas e materiais do ateliê. Fiquei à disposição de todos. Informei que se tivessem alguma ideia e não soubessem como realizar, eu estaria ali para explicar.

Alguns exemplos da produção deste dia:



Imagem 35 – Bolas feitas em torno elétrico para intervenção



Imagem 36 – A intervenção – Turma da manhã



Imagem 37 – A intervenção – Turma da manhã



Imagem 38 – A intervenção – Turma da manhã



Imagem 39 – A intervenção – Turma da tarde



Imagem 40 – Turma da tarde – Os primeiros resultados da intervenção



Imagem 41 – Resultados da intervenção



Imagens 42 e 43 – Resultados da intervenção



Imagens 44 e 45 – Resultados da intervenção



Imagens 46 e 47 – Resultados da intervenção

Este dia foi finalizado com todos os trabalhos concluídos. Alguns precisavam de pequenos acabamentos que seriam feitos na semana seguinte, por isso os educandos foram orientados a acondicionarem em sacos plásticos para não secarem muito. As peças deveriam estar no máximo em ponto de couro (mais firmes de forma que permita o corte e ocagem). Se as peças secassem muito não seria possível a ocagem e certamente estourariam no forno. Na semana seguinte, ocaríamos também os trabalhos concluídos na primeira aula.

3.5.5 Quarta aula

Solicitei às duas turmas ao chegarem, que pegassem todas as peças que haviam produzido até então e colocassem sobre a mesa de trabalho para verificarmos quais delas necessitavam de ocagem. Como havia dito, esse seria o dia em que explicaria o processo de ocagem das peças, ocaríamos e deixaríamos descobertas para secagem completa para a posterior queima.

A peça do Thiago, a bola, era perfeita para utilizar como exemplo. Fui explicando a todos e o Thiago acompanhando e me auxiliando na aula. Cortou a peça ao meio dividindo-a em duas partes, foi cavando com a ferramenta de ocagem e sentindo a espessura da parede da peça com um dedo para fora e outro para dentro da primeira metade da sua bola. E a segunda metade, o Thiago fez sozinho. Eu lhes ensinei a preparar a barbotina (cola com barro para

colar as peças feitas com o barro), fazer as ranhuras nas partes a serem coladas e colar as partes. Eu e o Thiago concluímos a ocagem da sua peça. Todos acompanharam todo esse processo também. Poucos educandos tinham peças com maior espessura, portanto não havia muitas peças a ocar, somente mais duas. Exemplifiquei o processo de ocagem em outras peças sem o corte, somente por baixo da peça, cavando com a ferramenta e com muito cuidado, medindo com os dedos, um por dentro e outro por fora na mesma direção.

Ao cavar esta peça, encontramos uma bolha bem no meio. Foi ótimo para mostrar o que são essas bolhas de ar, como elas se formam e como fazer para eliminá-las. Além de mostrar as peças estouradas no forno novamente.

O que faríamos após terminarmos de deixar aquelas peças ocas?

Alguém me perguntou e eu pedi que sugerissem algo. A sugestão foi a utilização do torno. Queriam fazer uma peça no torno. A experimentação foi muito boa, mas queriam fazer uma peça, comentaram. E bastava um comentar que os demais confirmavam em reforço.

Como fariam uma peça no torno? Não tinham ainda conhecimento e nem a habilidade com o barro, suficientes para a confecção de peças no torno ainda. Centralizar o barro no prato do torno poderia ser feito por mim, mas a peça tinha que ser feita por eles. Eu não poderia subir a peça por eles.

Aquele início da aula, a ocagem das peças, ajudou-me a programar a atividade conforme a vontade e sugestão dos educandos. Porque eu pediria a sugestão se não fosse aceitar?

Aceitei. Vamos produzir no torno, então!

Como o trabalho no torno exigia que eu estivesse com o educando, ali ao seu lado, pedi que todos pegassem um pedaço do barro, sovassem e produzissem peças modeladas até que chegasse a sua vez e, enquanto isso, que pensassem no que queriam produzir. Expliquei que precisava ser uma peça redonda, que poderia ser um utilitário, que são peças que se usam para qualquer coisa que quisessem (copo, tigela, pote) ou uma peça decorativa (enfeite) que poderiam decorar como quisessem, com flores, desenhos, pinturas.

Um deles perguntou: □ Dá para pintar a peça? E usar na cozinha?

Respondi que sim. Mas que, com a temperatura que queimaríamos as peças, elas não deveriam guardar líquidos, pois ficaria vazando. Vazaria pouco, mas vazaria sim. Mas para colocar molho ou saladas, sucos que fossem consumidos em seguida, não havia problema nenhum. Eles ficaram felizes com a resposta, pois poderiam levar para casa algo feito por eles.

E seguiram o trabalho confeccionando peças modeladas enquanto não chegasse a sua vez de torner. Sovaram o barro, fizeram os testes de bolhas, sovaram novamente e, quando estavam prontas, reservaram cobertas com plástico para evitar a secagem e aguardaram a sua vez de irem à produção no torno. Tudo exatamente como eu havia ensinado nas aulas anteriores. Quando algum deles se esquecia de alguma parte do processo, sempre havia alguém pronto a lembrá-lo. O campeão em ensinar, ajudar e lembrar aos colegas das particularidades do barro era o Carlos.

A organização da sequência de trabalhos sempre ficava por conta deles. Preferiam se organizar por ordem de chegada, sendo o primeiro aquele que havia tido a ideia e o segundo o que havia chegado primeiro ao ateliê. Começamos a produção. O primeiro educando, antes de começar a sua produção, pegou um pote com água e colocou sobre a mesa do torno junto a algumas ferramentas que eu havia separado para fazer grafismos ou texturas sobre as peças torneadas. Antes que se sentasse, o lembrei que faltara um fio de corte para soltar a peça do prato do torno e um pano. Ele voltou, pegou o fio e o pano sobre a pia, se posicionou à frente do prato do torno elétrico e, com gesto decidido, como em um ímpeto, colocou a bola de barro no centro desse prato. Ajeitou-se da melhor forma no banco para alcançar o pedal acelerador, ligou o torno, mergulhou as mãos no pote de água e, com um sorriso largo e olhar atento, colocou-as sobre a bola de barro e acelerou. Pisou tão forte no acelerador do torno que a alta velocidade em que girava o prato fazia com que as suas mãos “pulassem” sobre o barro. Diminuí a aceleração. Agora, sim, tinha acertado a velocidade ideal, pelo menos para que domasse aquela máquina.

Deixei sozinho que tentasse centrar a bola de barro no prato do torno por um tempinho. Ele molhava as mãos, sempre que achava que estavam secas. Sabia o momento, porque as mãos começavam a esquentar e já não deslizavam sobre o barro. E ficou sério, compenetrado na atividade. Ele estava construindo uma peça de argila para tomar suco. Fazia um copo.

Pedi licença, e sentada ao lado esquerdo dele o ajudei a centrar, ou seja, a terminar a centralização da massa sobre o prato do torno. Sobre a massa de barro dele, aproveitei que estava com a mão na massa e demonstrei algumas possibilidades de decoração da peça ali mesmo, com ela girando. Desfiz o que havia feito e deixei-o à vontade trabalhando em sua peça. Uma forma de finalizar o trabalho foi dispor de alguns minutos para cada educando por questão do tempo e do contingente.

Essa construção no torno não consistiu em abrir e subir a peça dando formatos ornamentais. O trabalho foi feito naquela bola maciça do barro centrado, com decorações

gráficas ou texturas feitas com o girar do prato, ferramentas e acessórios. Ao final, ao tirar a peça do prato do torno, esta foi virada sobre a mesa de trabalho e colocada uma pequena força na intenção de dar-lhe apoio para ficar em pé, pois tinham formato de cone.

Depois, os educandos poderiam ainda interferir com grafismos, desenhos, baixos ou altos relevos. Para essas interferências, foram disponibilizados carimbos infantis para trabalharem com baixo relevo, linhas, tecidos e rendas para impressões de texturas, cortadores de biscoito com formas variadas; enfim, foram explicadas e exemplificadas maneiras diversas de decorar as peças. Ao final do processo de criação, quando as peças estavam em ponto de couro, as peças foram ocadas, quando realmente se tornaram utilitárias, e colocadas na prateleira para secagem completa e posterior queima e esmaltação. E assim seguiu todo o dia, até a produção do último educando da turma da tarde. Todos, ao final, guardaram as peças em sacos plásticos e colocaram na prateleira para posterior ocagem.

Ao final da aula, tanto da turma da manhã quanto da tarde, pensando no dia das mães que se aproximava, perguntei se algum deles gostaria de fazer algo para dar de presente para a mãe. Provoquei euforia! Todos ficaram muito felizes com a proposta e perguntaram o que poderiam fazer. Eu disse que o que quisessem. Que pensassem em algo e eu os ensinaria tecnicamente. Falaram em fazer algo que a mãe pudesse utilizar em casa. Sugeri um prato ou tigela, mas que pensassem melhor e na próxima aula falaríamos mais a respeito.



Imagem 48 – Produção de utilitário maciço



Imagem 49 – Produção de utilitário maciço



Imagem 50 – Modelagem livre



Imagem 51 – Produção de utilitário maciço



Imagem 52 – Formando o apoio da peça



Imagem 53 – Decorando as peças



Imagem 54 – Decorando as peças



Imagem 55 – Decorando as peças

3.5.6 Quinta aula

Dia de produzirmos o presente das mães. Era final do mês de abril e tínhamos duas semanas para produzir, queimar, esmaltar e queimar novamente para que pudessem entregar às mães no dia delas.

Começaram a chegar e estavam novamente ansiosos para esta produção. Perguntaram se eu tinha me esquecido. Respondi que não e perguntei se eles tinham decidido sobre o que fazer.

Decidiram que seria um prato. Perguntaram-me se poderiam colocar aqueles enfeites que tinham colocado nos copos que fizeram no torno. Claro que sim. No ateliê, eles poderiam fazer quase tudo que tivessem vontade. Mas precisaríamos iniciar a produção o mais rápido possível, pois o dia das mães estava chegando.

Uma técnica que ainda não havíamos trabalhado era a placa. Faríamos com placas. Fiz uma peça como exemplo e começamos a produção das placas. Durante a produção fui explicando todos os passos. A utilização dos rolos, a procura por bolhas e como eliminá-las, o controle da espessura através de guias de madeira, o corte e conformação das placas, o escoramento das peças (a memória do barro) para que não voltassem à forma plana inicial.

Todos concluíram os pratos como imaginaram. Tiveram opções de formas, tamanhos e profundidades diferentes e depois decoraram com as formas de biscoito e demais acessórios

para decoração, que já lhes eram familiares. Neste dia tiveram um tempo antes da limpeza e do lanche que foi utilizado para ocar as peças pendentes.

Deixaram todas as peças prontas e expostas para finalização da secagem, pois eu as colocaria em queima logo que estivessem prontas, para que na aula seguinte já pudessem ser esmaltadas. Todos ficaram satisfeitos. Daria tempo de entregar às mães no dia delas.



Imagem 56 – Produção de placas



Imagem 57 – Recorte dos pratos



Imagem 58 – Auxílio mútuo



Imagem 59 – Conformação da placa



Imagem 60 – O prato conformado



Imagem 61 – Decorando o prato



Imagens 62 e 63 – Conformação e decoração de um prato retangular



Imagem 64 – Peça decorada com relevo, grafismo e textura



Imagem 65 – Oragem de peça produzida no torno elétrico



Imagem 66 – Oragem de peça produzida no torno elétrico



Imagens 67 e 68 – Ocagem de peças produzidas no torno elétrico

As peças secaram, e montei o forno como planejado. Liguei o forno iniciando a primeira queima (neste momento em que digito a dissertação, me emociono novamente ao descrever isto) das minhas crianças, que passei a chamar de educandos pela possibilidade de ser o primeiro passo para uma função que poderiam exercer como fonte de renda, por ser um projeto que se estenderia às escolas de ensino fundamental, por ser um projeto que tinha como base o auxílio pedagógico na educação formal.

Concluída a queima, aguardei o resfriamento do forno e confesso que dei uma espiada para ver o resultado. Estava perfeito, até onde meus olhos conseguiram ver. Fechei o forno, não toquei em nada. Esta sensação seria dos educandos. Achei que isso seria importante para eles, pois para mim e para todos os ceramistas que conheço é um momento especial.

Na quinta-feira pela manhã, foram chegando aos poucos, como de costume, e cada um deles fazia a mesma pergunta:

- Queimou as peças, dona?
- Professora, as peças secaram pra você queimar?
- Cadê as peças, professora?

No início da aula, quando todos já estavam no ateliê, disse que as peças estavam queimadas e íamos abrir o forno. Todos queriam abrir. Então sugeri que fizessem a brincadeira “dois ou um” e os dois que restassem abririam o forno.

Eles aceitaram e o forno foi aberto pela Analuiza e o Carlos. Os demais ficaram ao redor, curiosos e ansiosos. A mesa de trabalho estava vazia. Todos trabalharam desocupando-a.

O forno foi aberto.



Imagem 69 – Abertura da primeira fornada de peças



Imagem 70 – Abertura da primeira fornada de peças



Imagens 71, 72, 73, 74 – Peças queimadas



Imagem 75 – Peças queimadas

A experiência desta abertura do forno só pôde ser vivida pela turma da manhã. A próxima seria programada para a turma da tarde.

Foi dado continuidade ao processo. Precisávamos, então, esmaltar as peças para a segunda queima. Mostrei-lhes algumas peças já esmaltadas, expliquei as formas de esmaltação, disponibilizei os esmaltes, pincéis, recipientes, enfim, todo o material necessário e eles começaram a pintura.

Nestas primeiras peças que esmaltavam, sugeri que pintassem os detalhes coloridos com pincel e depois aplicaríamos o esmalte transparente por imersão. Estas primeiras peças esmaltadas por imersão seriam imersas por mim e, depois, em outra produção, com tempo hábil eles fariam isto. Falei aos educandos também sobre a toxicidade das tintas e do processo de pintura e esmaltação. Deveriam utilizar luvas para o manuseio e pintura quando estivessem usando as tintas que contêm metal pesado (tóxico) e que eu os informaria quando fosse o caso. A necessidade da máscara contra pó quando o esmalte ainda precisasse de diluição, mas eu os acompanharia neste caso também. Naquele momento, informei que o esmalte vermelho – todos eles são à base de chumbo – é um elemento químico classificado como metal pesado. Não pode ser aplicado em peças que serão usadas na cozinha quando queimados à temperatura que queimaríamos aquelas peças (1.000° C); só se as peças fossem queimadas acima de 1.200° C, pois a essa temperatura a toxicidade do metal pesado já foi queimada também. Informei que eles não estavam autorizados a aplicarem este esmalte e que se eles quisessem muito usar esta cor, eu faria a aplicação. E assim foi feito.

Foi um tanto corrida a produção do presente do dia das mães, mas todas as partes do processo foram a contento. Os educandos se atentaram a muitos detalhes na produção, fizeram as peças com muito carinho e tiveram todo cuidado necessário com as técnicas exigidas pela cerâmica, como a eliminação das bolhas, rachaduras, arestas e os detalhes da pintura e esmaltação. Todos nós ficamos satisfeitos com o resultado. As últimas peças foram tiradas do forno na sexta-feira antecedente ao dia das mães. Eu as embalei e levei à escola; deixei com o vice-diretor para que entregasse às crianças. Ninguém, além de nós que estávamos participando deste projeto, tinha visto qualquer peça da produção. Eram as primeiras peças a serem queimadas já com acabamento final. Esmaltadas. Prontas para uso. O diretor também estava ansioso para ver o resultado. Todos nós tínhamos passado por isso e então abrimos algumas peças pra que ele as visse.

O diretor ficou muito feliz com as peças que viu e sugeriu que desembulhássemos todas e colocássemos em um local para que os outros professores vissem. Todos os professores gostaram muito.



Imagem 76 – Aula expositiva – Esmaltação a pincel



Imagem 77 e 78 – Esmaltação a pincel



Imagem 79 – Aula Expositiva – Esmaltação por imersão



Imagem 80 – Esmaltação por imersão



Imagem 81 – Abertura do forno após esmaltação – Peça concluída

Na aula seguinte, os educandos pareciam meio desanimados. Falavam pouco e quando incitados a sovar o barro para o início de um novo trabalho ficaram parados, se olharam, alguns olharam para mim, mas não se levantaram. Penso que o termo correto a ser usado seja “cansados”. Tivemos que produzir o presente das mães na correria, pois estávamos com o prazo curto e foi um tanto cansativo para todos nós.

Sugeri que fosse feito um corpo humano e que usaríamos para essa produção um boneco articulável que apresentei aos educandos em seguida. Fariam as partes do corpo separadamente e depois as uniriam com linhas. As peças precisariam ter um furo para a união das partes. Iniciaram a produção, modelaram e naquele dia, pela primeira vez no curso, imaginei que não estavam muito satisfeitos com o resultado do trabalho. Em seguida, um deles falou que estavam cansados; na verdade, com preguiça. E disse que poderiam fazer o que quisessem. Poderiam fazer o que quisessem: modelar, tornear, ir para a biblioteca olhar ou ler algum livro. Assim o fizeram. Cada um deles foi fazer uma coisa diferente. A Jenifer e a Evilyn foram olhar alguns livros e os demais continuaram modelando, como quiseram. Ficaram livres para criar. Não ter uma proposta dirigida por mim foi o estímulo que precisaram, cada um foi dono da sua proposta de produção.



Imagens 82 e 83 – Modelagem proposta

Quando a turma da tarde chegou, eu já estava no ateliê. Tinha alguns pedidos de peças utilitárias que precisava entregar e estava produzindo. Recolhi todo o material que era pertinente à minha produção e guardei. Iniciamos a aula. Esta turma também estava desanimada, e não fiquei surpresa por isso. Apresentavam a mesma reação da turma da manhã. Perguntei o que queriam fazer e disseram que estavam sem vontade de fazer aula. Sugeri que pegassem o barro e produzissem à vontade, sem se preocupar com o que estivessem fazendo, ou ficassem lendo na biblioteca. Até concordaram em produzir, mas logo se cansaram. A Ana Paula me perguntou o que eu estava fazendo quando chegaram e eu disse que estava fazendo alguns utilitários que haviam me pedido. Ela disse:

□ A gente não pode ajudar, dona?

Pode, se quiserem! Respondi.

Então nós queremos. Não queremos? Quem quer ajudar a prô? Perguntou ela ao restante da turma.

E todos quiseram. Comecei a distribuir tarefas. Três meninos ficaram incumbidos de produzir as peças-base na extrusora; expliquei-lhes como funcionava o equipamento de extrusão e como deveriam fazer. Os outros educandos foram divididos entre as tarefas com as peças prontas pela extrusora. Verificação da existência de bolhas, corte das peças extrusadas, colagem e acabamento. Foi uma produção bastante rápida para mim. Enquanto produziam falavam sobre o dia das mães e da satisfação que as mães tiveram ao receberem os presentes feitos por eles. O desânimo deles foi superado pela liberdade de escolher o que quisessem fazer no atelier ou na biblioteca.



Imagem 84 – Produção com extrusora

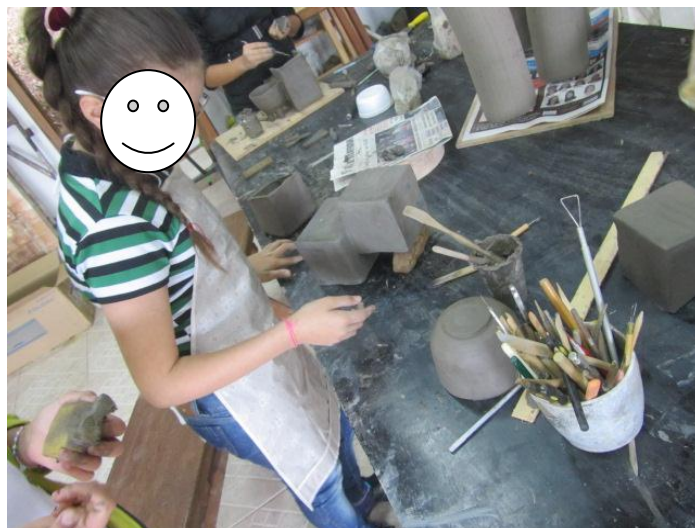


Imagem 85 – Recortando e colando peças



Imagem 86 – Recortando e colando peças

As aulas seguintes ocorreram conforme projetado. Os educandos sempre vinham interessados em aprender as técnicas da cerâmica e em produzirem peças novas. O maior interesse sempre era por utilitários e, esporadicamente, queriam fazer alguma peça decorativa.

No dia 28 de maio é comemorado o dia do ceramista e planejei um evento no ateliê em comemoração a este dia. Todos os ateliês do mundo estavam organizando atividades divulgadas nas redes sociais. Também fiz o mesmo. Neste dia haveria oficinas de torno elétrico, modelagem, fabricação de um forno a gás. Seria um dia destinado ao ensino da cerâmica. Tive alguns alunos das instituições onde trabalho, colegas ceramistas e convidei os educandos do projeto “Criando com o Barro”. Oito crianças estiveram no evento. Passaram o dia no ateliê, ajudaram na fabricação do forno, participaram das oficinas.



Imagem 87 – Modelagem livre – Produção de rosas

Na continuidade desta narrativa, descrevo as aulas de maneira generalizada. Abstenho-me da preocupação de descrever as aulas em ordem cronológica, pois as técnicas utilizadas na produção das peças dos educandos se repetiam, o desenvolvimento e a dinâmica das aulas eram sempre semelhantes às aulas anteriores. Já não faz sentido narrar os pormenores, como horário de chegada e de saída, horário de lanche, limpeza e brincadeiras, pois já faziam parte da rotina de uma sala de aula e não agregavam valor ao desenvolvimento do projeto e tampouco neste momento de narrativa. Salvo quando houver particularidades e/ou fatos peculiares à educação, como os relativos às técnicas, produção, criação.

As aulas seguintes transcorreram com a dinâmica das aulas anteriores, com contos de estória, referências artísticas da história da arte, explicações a respeito das técnicas a serem utilizadas. Já não havia necessidade que eu disponibilizasse os materiais, equipamentos ou ferramentas. Todos os educandos já haviam adquirido autonomia na escolha do que precisavam para desenvolver seus trabalhos e, nas suas particularidades no que tange à criação artística individual, eu era consultada. A esta altura, meu trabalho se restringia a auxiliar e esclarecer dúvidas técnicas. Suas propostas de criação eram já trazidas por eles na maioria das aulas. Uma das minhas preocupações era não ser propositiva, deixar a criação livre com o cuidado de não interferir na autoexpressão de cada um deles.

Uma proposta que sugeri foi a criação de máscaras a partir do molde do próprio rosto. Expliquei e mostrei imagens das máscaras, apresentei alguns moldes e expliquei a eles como eram feitas. Caso concordassem, faríamos na aula seguinte. Esses meus educandos se interessavam por tudo que era novo e relativo à cerâmica. Concordaram! Na aula seguinte faríamos os moldes dos rostos. Expliquei que trabalharíamos em duplas, que um colega faria no outro. Todos queriam fazer a máscaras, e ficou tudo acertado para a próxima aula.

Era técnica nova, portanto, apresentei a eles as ferramentas e utensílios de que precisaríamos para que fossem pegando e disponibilizando a todos em cima da mesa de trabalho. Dois dos educandos se prontificaram e pegaram. Eram: potes com água (um para cada dupla), tesoura, esponjas. Como material específico para a confecção dos moldes de gesso havia somente a atadura gessada e vaselina farmacêutica. Pedi que dois deles fossem cortando as ataduras em pedaços de tamanhos variados e demonstrei o tamanho aproximado (por volta de cinco centímetros quadrados). Assim o fizeram. Perguntei se alguém se habilitava a ser o primeiro, explicando que seria passada a vaselina no rosto para que o gesso da atadura não grudasse na pele e que em seguida todo o rosto seria coberto pelos pedaços de ataduras, só as narinas ficariam descobertas para que todos respirassem. Disse também que se

alguém não quisesse fazer, não haveria problema, pois eu disponibilizaria um molde meu que já tinha pronto para que eles fizessem a máscara de argila. Perguntei:

Alguém não quer fazer? É normal as pessoas terem fobia!

Todos quiseram fazer. Pedi que alguém se manifestasse como voluntário para que eu fizesse como exemplo. Vários se manifestaram. O Antonio, como estava ao meu lado já se sentou no banco e comecei a fazer nele.



Imagem 88 – Aula expositiva – Produção de molde de gesso

Todos prestaram atenção e não houve qualquer manifestação de repúdio.



Imagem 89 – Aula expositiva – Produção de molde de gesso

Quando já estava adiantado pedi que já fossem começando. Eles se dispersaram e começaram a fazer um no outro. Não houve problemas na escolha do parceiro e nem de quem seria o primeiro. Este, como as outras aulas, também foram regados a muita conversa e brincadeiras. Pedi a um educando que fizesse dupla com o Antonio, assumindo o molde que eu começara a fazer e passei a acompanhar o trabalho das outras duplas para melhor orientação. Sempre havia um educando que se destacava nas atividades propostas. Na confecção do molde de gesso, o Isaac alcançava o melhor pelo cuidado em pegar todos os detalhes. O molde feito por ele no rosto do colega trouxe pequenos detalhes como as curvas sutis do nariz e inclusive marcas de espinhas.

O educando que foi parceiro do Isaac não quis manter as marcas; disse que seria sua “oportunidade de ver seu rosto mais bonito sem as espinhas”.



Imagem 90 – Confecção de moldes de gesso



Imagens 91 e 92 – Confeção de moldes de gesso

Prontos os moldes do período da manhã e da tarde, foram identificados e colocados para secagem e confecção das máscaras na semana seguinte.



Imagem 93 – Confeção das máscaras em barro



Imagem 94 – Finalização máscara em barro



Imagem 95 – Máscara em barro finalizada e desmoldada



Imagem 96 – Máscara concluída

Assim como já era proposto no projeto inicial, faríamos uma excursão a um museu. Busquei informações sobre o Museu Afro Brasil em São Paulo e gostei bastante dessa possibilidade, por se tratar de um museu com o acervo muito voltado à história do Brasil e grande quantidade de peças tridimensionais e muitas delas em cerâmica.

A escola se responsabilizou por providenciar as autorizações dos pais e disponibilizou uma professora para acompanhar os educandos. A mãe de um dos meninos, do Antonio, também nos acompanhou. O micro-ônibus foi providenciado por mim e o valor a ser pago foi

rateado entre todos os participantes do passeio. Foi custeado por mim o valor dos educandos que não poderiam pagar. Solicitamos que levassem lanche, pois faríamos um piquenique.

Alguns educandos nunca tinham ido a São Paulo e apenas um deles já conhecia um museu e nem se lembrava de qual deles, pois havia sido há muito tempo atrás. Alguns ficaram maravilhados ao verem os prédios de São Paulo, principalmente os mais altos, ou de vidro.

Todos ficaram maravilhados pela grandeza e beleza do Parque Ibirapuera, onde é situado o Museu Afro Brasil. Falavam bastante. Estavam muito felizes. Antes de entrarmos, um funcionário do museu nos falou das regras do visitante.

Na data em que fomos não foi possível agendar a visita guiada. As explicações foram feitas por mim e pela professora que nos acompanhou. Com formação na área de literatura, ela aproveitou a visita ao museu para explicar alguns textos e fatos da história da literatura.

Acontecia naquele período uma exposição itinerante de gravuras em metal, xilogravuras e desenhos. Falei a eles sobre as técnicas utilizadas na produção daquelas obras, sobre história da arte, pintura, arte cerâmica, arte bidimensional e tridimensional e também a respeito da montagem da exposição. Olharam atentos a todas as obras e relacionaram com as explicações dadas por mim e pela professora que nos acompanhou. Afirmando que foi aí a primeira fruição artística da vida deles.



Imagens 97 e 98 – Programação do Museu Afro Brasil



Imagem 99 – Visita ao Museu Afro Brasil

Após a visitação ao museu, fizemos o planejado piquenique e brincamos, aproveitando um pouco da beleza do Parque Ibirapuera.



Imagens 100, 101, 102 e 103 – Piquenique no Parque Ibirapuera – São Paulo

A conclusão do projeto estava próxima e também a exposição de finalização. Quando foi escrito e apresentado este projeto à direção da Escola Municipal Felipe Lutfalla, já constava a realização da exposição de conclusão do curso. Antes que a exposição constasse no projeto foi realizada uma reunião com a administração do Clube Porta do Sol, situado no mesmo bairro em que a escola se situa, pedindo seu apoio ao projeto cedendo o espaço para o evento. E este, de pronto apoiou o evento.

Este era o momento de retomar a negociação. Procurei pela administração novamente e acertamos que a exposição aconteceria no mês de outubro. Foi providencial esta disponibilidade. A exposição dos meus educandos seria no mês das crianças. Depois de falarmos bastante sobre a data de abertura, a administração informou a possibilidade de ser no dia das crianças. Fechamos assim. A abertura seria às dez horas da manhã do dia 12 de outubro de 2013.

Na aula seguinte, no ateliê, comuniquei aos educandos a data da abertura da exposição e falei sobre todas as atividades de organização da exposição que tínhamos em paralelo à produção no ateliê. Precisávamos, agora, organizar uma exposição, concluir as peças que ainda necessitavam de cocagem e secagem para queima, queimar, esmaltar e realizar a queima final com esmalte. Todos nós ficamos empolgados, cientes do trabalho que tínhamos, e começamos o trabalho.

Todos nós iniciamos o trabalho. Cada um dos educandos separou as suas peças que estavam na cocagem e verificou a necessidade de acabamento com esponja ou lixa. Deram o acabamento que queriam e deixaram na prateleira concluindo a cocagem.

Dois dias depois estavam secas, montei o forno para queima dessas peças. A queima foi concluída e resfriada para abertura do forno. Esta fornada foi aberta pelos educandos do período da tarde. Ficaram felizes com isto. E agora iniciaram a esmaltação.

A esmaltação com pincel eles já sabiam fazer. Mostrei a eles como esmaltar por despejo e por imersão e a grande maioria decidiu esmaltar a pincel e depois por imersão.

Alguns educandos haviam se esquecido das observações de segurança, não colocaram as luvas e as máscaras, mas os colegas os lembraram. Começaram a esmaltar e no início fui esmaltando por imersão. O Isaac pediu que o deixasse esmaltar, deixei e ele se tornou o esmaltador por imersão da turma. Ensinou aos colegas e/ou esmaltou para eles. Ao final da aula, a turma da tarde já estava com a maior parte das peças prontas para a segunda queima.

No dia seguinte a esta aula, recebi uma ligação do clube onde seria a exposição. Na conversa, me informaram das atividades que aconteceriam no dia das crianças, data da abertura da exposição. Seriam realizados jogos, brincadeiras, aula de culinária infantil, enfim

muitas atividades para as crianças frequentadoras do clube. Aquela conversa com a administração do clube era para solicitarem que eu oferecesse uma oficina de cerâmica para as crianças da festa que visitassem a exposição e se interessassem em fazer uma peça de cerâmica. Eu concordei que existisse a oficina e já deixei acertado que a realizaríamos, mas conversaria com os educandos, pois imaginei que eles poderiam assumir esta oficina ensinando as outras crianças a produzirem as peças de cerâmica e eu os orientaria.

Para os acertos finais da exposição, convoquei os educandos das duas turmas, manhã e tarde, para uma reunião. Na aula seguinte, então, viriam todos pela manhã e passariam o dia no ateliê. Faríamos a reunião, almoçaríamos e, no período da tarde, todos já colocariam em prática as soluções discutidas.

Nesta reunião, falei sobre a conversa com a administração do clube e sugeri que a oficina oferecida às crianças visitantes da exposição fosse ministrada por eles. Os educandos concordaram. Alguns demonstraram dúvida se ministrariam as oficinas, por serem tímidos. Resolvemos que dividiríamos as atividades por equipes e cada um teria a tarefa conforme a sua melhor habilidade e escolha.

Descrevemos então as tarefas a serem realizadas até o dia 12 de outubro. Era início de agosto e tínhamos apenas seis aulas para concluir as peças e organizar todas as tarefas descritas. No mês de setembro, não haveria aulas, pois eu viajaria a Portugal para ministrar oficinas de cerâmica às crianças da “Oficina da Criança” na cidade de Montemor-o-Novo, próxima a Lisboa, conforme convite aceito alguns meses antes.

As tarefas a serem executadas eram: confecção das etiquetas para as obras e dos crachás a serem utilizados pelos expositores (educandos) no dia da abertura, elaboração do texto de parede da exposição, estruturar as peças que seriam penduradas na parede e/ou no teto, esmaltar e queimar as peças restantes. Separar os materiais e ferramentas necessários para a montagem da exposição e da oficina de cerâmica; acondicionar todo o material separado para utilização e as obras a serem expostas, de forma a não danificá-las durante o transporte; transportar as peças e montar a exposição. Todas essas atividades seriam por mim instruídas e supervisionadas.

As tarefas foram divididas em equipes e cada um deles escolheu a tarefa que executaria.

Divisão das tarefas:

- a) Todos – pintura e esmaltação das peças e montagem da exposição;
- b) Isaac – auxílio aos colegas na esmaltação das peças por imersão;

- c) Pâmela, Sara e Ana Paula – estruturação das peças a serem penduradas no teto ou na parede, colocando fechos de arame e/ou fios de nylon;
- d) Cleide – queima das peças, confecção das etiquetas para as obras e dos crachás a serem utilizados pelos expositores (educandos) no dia da abertura, elaboração e impressão dos convites da exposição, elaboração do texto de parede da exposição e transporte das peças.

Nesta reunião falamos também a respeito da oficina que seria oferecida às crianças visitantes da exposição. A primeira pergunta feita por mim foi:

- O que ensinaremos às crianças na oficina?
- Modelar rosa! Disse o Carlos.
- Porque só rosa? Ensinamos um pouco de cada coisa que aprendemos. Foi a sugestão do Igor.

Os outros educandos ficaram quietos, sem opinião e aguardando a resolução. Perguntei o que acharam das sugestões e alguns se manifestaram dizendo que gostaram da ideia de ensinarem a fazer rosas, mas que ensinar só rosas seria chato. Poderiam ensinar a fazer um pouco de cada coisa que aprenderam a fazer com o barro.

Expliquei que poderia ter muita gente pra ensinar e isto gerar um tumulto e atrapalhar o decorrer da oficina. Se escolhêssemos uma atividade específica facilitaria a organização. Não concordaram. Sugeri que fizéssemos uma oficina de pratos (utilitários) e uma de rosas.

- Melhorou! Respondeu um deles falando bem baixinho.
- Mas, dona! E a máscara? Também é legal! Falou o Isaac.

Todo o restante dos educandos o apoiou.

Concordei com eles e ajustamos os horários. Organizamos da seguinte maneira:

10h – abertura da exposição

11h – início da monitoria com troca de monitores a cada duas horas.

12h às 13h30 – oficina de produção de rosas

13h30 às 15h30 – oficina de produção de utilitários

16h às 17h – oficina de confecção de molde do rosto

Grupos para a realização das oficinas e monitoria:

- a) oficina de produção de rosas: Carlos, Jenifer, Antonio, Nicolly e Analuiza;
- b) oficina de produção de utilitários: Sara, Carlos, Mayla, Pamela e Vitória;
- c) monitoria: Mayla, Sara, Igor, Ana Paula, Antonio e Analuiza.

Esclareci que os educandos encarregados de ensinar nas oficinas de produção de rosas e de utilitários e a oficina de confecção de moldes deveriam proceder, na aula que dariam na

exposição, exatamente como produziram no ateliê. Não havia nada de diferente no trabalho deles que fosse necessário aprender ou mudar para ensinarem com qualidade. Precisariam ter paciência e educação com todos. Nada diferente do que realmente fazem ou sabem que deveriam fazer no dia a dia.

Quanto à monitoria, esta sim era nova a todos eles e que consistia em ficar à disposição dos visitantes para tirar dúvidas, caso eles as tivessem. Para isso, precisariam saber explicar que se tratava do desenvolvimento do meu projeto de mestrado e que neste projeto de mestrado eu precisava ensinar cerâmica a eles com vínculo com a escola. Pois eu acreditava na cerâmica como algo que podia ajudar na educação. Pronto! Acharam que estava difícil falar isso tudo. Os acalmei dizendo que poderiam falar com as palavras deles.

Pedi à Mayla que me dissesse o que ela sabia a respeito do curso. Do que foi dito quando eu estive lá na escola para convidá-los para fazer o curso. Ela respondeu:

- Eu sei isso que a senhora acabou de falar.
- Então me conta com as suas palavras. Eu pedi.

A Mayla disse o mesmo que eu havia explicado, só que com as suas próprias palavras. Perfeito! Fiquei feliz e disse a ela que estava correto. Era isso mesmo que tinha que fazer. Todos os monitores ficaram aliviados. Os monitores faziam parte do grupo mais desinibido. Eles não teriam problemas em se expressar e os informei que qualquer dúvida eu estaria lá o dia todo e os ajudaria.

No final da reunião, disse a eles que os grupos, horários para montagem da exposição, acondicionamento das peças e todo o restante para a realização do nosso evento seria organizado quando estivesse mais próximo. Quando retomássemos as aulas após meu retorno da viagem que seria no dia 6 de outubro. Naquela semana, faríamos uma aula extra no dia 8 de outubro, terça-feira. Com duas aulas, deixando todas as peças prontas, teríamos tempo hábil para todo o restante a ser providenciado, conforme a lista de tarefas que havíamos feito.

Precisávamos decidir ainda o nome da exposição e isto precisava ser naquele dia, pois era necessário que eu pensasse e elaborasse a arte-final do impresso e imprimisse antes da minha viagem para que fosse distribuído aos educandos e estes entregassem aos seus convidados.

Várias sugestões surgiram e começamos por “Minha primeira exposição”. Gostamos, mas eu sugeri que tivesse a palavra barro. Pensamos em muitas opções e concluímos com: “MEUS PRIMEIROS PASSOS NO BARRO”.

Já tínhamos bastante trabalho, mas pensei em produzir algo que remetesse ao título da exposição. Lancei a ideia de cada um fazer uma placa com os pés marcados, que seria queimada e esmaltada como todas as outras peças que fizeram. Essas seriam expostas também.

Aquelas crianças topavam tudo que era proposto e aquela ideia também foi aceita. Essas placas precisavam ser produzidas ainda naquele dia, pensei. Caso contrário não daria tempo. Estávamos encerrando a reunião com tudo definido. As placas de barro para a marcação dos pés seriam feitas por mim durante a aula da tarde, enquanto esmaltavam as suas peças. Paramos para o almoço e um merecido descanso. A manhã havia sido cansativa.

No período da tarde foi iniciada a esmaltação das peças. Preparei os esmaltes e os educandos seguiram esmaltando. Quando tinham dúvidas recorriam a mim. A esmaltação por imersão começou a ser feita pelo Isaac. Ele esmaltava e explicava aos colegas. Logo começou a deixar que os colegas esmaltassem as próprias peças e seguia explicando. Fiquei bastante contente ao vê-lo explicando sem que eu sugerisse, e eu observava. Caso tivesse dúvida ou se equivocasse eu estaria por perto. Estava produzindo as placas de barro para que fizessem as marcas dos pés. Seguiu produzindo e os chamando para que pisassem na placa de barro e colocassem seus nomes.

Esmaltaram boa parte dos trabalhos que já haviam sido biscuitados, ou seja, já havia sido feita a primeira queima. E assim a produção foi concluída dentro do prazo planejado. Os convites para a exposição foram entregues ao vice-diretor da escola, que distribuiu aos educandos para que eles convidassem familiares e amigos com tempo hábil para se programarem.

Nesse interim fui a Portugal, para troca de experiências artísticas e pedagógicas desenvolvidas pela “Oficina da Criança” na cidade de Montemor-o-Novo.



Imagem 104 – Lixando a peça para esmaltação



Imagens 105 e 106 – Lixando a peça para esmaltação



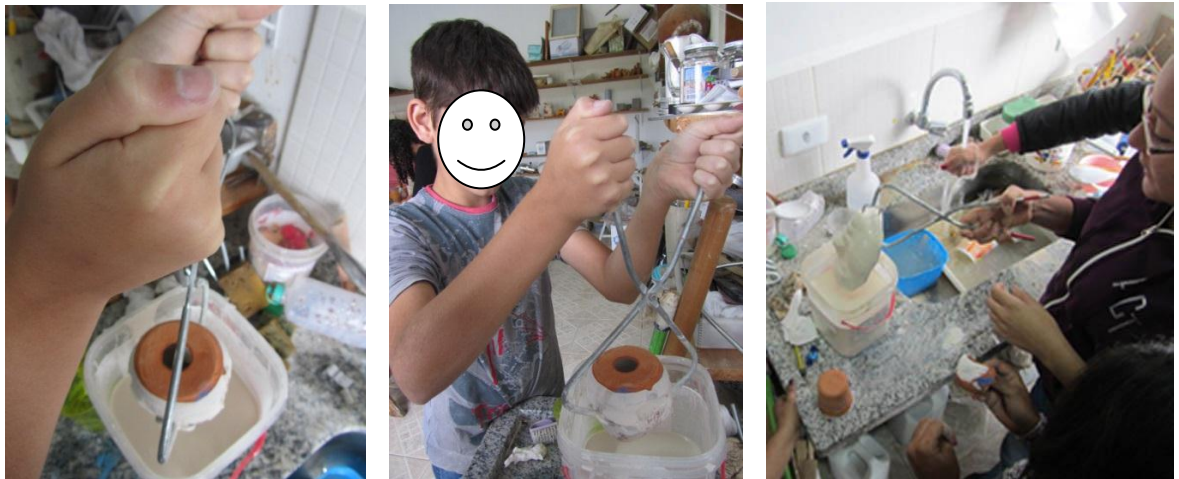
Imagens 107 e 108 – Esmaltação a pincel



Imagens 109 e 110 – Esmaltação a pincel



Imagens 111 e 112 – Esmaltação a pincel



Imagens 113, 114 e 115 – Esmaltação por imersão



Imagens 116 e 117 – Marcação dos pés na placa de barro



Imagem 118 – Assinando a placa marcada com seus pés



Imagem 119 – A queima das últimas peças

Retornei ao Brasil, Mairinque e ao trabalho com meus educandos. Na aula extra, terça-feira, agendada com eles no dia da reunião sobre a exposição, organizamos alguns grupos distintos para listar e acondicionar as ferramentas, materiais e equipamentos que precisaríamos levar ao clube para a realização das oficinas, outro grupo listou, separou e acondicionou os materiais necessários para a montagem da exposição. Na quinta-feira, dia 10 de outubro de 2013, dois dias antes de apresentarmos ao primeiro público a exposição “Meus Primeiros Passos no Barro”, os educandos checaram as listas, verificando se não haviam se esquecido de nada, se algum detalhe havia passado sem perceber, acondicionaram as peças, materiais, ferramentas, o barro. Tudo pronto para a montagem que seria no dia seguinte. Todos participariam da montagem da exposição. Conversamos sobre o melhor horário para cada um e a forma como iriam. Lembrando-nos dos problemas com transporte existente no bairro, alguns não poderiam participar, pois os pais eram caseiros na chácara onde moravam e na sexta-feira precisavam ajudar na organização do lugar. Os patrões chegavam na sexta-feira à noite ou no sábado pela manhã.

Não tínhamos problemas com isso, tínhamos uma boa equipe empenhada e todos entendiam os colegas que não poderiam ajudar. Os grupos de trabalho para o sábado, dia da abertura da exposição, já estavam organizados. Entreguei o crachá a todos os educandos e

combinei com alguns deles, que tinham maior disponibilidade, de nos encontrarmos no ateliê no dia seguinte para participarem do transporte das peças.

Chegamos ao Salão Social do Clube do Residencial Porta do Sol às 9h15 da manhã do dia 11 de outubro de 2013; em seguida, iniciamos uma conversa sobre a montagem, em que expliquei sobre a altura em que as peças e os textos deveriam ficar, colocação e importância das etiquetas nas peças individualmente, enfim, todas as orientações dadas foram fundamentadas. Todos os educandos estavam empenhados e ansiosos. Ajudaram em todas as atividades de montagem da exposição, ou seja, na limpeza do local, na decisão da disposição e etiquetagem de cada peça ou grupo de peças, na organização do lugar.

Na montagem, inicialmente, as peças foram separadas por grupos de utilitários, flores, cabeças, pés e modelagens em geral. Discutimos qual seria o melhor lugar para a exposição de cada um deles e as dispusemos como foi decidido pelos educandos com a minha orientação.



EXPOSIÇÃO

M E U S **CONVITE INDIVIDUAL**

ABERTURA DIA 12 DE OUTUBRO DE 2013
 Local: Clube Porta do Sol/Salão Social
 Horário: 10:00 h

PASSOS NO BARRO

R I M E I R O S

Nós estamos felizes em convidá-lo para a exposição de conclusão do curso de cerâmica.
 Realização: Atelier Cleide Vieira em parceria com a Escola Municipal Felipe Luffalla.

Aluno: _____



- 6° Ano
 Ana Luiza Santos Araújo
 Antonio Victor B. da Silva
 Camila de Oliveira Barreto
 Carlos Daniel Costa do Sento
 Evilyn Cristina do N. Dias
 Igor de Souza Santos
 Nicolly Mary M. de Souza
 Vitória da Silva Prado
- 7° Ano
 Jenifer de Souza Batista
 Mayla Isabelle B. da Silva
 Sara Cristine H. Santana
- 8° Ano
 Isaac Kaue Hargesheimer
- 9° Ano
 Ana Paula Julia Leal
 Pâmela Regina de souza
- 1° Ano (ensino médio)
 Thiago Rodrigues Gonçalves



3.6 A MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO



Imagem 122 – Preparando as peças para montagem da Exposição



Imagem 123 – Peças a serem expostas



Imagens 124, 125, 126, 127, 128 e 129 – Peças prontas para exposição



Imagens 130, 131, 132 e 133 – Peças prontas para exposição



Imagens 134 e 135 – Montagem da exposição – Fixação das peças

3.7 EXPOSIÇÕES E OFICINAS MINISTRADAS



Imagem 136 – Pannel de azulejos



Imagem 137 – Máscaras e utilitários

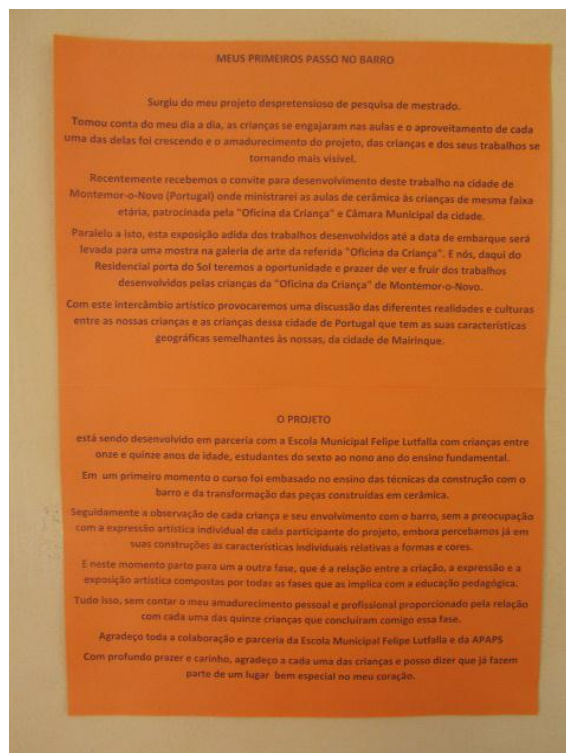


Imagem 138 – Texto de parede



Imagens 139, 140 e 141 – Abertura e visitação



Imagens 142 e 143 – Oficinas de modelagem e utilitários



Imagens 144, 145, 146, 147, 148 e 149 – Oficinas de modelagem e utilitários



Imagens 150 e 151 – Oficinas de modelagem e utilitários



Imagens 152, 153, 154 e 155 – Confeção de molde para confecção de máscara



Imagem 156 – Confeção de molde para confecção de máscara

A produção, assim como o dia, foi bastante intensa. Os educandos anotaram o contato das crianças que produziram nas oficinas para posterior entrega das peças queimadas. A exposição permaneceu aberta à visitação até o dia 25 do mês de outubro e a desmontagem também foi feita com a participação dos educandos.



Imagem 157 – Reportagem sobre o evento

Esta exposição marcou a finalização do projeto “Criando com o Barro”. O projeto foi iniciado com 22 crianças e adolescentes (os educandos) e concluído com quinze crianças. Dois educandos desistiram no início do curso, pois não gostaram de trabalhar com o barro, outras duas desistiram por problemas de transporte e os outros três não cumpriram as regras de frequência, faltaram além do permitido (duas faltas) sem justificativa.

O curso foi concluído com quinze crianças, havíamos iniciado com 22. Duas delas desistiram logo no início por não gostaram de trabalhar com o barro. Chegamos ao número constante do projeto, pois a ideia inicial era trabalhar com vinte. Dez em cada horário.

Das vinte, duas desistiram por problemas no transporte e três por faltarem além do permitido (duas faltas) sem justificativa.

Após o encerramento da exposição no Clube Porta do Sol, as obras foram expostas na Escola Municipal Felipe Lutfalla. A exposição da escola foi montada pelos educandos com o auxílio e coordenação do vice-diretor da escola, Sr. Abel. Os educandos, em uma data pré-agendada com a direção, fizeram uma oficina demonstrativa às demais crianças da escola, desta vez sob a coordenação da coordenadora pedagógica, Sra. Débora.

As obras dos educandos também foram expostas na Galeria de Arte “Seu Gumercindo”, no bairro do Ipiranga em São Paulo. Nesta exposição também foi oferecida oficina de cerâmica às crianças visitantes.



Imagens 158 e 159 – Exposição na Escola Municipal Felipe Lutfalla



Imagens 160 e 161 – Oficina ministrada na Escola Municipal Felipe Lutfalla



Imagens 162, 163, 164, 165 e 166 – Exposição e oficinas ministradas na Galeria de Arte “Seu Gumercindo”



Imagens 167, 168, 169 e 170 – Exposição e oficinas ministradas na Galeria de Arte “Seu Gumercindo”

3.8 A TRIANGULAÇÃO DA ARTE DESENVOLVENDO-SE NO BARRO. O QUE FOI PRODUZIDO?

Os meus educandos, como me acostumei a chama-los, produziam bastante. Todos os dias tinham atividades, vinham em busca disso. Produziam como a imaginação lhes permitisse. O cuidado para que a técnica da cerâmica não os privasse das suas reais expressões era tomado. Tinham à disposição minha biblioteca pessoal para consultas de referências e fruição. Caso não tivessem vontade de produzir ou estivessem sem ideias, como diziam, poderiam ler ou olhar os livros de arte que sempre estiveram à disposição. Algumas vezes subiam ao mezanino para ver e brincar um pouco com o casal de chinchilas. Foram raras as vezes que não quiseram produzir. Sempre chegavam ávidos pelas atividades e com ideias prontas. Havia dias em que já conversavam sobre a produção da próxima aula durante as atividades.

O primeiro momento de fruição dos educandos foi na primeira aula quando tiveram contato com as minhas obras expostas no meu *showroom*, a pequena sala ao lado do ateliê. E a fruição era diária ao observarem as produções dos colegas, as suas próprias produções, os livros e imagens que eram apresentados e as discussões que eram geradas em torno dessas imagens. Todas as crianças traziam relatos dos comentários dos pais e amigos da escola. O Carlos comentou do barro que tirava do rio localizado no fundo da chácara onde mora e que produzia brinquedos para brincar com os irmãos. Ele sempre apresentava muito interesse por técnicas novas, seja com o trabalho no torno elétrico ou com placas, e apreendia todo o conteúdo com muita facilidade e rapidez. Terminava os seus trabalhos e ensinava ou ajudava os colegas. Inicialmente, não era muito afável; mostrava-se até um pouco insolente, mas isso mudou sem que eu o repreendesse.

Outro momento de desfrute que considerei bastante intenso foi o processo de produção do presente do dia das mães. Enquanto faziam as peças, observavam a produção do colega, pediam e davam ideias. Interagiam entre eles e, após a conclusão das peças, demonstravam admiração pelos trabalhos. Todos queriam ver as peças uns dos outros e, na aula seguinte, comentavam a reação das mães. Às vezes circulavam ao redor do ateliê buscando por referências ou uma planta, pedra ou pedaço de galho que pudessem usar para compor uma textura. Passaram a observar as atividades e produtos ligados às artes, como me relatou a Ana Paula que nunca havia reparado na barraca de cerâmica que havia na feirinha de artesanato da cidade nos fins de semana.

Embora o objeto de estudo desta investigação artística não seja o processo criativo, não me contenho de mencionar a presença e importância dele em cada um dos trabalhos desenvolvidos pelos educandos no ateliê de cerâmica. Durante a materialização das imagens pré-selecionadas e trazidas pelos educandos da sua cultura, era possível perceber a correspondência com a busca e instauração da sua identidade individual. Partindo dessa percepção foi possível estabelecer ligações do fazer, do processo artístico com a fruição e com o entendimento da obra produzida, além da compreensão da obra e do mundo em que o educando e seu trabalho é inserido.

Pois tanto nas realidades externas sociais, como nas realidades internas da pessoa, podem surgir fatores que influenciam o seu desenvolvimento, quer no sentido positivo ou negativo, incentivando-o ou desorientando-o, ou talvez até mesmo destruindo as potencialidades individuais. (OSTROWER, 1999, p. 63).

Na primeira exposição, a que aconteceu no clube do bairro, toda a organização e montagem da exposição foi planejada e concluída com a participação de todos os educandos;

alguns mais efetivos que outros por conta da disponibilidade, mas todos participaram. Foram formadas duplas para monitoria, e ministradas oficinas às crianças visitantes. A maior parte dos educandos não conhecia o Clube Porta do Sol, onde aconteceu o evento. Nesse dia, nos intervalos entre as atividades do projeto ou horários livres, eles participaram das atividades comemorativas do dia das crianças.

Em algumas datas foram realizados eventos em que os educandos com disponibilidade vinham ao ateliê para atividades o dia todo. O primeiro evento foi a finalização do primeiro semestre de 2013. Na verdade, eles o chamaram assim, pois foi a última aula antecedente às férias de julho. Ficaríamos três semanas sem nos ver e sem as aulas, portanto propusemos este encontro. Neste dia, haveria maior interação entre eles, pois as turmas do período da manhã e da tarde se encontrariam. A maioria veio a esse encontro. A essa altura, eram 18 crianças participantes. No período da manhã consultaram livros na biblioteca e conversamos sobre algumas obras selecionadas. Nessa conversa, falamos sobre o processo artístico do artista e fizemos associações do seu trabalho com a sua história, o seu local de moradia, enfim, inserimos a obra do artista no seu processo. Paramos para o almoço.

Logo após o almoço, todos estavam encarregados da limpeza da cozinha e eu deixei que se organizassem. A Sara e a Daniela lavaram a louça, o Antônio se encarregou de limpar a mesa, o Carlos varreu o chão e a Jenifer secou a louça. Um outro grupo se encarregou de guardar os livros e organizar a biblioteca e o ateliê para a produção que começaria em seguida. O Igor olhava os colegas que limpavam a cozinha quando a Jenifer pediu sua ajuda para a secagem da louça e ele não quis ajudar. Perguntei a ele porque não os ajudaria e ele disse que não gosta de secar.

Mas na vida, nem sempre a gente faz só o que gosta, Igor. Eu disse a ele.

Ele me olhou com uma expressão descontente e perguntou:

Mas por que eu, dona?

Por que não você, Igor? Respondi perguntando.

Ainda com expressão de descontentamento, ele pegou a toalha e foi secar. Não respondeu nada, mas logo já estava sorrindo e fazendo piadas com os colegas.

Algumas particularidades foram se inserindo nos educandos no decorrer das aulas de cerâmica. Eles estavam mais corteses uns com os outros, fizeram novas amizades e fortaleceram as que já tinham. Tanto nas meninas quanto nos meninos é clara a mudança relacionada ao cuidado pessoal. Estavam mais vaidosos ao final do curso; se repararmos as fotografias tiradas no início do curso com as tiradas no final, é muito claro este aspecto de mudança no cuidado com seu corpo.

Em certo momento no desenvolvimento do curso eu já não deixava o ateliê preparado para o início de cada aula, não distribuía o barro e também já não era necessário que pedisse para limparem e organizarem o ateliê ao final da aula. Eles adquiriram mais autonomia e eu os deixei que assumissem a autonomia.

Na exposição realizada na escola, todo o meu trabalho foi levá-los até lá, pois a montagem foi fora do horário das aulas e não tinha transporte. Levei as peças também e o material de montagem que utilizamos na primeira exposição. Montaram a exposição e marcaram com a direção o melhor dia para ministrar oficinas para as crianças. Dividiram-se em grupos e ministraram as oficinas, assim como foi feito para as crianças do clube na primeira exposição. A coordenação da escola ou a direção os acompanhou nessas atividades; porém, todo o processo de montagem, organização e conclusão foi feito por eles.

Nas reuniões que tive com a direção e/ou coordenação da escola, sempre me era relatada a alegria deles ao contarem sobre as aulas que haviam tido. Às quintas-feiras chegavam exaltados na escola; a euforia chegava algumas vezes a incomodar as aulas. Nenhum deles havia tido grande melhora no aproveitamento escolar, mas o suficiente para se manterem na média. Um deles, o Carlos, tinha um histórico de baixo rendimento nas disciplinas escolares e quase não interagiu com a sua turma. O seu rendimento também não apresentou grande melhora, porém passou a se relacionar melhor com os colegas.

Sempre que me encontrava com algum pai ou mãe nos dias em que ia à escola, estes relatavam o desejo das crianças pela aula de cerâmica. Também mantínhamos um relacionamento bastante próximo pelas conversas que tínhamos no início da aula sobre a vida corriqueira de cada um de nós, enquanto produziam e eu os orientava ou ajudava. Ao final da aula, sempre tínhamos um relato da experiência da produção daquele dia. Muitas mudanças ocorreram comigo e com os meus educandos nestes quatro meses de convívio em que tivemos a produção artística da cerâmica como mediadora.

As nossas conversas sobre as ideias para as produções pessoais, sobre os processos criativos, as técnicas necessárias para a produção, abertura do forno, cores, visita ao museu, exposição, enfim, o que os educandos criaram, isso ficou. A arte cerâmica como processo de construção de mudanças. Produzimos mudanças!

4 INTERCAMBIANDO EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS

Em outubro de 2012, aconteceu na cidade de Cunha (SP), o “Primeiro Seminário Internacional – A Cerâmica na Arte-Educação”, evento coordenado e organizado pela Profa. Dra. Lalada Dalglish, coordenadora do curso de Artes Visuais do Instituto de Artes da Unesp (SP) e por Maria Fernanda Freire Luis, diretora executiva do Instituto Cultural da Cerâmica de Cunha (ICCC). Eu já fazia parte do grupo de pesquisa em cerâmica popular, também coordenado pela Profa. Dra. Lalada Dalglish, quando tomei ciência do seminário. Naquela altura já cursava o Mestrado com o projeto de pesquisa “A Cerâmica como Instrumento Pedagógico” e me inscrevi para participar do referido seminário.

A proposta do “Seminário Internacional – A Cerâmica na Arte-Educação” é a realização de ações que estimulem o estudo e desenvolvimento artístico e cultural da cerâmica, com o objetivo de avaliar e propor a melhor estrutura pedagógica para os cursos de cerâmica em nível técnico, superior e pós-graduação. A melhoria da estrutura pedagógica deve então se desdobrar e chegar às escolas de ensino fundamental e médio propondo a essa faixa etária o aprendizado da arte cerâmica.

Neste seminário, os professores coordenadores dos cursos de licenciatura e bacharelado em artes visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (RS) e Universidade Federal de São João Del Rei (MG), do Instituto de Artes da Unesp (SP), da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (Portugal), representantes do Instituto Cultural da Cerâmica de Cunha e a Profa. Dra. Mayra Carrillo Colmenares da Colômbia representaram as referidas instituições, apresentando a estrutura curricular e física das faculdades, as metas e objetivos do curso, as ementas das disciplinas e os planos de ensino dos cursos referenciados.

O ICCC foi representado por alguns profissionais que lecionam na instituição e estes fizeram apresentações relativas às disciplinas que ministram no Instituto. Flávia Santoro, Alberto Cidraes e Carvalho, representantes, explanaram o currículo desenvolvido nas respectivas oficinas de cerâmica para alunos da rede pública da cidade de Cunha.

A partir das colocações apresentadas pelos palestrantes, tivemos base para participar dos grupos de trabalho reunidos no dia seguinte, com o propósito de ordenar os melhores métodos e técnicas para a formação de um programa e conteúdo programático direcionado ao ensino da cerâmica artística. Foram formados três grupos de discussão, com diferentes abordagens. Um dos

grupos abordou a discussão tecnológica e foi composto por geólogos, químicos e professores técnicos de queima e construção de fornos. No outro grupo, a discussão permeou a abordagem artística; neste participaram profissionais da área de design, de criatividade, de artes e de desenho artístico. No terceiro grupo, do qual eu participei, foi dada ênfase às discussões com abordagem teórico-conceitual; este grupo foi formado por professores de arte e psicopedagogia, fundamentação artística e pedagogos.

A abordagem conceitual buscou idealizar a melhor estrutura pedagógica para os cursos de ensino da cerâmica, desde o professor que trabalhará com o ensino infantil ao pós-universitário. Seria incluída, no currículo dos cursos de pedagogia e artes visuais, a disciplina de cerâmica como um todo, com o propósito de iniciar um novo sistema de aprendizado, garantindo à docência da disciplina de artes competência suficiente para a utilização da cerâmica na educação infantil, no ensino fundamental e ensino médio. E como em uma efervescência de ideias, foi discutida a necessidade de um ideal educativo na visão de autores como Paulo Freire, Vigotsky, Piaget, Eduard Spange, Ana Mae Barbosa e John Dewey.

Como citado nos anais do evento, mais algumas sugestões discutidas foram:

- a importância da gestão da cerâmica na sociedade como expansão da cultura regional;
- a cerâmica, com uma abordagem teórico-conceitual, a história da arte da cerâmica, a história geral, situará o docente na história individual e local, tendo-se em conta uma metodologia historiográfica. Partindo destas premissas iniciaria a introdução do ensino técnico com ética e conhecimentos conceituais;
- garantir que a educação promova a diversificação profissional da cerâmica;
- o educador deve olhar a alma do aluno para ajudar-lhe a dar forma para modelar a sua própria vida. Olhar o educando como um todo, focando a sua história e sua vivência;
- respeitar a trajetória do ser: como o barro não tem forma, o educador é que irá ajudar a dar a forma;
- o ensino de cerâmica deverá ser transmitido ao aluno com alma;
- a cerâmica deve ser o fio condutor do ensino por ciclos, cada nível etário de ensino trabalharia, completando o conhecimento do aprendizado das demais disciplinas, na prática do fazer cerâmica.

Após o encerramento das discussões, os componentes dos três grupos participaram da cerimônia de abertura de forno da primeira queima de peças de cerâmica dos alunos da escola do ICC. Visitamos alguns ateliês da cidade e seguimos viagem retornando a São Paulo.

Os professores e coordenadores das universidades, assim como os profissionais de Cunha ficaram incumbidos de algumas tarefas descritas posteriormente nos anais. Dentre as tarefas estava o treinamento de professoras das escolas da rede pública de Cunha para ensinarem as técnicas da cerâmica às crianças do ensino fundamental.

Outra incumbência seria a discussão em torno do projeto político-pedagógico do curso de bacharelado e licenciatura das universidades representadas neste seminário, buscando favorecer e possibilitar o intercâmbio entre as universidades, ateliês, associações e instituições independentes na busca de conhecimentos colaborativos. No ano seguinte, 2013, haveria um segundo encontro, onde seriam apresentados e discutidos com os participantes os resultados das ações tomadas.

Em outubro de 2013, aconteceu o segundo encontro, onde foram apresentados os resultados das ações tomadas. As universidades apresentaram as adequações já possíveis de serem feitas no que se refere ao projeto político-pedagógico e as ações que ainda estão por acontecer. Neste encontro já foram apresentados, também, os resultados das aulas de cerâmica ministradas nas escolas da rede pública do município de Cunha. As professoras haviam sido treinadas e exibiram o resultado dos seus trabalhos com imagens da produção das crianças.

Sem que houvesse um planejamento, após uma conversa informal relativa ao meu projeto “Criando com o Barro” desenvolvido com os educandos da Escola Municipal Felipe Lutfalla, com a Profa. Dra. Lalada Dalglish que era uma das organizadoras do evento, fui convidada a fazer uma apresentação sobre o trabalho desenvolvido. Montei uma apresentação com as imagens que tinha em meu computador e expliquei todo o processo no dia seguinte, no bloco de apresentações em que as professoras das escolas da rede pública apresentaram o resultado dos seus trabalhos.

Todos os trabalhos foram vistos de forma bastante favorável nas escolas onde foram aplicadas e igualmente o resultado do meu projeto. Porém, com o diferencial do fechamento, que foi a exposição dos educandos e a oficina ministrada no dia da abertura da exposição. Até aquela data não haviam acontecido as exposições e oficinas da escola e do espaço cultural mencionadas no capítulo anterior.

Este segundo encontro foi encerrado do mesmo modo como o primeiro: algumas sugestões, muitas discussões e providências a serem tomadas e uma convocação prévia a todos os participantes e palestrantes para o encontro do ano posterior, que será na Colômbia.

Ao deixarmos Cunha no primeiro encontro acontecido, a professora Virgínia Frois e eu (um grupo de São Paulo havia viajado em um carro cedido pela Unesp), iniciamos

uma conversa sobre a arte-educação, a cerâmica, as crianças e, no desenvolvimento da conversa, falei sobre o meu projeto de mestrado. Relatei algumas características do projeto que começara a ser desenvolvido naquele semestre na escola municipal próxima ao bairro onde moro. A professora Virgínia, como a chamamos, ficou bastante envolvida pela conversa e comentou que na cidade de Montemor-o-Novo, onde vive em Portugal, é feito um trabalho semelhante. Ela relatou como é desenvolvido o trabalho na “Oficina da Criança”. Nós nos empolgamos. Descrevi à Virgínia mais detalhes sobre o projeto desenvolvido em Mairinque e cogitamos a hipótese de eu ir a Portugal ministrar às crianças de Montemor-o-Novo, na “Oficina da Criança”, as aulas de cerâmica, como estavam planejadas no meu projeto de mestrado. Fiquei instantaneamente surpresa com a hipótese de ir a Portugal ministrar a oficina. Divagamos em uma conversa longa em torno da cerâmica e da arte-educação. E enquanto falamos, nessa conversa, comentei com ela a hipótese de fazermos um intercâmbio artístico entre as obras produzidas pelas crianças de Montemor-o-Novo na oficina ministrada por mim e as obras produzidas pelas crianças de Mairinque no curso de cerâmica que vinha ministrando e fazia parte do meu projeto de mestrado.

Neste intercâmbio, a produção das peças cerâmicas das crianças dos dois lugares, Montemor-o-Novo e Mairinque, teria a produção direcionada à cultura local, ou seja, as crianças de Mairinque deveriam ter como referência a fauna e flora local, o relevo, a culinária, enfim, o que elas vivem no cotidiano. O mesmo procedimento seria seguido com as aulas ministradas na “Oficina da Criança”. As crianças de Montemor-o-Novo produziriam peças que fizessem referência aos seus costumes, à sua vida cotidiana, à sua cidade.

Naquele momento, ainda não havia tido contato com algumas literaturas utilizadas no desenvolvimento deste trabalho de mestrado. Algum tempo depois desta conversa com a Profa. Dra. Virgínia Frois, em meio a uma pesquisa bibliográfica busquei o “Roteiro para a Educação Artística” de Portugal editado pela Comissão Nacional da Unesco em 2006, onde diz:

Qualquer abordagem à Educação Artística deve ter como ponto de partida a(s) cultura(s) a que o educando pertence. Criar confiança com base num profundo apreço pela cultura de cada um é o melhor ponto de partida possível para explorar e subsequentemente respeitar e apreciar a cultura dos outros. Para isso é fundamental reconhecer a perpétua evolução da cultura e o seu valor nos contextos histórico e contemporâneo. O conteúdo e a estrutura da educação devem refletir não só as características de cada forma de arte mas também proporcionar os meios artísticos necessários à prática da comunicação e à interação de vários contextos culturais, sociais e históricos. (UNESCO, 2006, p. 10).

Portanto, até aquele momento eu não sabia, mas o meu plano geral de realização das aulas de cerâmica estava fundamentado no roteiro citado acima. Havia, sim, a possibilidade de realização do curso e do intercâmbio artístico, conforme informou a Virgínia que solicitou que enviasse o projeto para a coordenação da “Oficina da Criança” e ao Departamento de Cultura da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo. E falamos da possibilidade da execução do projeto ser no ano de 2013.

O projeto (apêndice 4) foi enviado à coordenação da “Oficina da Criança” e à Câmara Municipal de Montemor-o-Novo no mês de julho de 2013 com realização prevista para o começo do mês de setembro do mesmo ano, período de início do ano letivo em Portugal. Havia agora a necessidade de articulação com o meu trabalho de professora na rede pública de São Paulo, na faculdade particular onde leciono, e com o meu projeto desenvolvido em Mairinque com os educandos da Escola Municipal Felipe Lutfalla. Neste, estávamos em fase de conclusão do projeto e precisávamos organizar a exposição de encerramento.

Meus compromissos com o trabalho foram articulados e todas as providências para a viagem foram tomadas. Em Montemor-o-Novo, ficaria hospedada no Centro Juvenil, onde a Câmara Municipal mantém uma residência para estudantes e pesquisadores, além de ser um espaço cultural para jovens acima de quatorze anos.

Buscando maior conhecimento e aproveitamento do tempo em que estaria na Europa, me inscrevi no Colóquio Internacional “*Creative Processes in Art*” que aconteceria nos dias 12 e 13 de setembro na Universidade de Lisboa. Planejei uma participação em um sarau de arte-educação durante uma aula da Profa. Dra. Virgínia neste mesmo local. Programei-me para participar de um curso de cerâmica na Espanha; enfim, tinha muito que fazer e conhecimento a apreender num período de trinta dias.

Chegando a Lisboa, já hospedada, ao entrar em contato com a Virgínia, soube que a reforma da “Oficina da Criança” ainda não havia sido concluída e isto atrasaria os planos de realização do curso de cerâmica. Sem problemas, eu reorganizaria minhas atividades e compromissos. Mantivemos contato e fui cumprindo os outros compromissos que havia agendado. Participei do colóquio, realizamos o sarau e, em seguida, me desloquei a Montemor. Fui acomodada no alojamento do Centro Juvenil e, enquanto aguardava a conclusão da reforma para início do curso de cerâmica, visitei as dependências dessa casa e da “Oficina da Criança”. Fui apresentada aos funcionários das duas instituições e estes me colocaram em contato com todos os trabalhos realizados pelas crianças e adolescentes frequentadores e me explicaram todo o sistema de trabalho.

Durante o período em que fiquei em Montemor-o-Novo, aproveitei cada instante para amadurecer o meu trabalho de educadora. A reforma não foi concluída em tempo hábil para a realização do curso de cerâmica como havíamos projetado. Adiamos a realização do curso de cerâmica e o intercâmbio artístico para o ano seguinte e durante o período planejado para ministrar o curso, fiquei imersa na “Oficina da Criança”.

Durante esta imersão na arte-educação, como passei a chamar, pude obter experiências riquíssimas para projetos futuros, novas ideias para implantação de ludotecas, ateliês infantis, atividades extra-curriculares e curriculares. Sendo esta pesquisa de cunho arte-educacional, me vejo obrigada a narrar um pouco do que pude absorver no meu período de imersão na “Oficina da Criança” de Montemor-o-Novo, além de traçar um comparativo com a realização do meu projeto de mestrado desenvolvido em parceria com a Escola Municipal Felipe Lutfalla na cidade de Mairinque.

O projeto de Montemor e o desenvolvido por mim em Mairinque trabalham com crianças de faixas etárias distintas. Em Montemor, as crianças têm entre 3 e 13 anos. Em Mairinque, por serem crianças do ensino fundamental II, estão entre 11 e 15 anos. Porém ambos em período escolar, em um município próximo a uma grande capital, e a arte como ferramenta que estrutura as atividades na busca de benefícios para a educação e a transformação social. A “Oficina da Criança” é um espaço cultural e educacional estruturado para diversas linguagens artísticas. O meu projeto “Criando com o Barro”, também por fazer parte de um projeto de mestrado, é ainda estreito e tímido por sua natividade recente; mas há um sonho de crescimento e maturação.

Quando falo do barro, aí sim está a nossa grande semelhança. Assim como em “Criando com o barro”, a “Oficina da Criança”, agora sendo por mim afunilada ao ateliê de cerâmica, busca que a criança dê corpo aos seus pensamentos com liberdade, e esses pensamentos serão vistos. Quando os vemos, lemos. Lemos o que a criança fala. Ali no ateliê de cerâmica, podemos ler o mundo, ou um pensamento, ou um recado, como um educando do projeto “Criando com o Barro” que, ao concluir o utilitário que fez para sua mãe e o decorou com flores e um coração, chegou a mim e perguntou:

□ Professora, será que a minha mãe vai entender o que eu digo aqui? □ Apontando para as flores e o coração: “Mãe, você é a flor do meu coração”.

Foi feita a leitura de um pensamento, ou do mundo do menino. Descrevo agora sobre o nascimento da “Oficina da Criança” que foi no ano de 1981, quando se reuniram profissionais da educação com desejos e esforços em torno de um projeto de animação socioeducativo e apresentaram à Câmara Municipal da cidade. Tinha-se uma forte consciência cívica da

necessidade de intervenção dos processos educativos que favorecessem o pensamento criativo e o sentido crítico, combatendo o conformismo e a estagnação.

Os empreendedores da Oficina da Criança foram a Profa. Dra. Virginia Frois e seu esposo, o Sr. Vasco. Eles, através de atividades criativas, lúdicas e de animação, com o apoio de uma equipe persistente e disponível, foram dando forma e cores ao trabalho e ao espaço montado no antigo Cine Teatro do Curvo Semedo.

A Oficina da Criança é hoje uma instituição sólida, já não é uma criança. Não se trata de uma pequena e imatura estrutura de educação, mas uma instituição amadurecida, com monitores que acompanham e orientam os educandos durante todo o período de permanência no espaço e conduzem todo o trajeto da criação artística das crianças.

Os sonhos que alimentamos enquanto crianças são ecos que nos acompanham e nos ajudam a encontrar um sentido para a vida.

Dar às nossas crianças, durante o período de crescimento, condições de liberdade, assegurando a transmissão dos valores humanos e estéticos, é função de quem assume um projeto educativo na comunidade. Nesta caminhada pela vida, e num mundo cada vez mais globalizado, importa pensar na relevância de uma educação personalizada, que renove, acrescente os valores que tornaram o homem mais feliz, sensível e participativo.

[...] e porque o mundo é indiscutivelmente cada vez mais global, não podemos deixar de ser o que somos. (TAVARES, 2011, p. 12).

O período em que estive na oficina da Criança propiciou o aprimoramento do meu trabalho em sala de aula, enquanto professora no curso de pedagogia, maturou o meu compromisso com a educação, abrindo um leque para o desenvolvimento de projetos educacionais. Em cada setor – como prefiro chamar – onde entrava, o contato com os trabalhos feitos pelas crianças era um deleite; eu agradecia, a cada momento, por toda a contribuição dos funcionários ao me apresentarem a todos aqueles trabalhos.

A Oficina da Criança de Montemor-o-Novo é um espaço de criação, onde as crianças vão sem um controle de dias pré-agendados; não existe controle de presença, vão se querem e quando querem. Não há controle de horário de chegada e nem ao menos de saída. Os pequenos artistas ficam o tempo que querem. Dizem o que querem fazer e os monitores os orientam e auxiliam. Quando querem brincar, vão para a brinquedoteca; querem assistir a um filme, vão para a sala de vídeo. Todas as crianças têm acesso a todos os ateliês e espaços lúdicos. O período de funcionamento é durante o ano letivo. No período de férias são programados passeios a outras cidades, à praia, a museus ou desenvolvidos projetos dirigidos, cujas obras são objetos de exposição.

Alguns projetos desenvolvidos na Oficina da Criança:

Projeto Tridimensional – Ano letivo 2011/2012



Imagem 171 – O espaço, o corpo e as primeiras noções espaciais

Projetos de expressão bidimensionais



MONTENOR | O NOVO Câmara Municipal
Divisão de Acção Social, Saúde e Educação
 Animação Sócio-Educativa - Oficina da Criança

Viajar com as pinturas de



Joaquim Rodrigo




Objectivos:
Dar a conhecer às crianças a obra do pintor português Joaquim Rodrigo.
Perceber qual é o suporte, a técnica e o percurso de elaboração duma pintura deste autor.
Realizar pinturas sobre o mesmo tema "A Viagem" adoptando um percurso similar com um conteúdo singular.
Pintar em formatos grandes, para conseguir uma maior liberdade na expressão.
Perceber que a pintura tem as suas regras. Iniciação de alguns conceitos - forma, desenho, composição, cor, luz, ritmo.

Metodologia:
Depois de olhar e analisar algumas pinturas de Joaquim Rodrigo, pretendemos trabalhar o mesmo tema - recordações de viagens - com uma linguagem pictórica similar, com uma técnica similar "pintura acrílica", com uma paleta similar (o vermelho, o amarelo, o branco e o preto), com o mesmo suporte (aglomerado de madeira), e com os mesmos formatos.
É um trabalho individual ou de grupo, cada um faz apelo à sua memória e à sua imaginação. O próprio trabalho apresenta-se como uma viagem dentro da superfície pintada, uma cartografia de signos de um itinerário pessoal, cada desenho é como uma anotação de viagem.
Os trabalhos aqui expostos são o resultado de viagens realizadas ou imaginadas pelas nossas crianças, nas actividades de tempos livres integrado no Programa das Férias de Verão no Atelier Artístico orientado pela Artista Plástica Catherine Henke.


Imagem 172 – Pintura com o objetivo de perceber o percurso artístico de elaboração do artista

A CIDADE

EXPOSIÇÃO



Raf Alvarado
12 Anos



Marta Marques
8 Anos

MONTENOR | O NOVO Câmara Municipal
D.S.C./ Oficina da Criança


Este trabalho teve como orientadoras:
Catherine Henke, Artista Plástica
Maria José Batista, Educadora de Infância

De traços brancos, ruas compridas e escuras, de verdes escassos, com gente que corre, num vai e vem- A CIDADE.
A cidade onde vivemos, que nos surpreende, mas que nos atrai pela novidade.
A cidade que amamos às vezes e gostaríamos de amá-la sempre... e foi a CIDADE o tema deste projecto.

Olhemos imagens de outras cidades:
Cidades do norte, cidades do sul, cidades portuguesas, cidades estrangeiras, cidades urbanas, cidades rurais, cidades à beira mar, cidades de interior, cidades de dia, cidades de noite, vistas de longe, de perto, de dentro, por cima.

O trabalho foi executado em três tempos:
- Construímos casas com caixas, jardins e espaços de lazer;
- Recortamos casas em papel branco para contrastar no preto, e de casa em casa construímos a cidade, de noite, iluminada pela luz negra;
- Utilizamos a pintura e a colagem, a partir de imagens recortadas em revistas.

Mixemos, construímos, descobrimos os contrastes entre verticais e horizontais, entre as cores e os materiais, tentamos perceber o ritmo da cidade.
Recordamos a cidade como um lugar de confusão, onde vive muita gente fazendo muitas coisas, deslocando-se nos mesmos lugares ao mesmo tempo.
Mostramos o que gostamos e o que não gostamos na CIDADE.



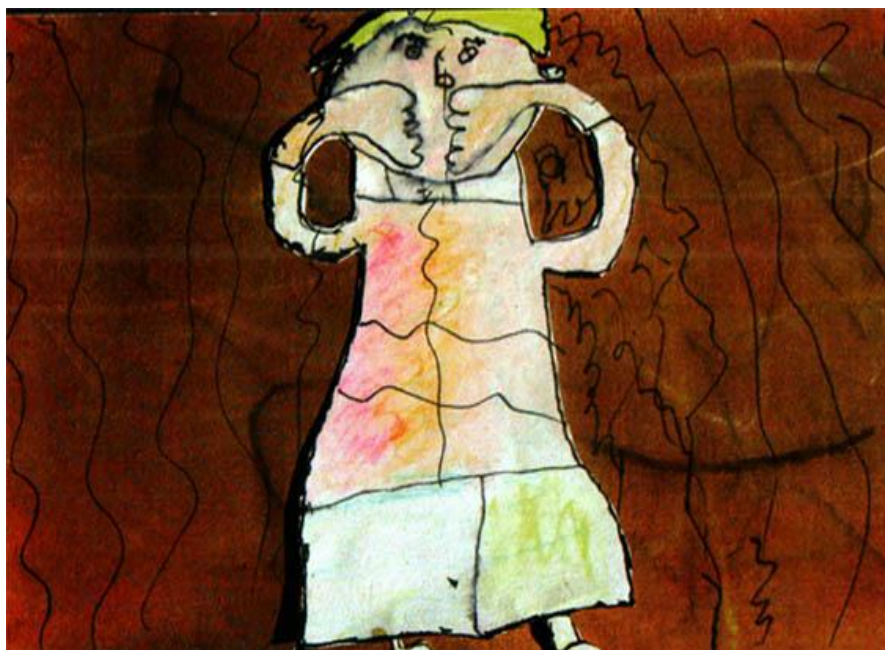
Ana Filipa Coelho 7 Anos Filipe Barreto 8 Anos Carolina Correia 8 Anos Renato 10 Anos

Imagem 173 – Com a pintura e a colagem, construíram a cidade ideal

Estas são duas exposições – “História e arte na oficina da criança” e “Releituras das linhas e dos fios sobre as obras do artista Alexandre Bastos” – com as quais tive a oportunidade de fruir. Elas estavam em cartaz no período em que estive em Montemor-o-Novo. Ambas são resultados de projetos propostos. A primeira (figura 174) com base na descoberta da Gruta do Escoural e a segunda (figura 175) baseada em releitura artística.



Imagem 174 – História e arte na Oficina da Criança



Fios (in)visíveis

Imagem 175 – Releituras das linhas e dos fios sobre as obras do artista Alexandre Bastos

Ao entrar no espaço da Oficina, tive a impressão de que foi montado somente por crianças, ou elas estavam ao lado extremamente atentas a todos os detalhes supervisionando tudo.

A brinquedoteca e a ludoteca eram espaços livres para as crianças utilizarem nas brincadeiras. Muitos brinquedos são versáteis, ou seja, providenciados para agradar diferentes idades e coloridos. Os brinquedos, em sua maioria, foram criados pelas crianças e compartilhados. Tudo de fácil acesso. Nestes espaços, o que mais me impressionou e agradou foram os brinquedos e a decoração feita pelas crianças. Tudo foi coloridamente compartilhado.



Imagens 176 e 177 – Brinquedos construídos na Oficina da Criança



Imagens 178 e 179 – Decoração com exposição das peças produzidas pelas crianças



Imagens 180 e 181 – Brinquedoteca



Imagens 182 e 183 – Peças produzidas pelas crianças



Imagens 184 e 185 – Peças produzidas pelas crianças

Os ateliês criativos da Oficina da Criança são orientados por monitores. As crianças descobrem entusiasmadas as novas formas de criar; elas pintam, combinam cores e inventam personagens.

Técnicas artísticas são ensinadas por artistas plásticos que vão aos ateliês da Oficina da Criança periodicamente. Os artistas trabalham com oficinas dirigidas. As linguagens artísticas utilizadas são: fotografia, desenho, pintura, linogravura; e, na criação de trabalhos em três dimensões, elaboram peças com gesso, papel machê produzido com papel reciclado, arames, bonecas de pano no ateliê de costura. Há ainda o ateliê de cestaria e de cerâmica. Todas as técnicas e propostas são articuladas para a criação ou recriação do imaginário que habita o inconsciente de todos nós.

No ateliê de cerâmica são ensinadas técnicas de modelagem de esculturas, relevos e olaria.



Imagem 186 – Relevos



Imagem 187 – Escultura/modelagem

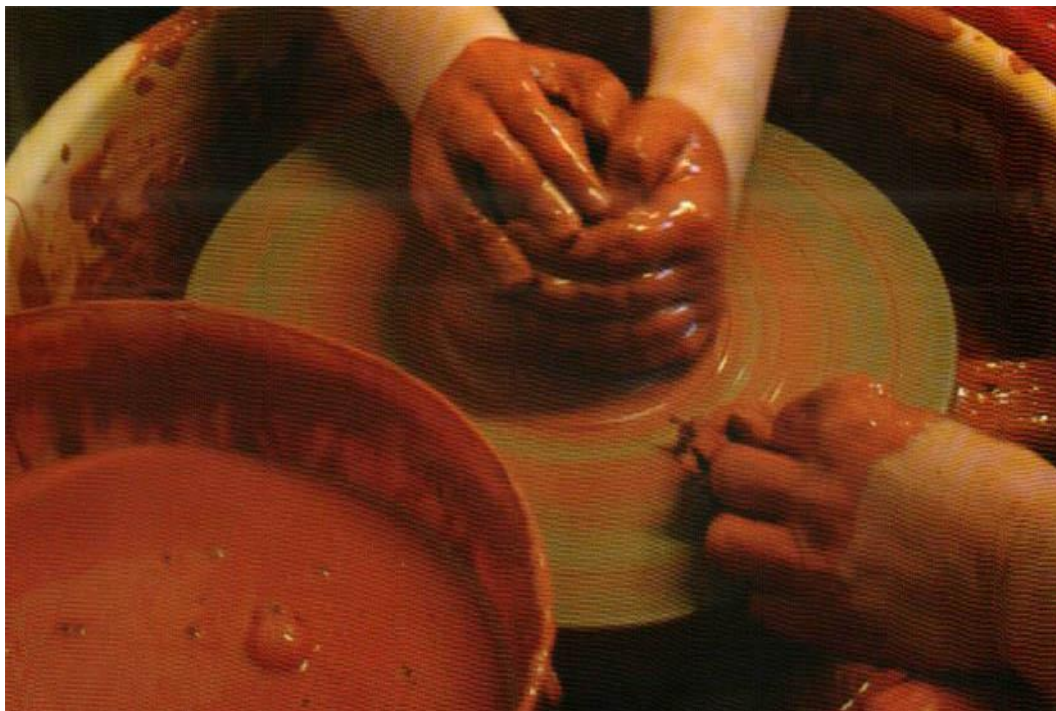


Imagem 188 – Olaria

Ao adentrar o ateliê de cerâmica, meus olhos buscaram pela produção das crianças e, ao encontrar, não foi surpresa que era semelhante à produção dos meus educandos. As crianças de Montemor produziram peças do seu universo, da sua cultura. A expressão artística é essencial no desenvolvimento da linguagem. É como se a criança estivesse nos mostrando a sua história quando cria um corpo para o seu pensamento. A diversidade das técnicas, tanto no ateliê em Mairinque como na Oficina da Criança aumenta as possibilidades de expressão, favorece a auto-expressão e estimula a criatividade. Percebi semelhanças entre o meu projeto, “Criando com o Barro”, desenvolvido no Brasil e o trabalho desenvolvido com as crianças de Portugal, daquela cidade pequena, próxima a uma grande capital.

Notei também grandes diferenças, o que é realmente de se esperar. A maior diferença, na minha concepção, é o não controle de frequência das crianças em Montemor-o-Novo. Em “Criando com o Barro”, o controle de frequência foi necessário para a conclusão do projeto. Não tenho segurança suficiente para afirmar a não necessidade desse controle de frequência dos educandos. A instituição de Portugal carrega a estrutura de trinta anos, é amadurecida e estruturada. Quando faço um recorte do ensino da cerâmica na Oficina da Criança é possível que seja traçado um comparativo entre esta e o ateliê de Mairinque.

A maior semelhança que percebi foi a ânsia de expressão das crianças. Isso nem poderia ser diferente: são crianças. E, a partir daí, poderia citar uma série de paridades, como a criatividade e o prazer que as crianças têm por frequentarem o ateliê.

A criança é a matriz da intervenção pedagógica. Em Mairinque ou em Montemor-o-Novo, o espaço, o trabalho existe porque a criança se encontra nele.

Em ambos os espaços de criação, técnicas da cerâmica são ensinadas, os materiais e ferramentas disponibilizados e a criatividade fica à vontade. As atividades não são propositivas, ou seja, os educandos trazem as ideias de criação e são orientados tecnicamente. Quando há necessidade de referenciais artísticos, estes são disponibilizados. No projeto “Criando com o barro”, as inquietações e desejos ganham formas vindas de mãos e pensamentos, isto não é nada diferente do que ocorre na Oficina da Criança.

A grande diferença entre os dois ambientes de educação em artes que confronto agora é o vínculo com o ensino formal necessário para o desenvolvimento do projeto que busca implantar métodos de utilização da cerâmica na educação institucional. Neste projeto que desenvolvo, há um vínculo com uma instituição formal e faço, sim, questão que isso não faça diferença no desenvolvimento dos trabalhos com os educandos, quero mesmo é que esses educandos participantes do projeto estejam sempre livres para criar, fazer, escrever e ler o mundo.



Imagem 189 – Oficina da Criança – Produção cerâmica



Imagem 190 – Oficina da Criança – Produção cerâmica



Imagem 191 – Oficina da Criança – Produção cerâmica



Imagem 192 – Oficina da Criança – Pintura em azulejo

Todo o trabalho proposto e realizado na Oficina da criança é arte-educação. Tanto em Montemor como aqui em Mairinque, no desenvolvimento da minha investigação pedagógica, as crianças vêm com a peça pronta em sua mente e se não está pronta ajudamos a construir mentalmente e depois dar a ela um corpo. Provocamos didaticamente e estimulamos a compartilhar a sua obra de arte ou brinquedo ou utilitário com os colegas ou com o público e depois incitamos a contextualizar promovendo visitas a museus, expondo, lendo, discutindo. Enfim, tendo a arte como mediadora, pensando, lendo e vivendo o mundo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo se constitui importante como contribuição da cerâmica na educação, como um meio de estruturar pensamentos por meio das suas técnicas de construção, corporificação de pensamentos, sentido estético e possibilidades de contatos com o mundo da arte e de novas culturas.

O propósito do desenvolvimento desta investigação pedagógica foi apresentar os benefícios que as aulas de cerâmica trazem à pedagogia no ensino fundamental II. A investigação foi inicialmente baseada na proposta triangular de Ana Mae Barbosa que, explicando de maneira sucinta, consiste em ensinar artes estimulando o fazer, o fruir e o contextualizar. Porém, como é sabido que o ensino contemporâneo da arte não se limita a simplesmente uma leitura de imagens ou visitar museus, ou ao ensino de história da arte – ou seja, não acontece em fragmentos – concluímos que não existe a necessidade de seguir a proposta da triangulação de Ana Mãe Barbosa. Para se ter um ensino de artes com qualidade, deve-se ter a consciência de que existe um ciclo formado por criança, escola e mundo. E que esses componentes do ciclo devem interagir constantemente buscando o fazer, a fruição e a contextualização. Quando o ensino da arte utiliza a cerâmica como meio de representação dos pensamentos, ela e seus processos de construção evocam vários sentidos que facilitam e completam a expressão, o significado e a interação.

Os educandos ficavam estimulados a tocar o barro pelo atributo sensorial do material e por poder alterar as formas durante a produção. A experiência de construção com o barro foi poderosa por dar à criança a possibilidade de construir-se interna e externamente. O educando modelou com o barro, e se modelou também. O material atribuiu uma relação do sujeito com o objeto produzido. Isso fez com que fosse instaurado um vínculo com a obra criada, ou seja, com o pensamento encorpado, o que motivou o sentimento de responsabilidade pelo trabalho concretizado ou por concretizar.

O tridimensional da obra concretizada despertava o interesse de observá-la por todos os ângulos, portanto uma movimentação física entre as crianças era necessária para a visualização completa do trabalho. Isso suscitava diálogos técnicos ou poéticos durante as aulas. Com isso pude concluir também sobre a importância do estímulo à interação do grupo.

A dinâmica utilizada no desenvolvimento do projeto – circundada por aulas práticas, contação de histórias, referências artísticas, análise e discussão de obras, visita ao Museu

Afro-Brasileiro – possibilitou a produção das obras por meio da troca de experiências, do estímulo à criatividade e do contato com diferentes culturas, e gerou um desenvolvimento da linguagem que é construtora de conhecimento do mundo.

O estímulo à leitura do mundo foi favorecido em diversos momentos. Um deles foi a visita ao Museu Afro-Brasileiro onde tiveram contato com obras de arte e explicação quanto ao valor histórico e cultural de um povo. Com esta visita eles tomaram consciência da preservação da identidade de um povo. Que um povo pode ser identificado através da sua expressão artística, da sua cultura.

Todas as dinâmicas geradas e desenvolvidas durante o curso de cerâmica acarretaram mudanças físicas e comportamentais nos educandos. Físicas, no que diz respeito ao cuidado com a aparência, e comportamental, relativa ao companheirismo, cortesia e respeito entre eles.

Conforme relatado na reunião de conclusão do projeto com a direção da escola, alguns professores trabalharam em suas disciplinas parte dos conteúdos planejados; conforme o assunto, houve a possibilidade de utilizar os exemplos das peças expostas e as experiências vividas e relatadas por eles em sala de aula.

Exemplificando isto, trouxe a matemática, onde foram trabalhados os conceitos geométricos, pois as obras possibilitaram desenvolver a visão espacial. No ensino de ciências, os alunos se interessam muito pelas aulas sucessivas em que foi tratado o assunto solo, a espessura das partículas do solo, impermeabilidade e permeabilidade. Nesta, os educandos associaram pontos da aula com secagem e queima das peças. Em história e geografia foi possível o resgate de culturas, inclusive por meio de objetos artísticos e, em língua portuguesa, a professora trabalhou textos instrucionais e descritivos, além de vivências e compreensão de obras de arte.

Foi-me relatado também que, em relação ao comportamento das crianças, houve melhora. Tanto as crianças que falavam pouco, quanto as que falavam muito, aumentaram o seu repertório. Passaram a ser mais companheiras, estreitaram as amizades. Um dos meninos que tinha problemas de aprendizagem, ou seja, suas notas não saíam da média e era quieto na sala de aula, passou a ser, após o curso de cerâmica, mais falante, apesar de suas notas se manterem na média. Com este relato da direção da escola, conclui-se que a dinâmica do curso possibilitou ao educando uma expansão da linguagem. Passou a se expressar mais.

A experiência de ter desenvolvido este projeto acalçou em mim a inquietação que tinha relativa aos benefícios que a cerâmica me trouxe. Deixou resolvido e bem estruturado meu desejo de estudar as contribuições da produção da arte cerâmica quando aliada à

pedagogia. Porém, presenteou-me com outro desafio: o intercâmbio da cultura infantil por meio da expressão cerâmica. O qual já está em andamento, dando continuidade na mesma escola onde foi desenvolvido este projeto (Mairinque). Sendo que já se encontra planejada uma exposição desses educandos em Portugal (Montemor-o-Novo) e no vale do Jequitinhonha (MG, Brasil). Neste novo projeto, que chamo de piloto, serão ensinadas as técnicas da cerâmica às crianças com idade entre 10 e 15 anos, corporificando a sua cultura, e os resultados intercambiados entre essas três localidades de culturas tão distintas. E quero chegar a mostrar todas as culturas do estado de São Paulo ao Brasil e quem sabe as culturas do Brasil ao mundo. Mas continuarei indo por etapas tímidas.

REFERÊNCIAS

ABAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. Coordenação e revisão de Alfredo Bossi. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALBANO, Ana Angélica. *O Espaço do Desenho: a educação do educador*. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios da vontade*. Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARBOSA, Ana Mãe. Caminhos para a conscientização: entrevista. *Revista Educação*, São Paulo, set. 2011. Revista online. Disponível em:
<<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/97/artigo233134-1.asp>>. Acesso em: 19 nov. 2013.

_____. (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

_____; COUTINHO, Rejane Galvão (Org.). *Arte/educação como mediação cultura e social*. São Paulo: Edunesp, 2009.

_____; CUNHA, Fernanda Pereira. *Abordagem triangular no ensino das artes*. São Paulo: Cortez, 2010.

BOURGEOIS, Louise. *Faço, desfaço, refaço*: entrevista a Denise Stoklos ao desenvolver trabalho para a peça teatral apresentada em São Paulo no período de 05 de agosto a 01 de outubro de 2006. São Paulo: [s.l.], 2006.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Arte: Ensino de quinta a oitava séries*. Brasília, DF, 1998.

CAMPBELL, Meg. *Desenvolvimento da visão em bebês*. Tradução Lucas Irineu. Disponível em: <http://www.ehow.com.br/desenvolvimento-visao-bebes-sobre_8159/>. Acesso em: 8 jan. 2014.

CORALINA, Cora. *Melhores Poemas*. Seleção de poemas de Darcy França Denófrío. São Paulo: Global, 2004. Disponível em: <http://www.releituras.com/coracoralina_cantico.asp>. Acesso em: 4 jan. 2014.

DEWEY, John. *Experiência e educação*. Tradução Renata Gaspar. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. *Uma Filosofia para educadores em sala de aula*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FERREIRA, Aurora. *A Criança e a Arte: o dia-a-dia na sala de aula*. Rio de Janeiro: Wak, 2008. Disponível em: <http://www.ehow.com.br/desenvolvimento-visao-bebes-sobre_8159/>. Acesso em: 4 jan. 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 17 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____; NOGUEIRA, Adriano; LOPES, Joana. *Pedagogia desde a Corporalidade: reencontrar o Corpo*. In: NOGUEIRA, Adriano (Org.). *Reencontrar o corpo: ciência, arte, educação e sociedade*. Taubaté: Cabral/GEIC, 1996. Disponível em: <<http://pedagogiadavirtualidade.wordpress.com/2013/03/04/pedagogia-desde-a-corporalidade-reencontrar-o-corpo/>>. Acesso em: 9 fev. 2014.

GIANNOTTI, Sirlene Maria. *Dar forma é formar-se: processos criativos da arte para a infância*. 2008. 235 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-26012009-141434/pt-br.php>> Acesso em: 8 jan. 2014.

GOUVÊA, Álvaro de Pinheiro. *Sol da Terra: o uso do barro em psicoterapia*. São Paulo: Summus, 1990.

KIYAN, Ana Maria M.; BONANTE, Ricardo. *Arte Como Espelho: experimentos em Arte-Terapia Gestáltica*. São Paulo: Altana, 2006.

LOWENFELD, Viktor; LAMBERT, Brittain. *Desenvolvimento da Capacidade Criadora*. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários para a educação do futuro*. Tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2011.

OSTROWER, Fayga. *Acasos e Criação Artística*. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.

_____. *Criatividade e Processos de Criação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

PAIN, Sara; JARREAU, Gladys. *Teoria e Técnica da Arte-Terapia: a compreensão do sujeito*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

READ, Herbert. *A educação pela Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *A redenção do robô: meu encontro com a educação através da arte*. Tradução Fernando Nuno. São Paulo: Summus, 1986.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE A CERÂMICA NA ARTE EDUCAÇÃO, 1., 18 a 20 out. 2012, Cunha. *Anais...* Cunha: Unesp/Instituto Cultural da Cerâmica de Cunha, 2012.

SILVA, João Castro. *O corpo humano no ensino da escultura em Portugal: mimese e representação*. 2010. 401 f. Tese (Doutoramento) – FBAUL, Lisboa, 2010.

TAVARES, Terezinha de Fátima Lopes. *Percursos: 30 anos de Uma Oficina Para Crianças*. Setúbal. Montemor-o-Novo: Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, 2011.

UNESCO. *Roteiro para a Educação Artística: desenvolver as capacidades criativas para o século XXI*. Lisboa, 2006. Disponível em: <<http://www.educacao-artistica.gov.pt/documentos/Roteiro.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2013.

VIEIRA, Cleide A. *Intersecções Femininas*. 2006. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) – Centro Universitário Belas Artes, São Paulo, 2006.

_____. *Questões Arteterapêuticas no Fazer Poético do Artista*. 2008. 52 f. Trabalho de Conclusão (Curso de Especialização em Arteterapia) – Universidade São Marcos, Campus São Paulo, São Paulo, 2008.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Imaginação e criação na infância*. Organização de Ana Luiza B. Smolka. São Paulo: Ática, 2009. (Ensaio comentado).

**APÊNDICE A – Projeto de Intervenção Pedagógica: A Cerâmica como
Instrumento da Pedagogia (17 de agosto de 2012)**

Cleide Aparecida Vieira

Mestranda na Universidade Nove de Julho - Unidade Memorial
Linha de Pesquisa: Gestão e Práticas Educacionais-PROGEPE

**PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA
A Cerâmica como Instrumento da Pedagogia**

São Paulo, 17 de agosto de 2012

Objeto

A proposta central deste projeto é pesquisar, desenvolver e implantar métodos de utilização da cerâmica como instrumento pedagógico, unindo o lúdico da matéria “barro” ao cotidiano do ensino fundamental na busca da descoberta de uma fonte artística que auxilie no processo educativo de forma veementemente promissora no que tange à educação, aprendizado, interação e integração do educando.

Justificativa do projeto

- Segundo relatos dos discentes no curso de licenciatura em artes visuais onde leciono disciplinas bi e tridimensionais, as crianças com características comportamentais hiperativas e dificuldade no aprendizado apresentam melhora no aproveitamento escolar e no relacionamento social.
- Poucos estudos existem focando a importância da arte tridimensional e mais ainda quando tratamos da argila.
- Segundo Selma Ciornai (2005, p. 31), os recursos expressivos e linguagens não verbais representados pela arte entram a favor do encontro Eu-Tu, que enriquece a dialógica entre educando e educador.
- A criatividade se faz pela capacidade de selecionar, relacionar, integrar e transformar os dados do mundo interno e externo, com a função de levar este mundo a um sentido mais completo.
- A linguagem tridimensional das artes, ainda é pouco explorada nas escolas do Brasil e tem engendrada na sua produção e conceitualização propriedades terapêuticas que desenvolvem características como a de lidar com as frustrações, a desconstrução e reconstrução de situações, a consciência de como o seu corpo se relaciona com o material e conseqüentemente com o mundo.
- De acordo com Ferreira (2008), a criança deve ter estímulo ao desenvolvimento do olhar, da observação e da criação artística, podendo este processo ser chamado de alfabetização visual.
- Embora exista formação em cerâmica no currículo das escolas superiores de licenciatura em artes visuais, não é prática comum o desenvolvimento da linguagem tridimensional no ensino de artes nas escolas em geral e tampouco a utilização da técnica cerâmica.
- Mesmo com estrutura improvisada para o desenvolvimento do trabalho com argila, é possível a construção de um ambiente tecnicamente favorável ao desdobramento do projeto.
- Sem que se tenha o objetivo de segregar educandos com bom ou mau desempenho escolar, a pesquisa busca comprovar a importância da técnica e da linguagem proposta no aproveitamento escolar no ensino fundamental baseado na relevância propositiva do barro/cerâmica, fundamentando a melhora no aproveitamento dos alunos.
- Utilizar a cerâmica, seu procedimento de criação tridimensional e as propedêuticas do barro nas aulas de artes ou extracurriculares como material a serviço da pedagogia. Buscar

o desenvolvimento de habilidades manuais, além de promover a integração social da criança.

Propriedades da cerâmica

Modelagem – propriedade de mobilização das forças físicas e sensoriais, além de trazer ao indivíduo percepções táteis e de movimento.

Massas – noção de movimento e sensações táteis ocasiona contato com forma e textura, além da consequência de como o corpo interage com o material.

Por que a cerâmica? Pelas propriedades arteterapêuticas.

Pesquisa – embasamento teórico

- O DBAE (Discipline Based Art Education) colaborou para a proposição de um currículo que interligasse o fazer artístico à História da Arte e a análise da obra de arte, privilegiando o desenvolvimento da criança e respeitando suas necessidades de expressão.
 - Esta proposta curricular ficou conhecida como Proposta Triangular e foi elaborada pela professora Ana Mae Barbosa.
 - Proposta Triangular é fazer arte no cotidiano da escola sem perder de vista a relação dialética entre processos sensíveis, emocionais, sociais e o ensino da disciplina e seus processos cognitivos.
 - No sentido freiriano, a leitura humaniza o mundo, liga-nos ao universo, desenvolve a criatividade e instaura modos de perceber o real; portanto, ler a imagem, segundo Pillar (2001, p. 12), é: “a leitura de um texto, de uma trama, de algo tecido com formas, cores, texturas, volumes”.
 - Conforme os parâmetros curriculares nacionais, a educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana. Desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação.
 - O barro carrega, traz a possibilidade de descobrimento e criação. Segundo Gouvêa (1990), “a partir da estrutura oculta do barro o homem vem se descobrindo quando pelo calor de suas mãos faz da terra molhada a confidente de imagens carregadas de emoções vividas e por viver. No barro, o homem cria e é criado”.
-
- Aulas práticas;
 - Ateliê montado na escola com condições de criação;
 - História da Arte;
 - Contação de histórias infantis direcionadas ao universo e à faixa etária dos educandos;
 - Imagens sugestivas de criação artísticas com embasamento na História da Arte e/ou artistas populares – referências artísticas;
 - Análise e discussões sobre os trabalhos desenvolvidos;
 - Visita a museus.

Esta metodologia utiliza os princípios da proposta triangular de Ana Mae Barbosa, sensibilização, arteterapêutica e princípios pedagógicos, criando possibilidades para a produção artística.

Desenvolvimento do projeto

- Escola municipal de ensino fundamental no município de Mairinque (SP).
- As intervenções acontecerão num total de aproximadamente 30 (trinta) horas, em encontros semanais de três horas cada. Podendo a quantidade de encontros ser revista conforme necessidade para realização do projeto ou da escola.
- Estes encontros devem acontecer na escola, com base em planejamento técnico, prático e teórico previamente aprovado pela direção da escola, em horário extra-aula, podendo ser realizado em sala fechada ou aberta, dependendo das condições da escola e do clima.
- Quanto às instalações, serão necessários: mesas e cadeiras para acomodação das crianças e água em pia ou tanque para realização dos trabalhos e higienização após as oficinas.
- O material será disponibilizado por esta que desenvolve o projeto, com recursos próprios ou com verba do Governo do Estado de São Paulo adquirida por solicitação dos recursos ao departamento responsável.
- Inicialmente deverão participar do projeto 10 (dez) crianças indicadas e/ou escolhidas pela direção/coordenação da escola junto com esta que realizará o projeto. Os critérios deverão ser discutidos anteriormente entre estas partes.
- No projeto enviado: análise dos resultados feita em reuniões mensais com a direção e coordenação da escola que devem assumir o compromisso de trazer os dados do aproveitamento escolar e outras observações que se fizerem necessárias, como comportamento, interação com os colegas etc.
- Ao término do projeto, o planejamento, os métodos de realização e os resultados serão disponibilizados à direção escolar.
- A direção da escola poderá disponibilizar um funcionário para acompanhar todo o projeto no intuito de treinamento para a continuidade do trabalho, caso seja de gosto e necessidade.
- Durante a realização das oficinas serão analisados os resultados do projeto no que tange ao comportamento, interações sociais, aproveitamento escolar e outras características que se fizerem necessárias, com base na observação da realizadora, dos professores, direção e coordenação, que devem trazer os dados para discussões em reuniões mensais.
- Circundando a pedagogia, a arte-educação, a arteterapia e as técnicas da produção da cerâmica artística, a análise do desenvolvimento da pesquisa e da implantação dos métodos propostos, os dados resultantes serão organizados, compilados e discutidos nas reuniões mensais e registrados em fichas individuais dos alunos, gerando um relatório final que terá uma cópia disponibilizada para a escola e outra anexada à dissertação do mestrado.

Referências

- BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____; COUTINHO, Rejane G. (Org.). *Arte/Educação como Mediação Cultural e Social*. São Paulo: Unesp, 2009.
- DEWEY, John. *Arte Como Experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FERNANDES, Conceição A. Viude. *Pedagogia e Arte: Um novo jeito de educar*. São Paulo: LCTE, 2007.
- FERREIRA, Aurora. *A Criança e a Arte: o dia-a-dia na sala de aula*. Rio de Janeiro: Wak, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários para a prática docente*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- GOUVÊA, Álvaro de Pinheiro. *Sol da Terra: o uso do barro em psicoterapia*. São Paulo: Summus, 1990.
- KIYAN, Ana Maria M.; BONANTE, Ricardo. *Arte Como Espelho-Experimentos em Arte-Terapia Gestáltica*. São Paulo: Altana, 2006.
- OSTROWER, Fayga. *Criatividade e Processos de Criação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- PAIN, Sara; JARREAU, Gladys. *Teoria e Técnica da Arte-Terapia: a compreensão do sujeito*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- PILLAR, Analice Dutra (Org.). *A Educação do Olhar no Ensino das Artes*. Porto Alegre: Mediação, 2001.

**APÊNDICE B – Projeto de Intervenção Pedagógica: A Cerâmica como
Instrumento da Pedagogia (27 de fevereiro de 2013)**

Cleide Aparecida Vieira

Mestranda na Universidade Nove de Julho - Unidade Memorial
Linha de Pesquisa: Gestão e Práticas Educacionais-PROGEPE

**PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA
A Cerâmica como Instrumento da Pedagogia**

Mairinque, 27 de fevereiro de 2013

Objeto

A proposta central deste projeto é pesquisar, desenvolver e implantar métodos de utilização da cerâmica como instrumento pedagógico, unindo o lúdico da matéria “barro” ao cotidiano do ensino fundamental na busca da descoberta de uma fonte artística que auxilie no processo educativo de forma veementemente promissora no que tange à educação, aprendizado, interação e integração do educando.

Justificativa do Projeto

- Segundo relatos dos discentes no curso de licenciatura em artes visuais onde leciono disciplinas bi e tridimensionais, as crianças com características comportamentais hiperativas e dificuldades no aprendizado apresentam melhora no aproveitamento escolar e no relacionamento social.
- Poucos estudos existem focando a importância da arte tridimensional e mais ainda quando tratamos da argila.
- Segundo Selma Ciornai (2005, p. 31), os recursos expressivos e linguagens não verbais representados pela arte entram a favor do encontro Eu-Tu, que enriquece a dialógica entre educando e educador.
- A criatividade se faz pela capacidade de selecionar, relacionar, integrar e transformar os dados do mundo interno e externo, com a função de levar este mundo a um sentido mais completo.
- A linguagem tridimensional das artes, ainda é pouco explorada nas escolas do Brasil e tem engendrada na sua produção e conceitualização propriedades terapêuticas que desenvolvem características como a de lidar com as frustrações, a desconstrução e reconstrução de situações, a consciência de como o seu corpo se relaciona com o material e conseqüentemente com o mundo.
- De acordo com Ferreira (2008), a criança deve ter estímulo ao desenvolvimento do olhar, da observação e da criação artística, podendo este processo ser chamado de alfabetização visual.
- Embora exista formação em cerâmica no currículo das escolas superiores de licenciatura em artes visuais, não é prática comum o desenvolvimento da linguagem tridimensional no ensino de artes nas escolas em geral e tampouco a utilização da técnica cerâmica.
- Mesmo com estrutura improvisada para o desenvolvimento do trabalho com argila, é possível a construção de um ambiente tecnicamente favorável ao desdobramento do projeto.
- Sem que se tenha o objetivo de segregar educandos com bom ou mau desempenho escolar, a pesquisa busca comprovar a importância da técnica e da linguagem proposta no aproveitamento escolar no ensino fundamental baseado na relevância propositiva do barro/cerâmica, fundamentando a melhora no aproveitamento dos alunos.
- Utilizar a cerâmica, seu procedimento de criação tridimensional e as propedêuticas do barro nas aulas de artes ou extracurriculares como material a serviço da pedagogia. Buscar

o desenvolvimento de habilidades manuais, além de promover a integração social da criança.

Propriedades da cerâmica

Modelagem – propriedade de mobilização das forças físicas e sensoriais, além de trazer ao indivíduo percepções táteis e de movimento.

Massas – noção de movimento e sensações táteis ocasiona contato com forma e textura, além da consequência de como o corpo interage com o material.

Por que a cerâmica? Pelas propriedades arteterapêuticas.

Pesquisa – embasamento teórico

- O DBAE (Discipline Based Art Education) colaborou para a proposição de um currículo que interligasse o fazer artístico à História da Arte e a análise da obra de arte, privilegiando o desenvolvimento da criança e respeitando suas necessidades de expressão.
 - Esta proposta curricular ficou conhecida como Proposta Triangular e foi elaborada pela professora Ana Mae Barbosa.
 - Proposta Triangular é fazer arte no cotidiano da escola sem perder de vista a relação dialética entre processos sensíveis, emocionais, sociais e o ensino da disciplina e seus processos cognitivos.
 - No sentido freiriano, a leitura humaniza o mundo, liga-nos ao universo, desenvolve a criatividade e instaura modos de perceber o real; portanto, ler a imagem, segundo Pillar (2001, p. 12), é: “a leitura de um texto, de uma trama, de algo tecido com formas, cores, texturas, volumes”.
 - Conforme os parâmetros curriculares nacionais, a educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana. Desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação.
 - O barro carrega, traz a possibilidade de descobrimento e criação. Segundo Gouvêa (1990), “a partir da estrutura oculta do barro o homem vem se descobrindo quando pelo calor de suas mãos faz da terra molhada a confidente de imagens carregadas de emoções vividas e por viver. No barro, o homem cria e é criado”.
-
- Aulas práticas;
 - Ateliê montado na escola com condições de criação;
 - História da Arte;
 - Contação de histórias infantis direcionadas ao universo e à faixa etária dos educandos;
 - Imagens sugestivas de criação artísticas com embasamento na História da Arte e/ou artistas populares – referências artísticas;
 - Análise e discussões sobre os trabalhos desenvolvidos;
 - Visita a museus.

Esta metodologia utiliza os princípios da proposta triangular de Ana Mae Barbosa, sensibilização, arteterapêutica e princípios pedagógicos, criando possibilidades para a produção artística.

Desenvolvimento do projeto

- Escola municipal de ensino fundamental no município de Mairinque (SP).
- As intervenções acontecerão num total de aproximadamente 30 (trinta) horas em encontros semanais de duas horas cada, podendo a quantidade de encontros ser revista conforme necessidade para realização do projeto ou da escola.
- Estes encontros devem acontecer no Ateliê Recanto Buiagú situado na Avenida do Sol II, Lote 67i, bairro Porta do Sol, com base em planejamento técnico, prático e teórico previamente aprovado pela direção da escola, em horário extra-aula. Quanto às instalações, serão necessários: mesas e cadeiras para acomodação das crianças e água em pia ou tanque para realização dos trabalhos e higienização após as oficinas.
- O material será disponibilizado por esta que desenvolve o projeto, com recursos próprios ou com verba do Governo do Estado de São Paulo adquirida por solicitação dos recursos ao departamento responsável.
- Deverão participar do projeto 20 (dez) crianças que poderão ser indicadas ou não pela direção e/ou coordenação da escola, sendo ideal que as próprias manifestem a vontade de participar.
- No projeto enviado: análise dos resultados feita em reuniões mensais com a direção e coordenação da escola que devem assumir o compromisso de trazer os dados do aproveitamento escolar e outras observações que se fizerem necessárias, como comportamento, interação com os colegas etc.
- Ao término do projeto, o planejamento, os métodos de realização e os resultados serão disponibilizados à direção escolar.
- A direção da escola poderá disponibilizar um funcionário para acompanhar todo o projeto no intuito de treinamento para a continuidade do trabalho, caso seja de gosto e necessidade.
- Durante a realização das oficinas serão analisados os resultados do projeto no que tange ao comportamento, interações sociais, aproveitamento escolar e outras características que se fizerem necessárias, com base na observação da realizadora, dos professores, direção e coordenação, que devem trazer os dados para discussões em reuniões mensais.
- Circundando a pedagogia, o ensino das artes, a arte-educação e as técnicas da produção da cerâmica. A análise do desenvolvimento da pesquisa e da implantação dos métodos propostos, os dados resultantes serão organizados, compilados e discutidos em reuniões periódicas e registrados diariamente, escritos e/ou fotografados, gerando registro final (dissertação) que terá uma cópia disponibilizada para a escola.

Referências

- BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____; COUTINHO, Rejane G. (Org.). *Arte/Educação como Mediação Cultural e Social*. São Paulo: Unesp, 2009.
- DEWEY, John. *Arte Como Experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FERNANDES, Conceição A. Viude. *Pedagogia e Arte: Um novo jeito de educar*. São Paulo: LCTE, 2007.
- FERREIRA, Aurora. *A Criança e a Arte: o dia-a-dia na sala de aula*. Rio de Janeiro: Wak, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários para a prática docente*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- GOUVÊA, Álvaro de Pinheiro. *Sol da Terra: o uso do barro em psicoterapia*. São Paulo: Summus, 1990.
- KIYAN, Ana Maria M.; BONANTE, Ricardo. *Arte Como Espelho-Experimentos em Arte-Terapia Gestáltica*. São Paulo: Altana, 2006.
- OSTROWER, Fayga. *Criatividade e Processos de Criação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- PAIN, Sara; JARREAU, Gladys. *Teoria e Técnica da Arte-Terapia: a compreensão do sujeito*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- PILLAR, Analice Dutra (Org.). *A Educação do Olhar no Ensino das Artes*. Porto Alegre: Mediação, 2001.

**APÊNDICE C – Carta-convite aos pais e/ou responsáveis sobre o projeto
“A Cerâmica como Instrumento Pedagógico”**

Mairinque, 27 de fevereiro de 2013

Srs. Pais e/ou responsáveis,

Convido a criança, _____, que estuda no ____ ano da Escola Municipal Felipe Lutfalla a participar do projeto “A Cerâmica como Instrumento Pedagógico”, que acontecerá no primeiro semestre de 2013.

O objetivo do projeto é avaliar a importância do contato da criança com o barro/cerâmica na construção de objetos do seu cotidiano, que podem ser utilitários e/ou esculturas.

O projeto será desenvolvido com crianças do ensino fundamental II em meu ateliê que funciona na Av. do Sol II, lote 67i, aqui dentro do Residencial.

Neste semestre acontecerá em dois horários: das 9h às 11h e das 14h às 16h, às quintas-feiras e esporadicamente às terças-feiras. Totalizando 30 horas de trabalho, construção e desenvolvimento.

Saliento que se trata de um projeto de mestrado com a supervisão do orientador Prof. Dr. Adriano Salmar Nogueira e Taveira, da Universidade Nove de Julho (SP) e não acarretará custo algum aos responsáveis ou à escola.

Para isto, solicito que assinem esta carta-convite e devolvam à escola, aos cuidados da Sra. Diretora. Além disto, é necessário que participem da reunião de esclarecimento na terça-feira, dia 05/03 na escola, às 14h.

Sem mais, agradeço.

Cleide Aparecida Vieira

Tel. 4708.1903 ou 97094.5117/98746.8462

**APÊNDICE D – Projeto de Intercâmbio de Experiência Artística: A
Cerâmica como Instrumento Pedagógico (julho de 2013)**

Cleide Aparecida Vieira

**PROJETO DE INTERCÂMBIO DE
EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA:
A Cerâmica como Instrumento pedagógico**

Mairinque-SP, julho de 2013

Introdução

Este trabalho de intercâmbio da experiência artística infantil germinou a partir do meu projeto de mestrado. Inicialmente, com o objetivo de auxiliar o desenvolvimento e ampliação da capacidade de entendimento das disciplinas da grade curricular do ensino fundamental com a utilização das técnicas de construção de peças cerâmicas e o desenvolvimento artístico das crianças de ensino fundamental.

Segundo Selma Ciornai (2005, p. 31), os recursos expressivos e linguagens não verbais representados pela arte entram a favor do encontro Eu-Tu, que enriquece a dialógica entre educando e educador. O desenvolvimento do projeto de intervenção de arte-educação com as crianças da Escola Felipe Lutfalla no município de Mairinque, no Estado de São Paulo, Brasil, iniciado em março deste ano (2013), teria ênfase somente na criação cerâmica buscando maior engajamento e sociabilização das crianças.

Durante o desenvolvimento e aprimoramento do projeto foi observada a grande inteiração das crianças com o material, as possibilidades de aproveitamento do aprendizado das técnicas de construção cerâmica em sala de aula com outras disciplinas como língua portuguesa, matemática, geometria, ciências e história.

Inicialmente, a ideia era apenas uma compilação das notas mensuradas em seus boletins escolares pelos professores e suas observações relatadas ao final do projeto. Porém, a utilização das ciências para explicação das técnicas cerâmicas foi o início da utilização da arte cerâmica como instrumento pedagógico inter e transdisciplinar. A seguir, veio o desenvolvimento e escrita de um memorial descritivo das peças confeccionadas, e, ainda em andamento, a realização de desenhos de peças tridimensionais, estudo da história da arte indígena e a ciência, como o estudo de solo, a secagem da argila para a queima, a retração da argila etc.

Hoje, embora ainda em desenvolvimento, o projeto já se encontra bastante amadurecido, vai concluindo alguns tópicos e aprofundando outros assuntos que surgiram no caminho da pesquisa. Esta proposta de intercâmbio da experiência artística com a arte cerâmica veio do questionamento de uma das crianças, quando falávamos de história e geografia, sobre a cerâmica de Portugal e a sua localização no mapa.

O diálogo entre os participantes foi também enriquecido durante o desenvolvimento das aulas. Nesse momento em que tenho alicerçada a palavra escrita e falada através da arte, busco o diálogo artístico entre produções plásticas e escritas por meio de memoriais descritivos das obras, das culturas locais das crianças e do desenvolvimento das artes cerâmicas.

Objetivo

O objetivo deste projeto de intercâmbio é gerar a comunicação social e cultural e artística entre as crianças de Portugal e do Brasil utilizando a arte cerâmica como veículo.

Objeto

A oficina de construção cerâmica e a correspondência entre as culturas de Portugal (Montemor-o-Novo) e do Brasil (Mairinque-SP).

Montemor-o-Novo representado pela “Oficina da Criança” e Mairinque representado pela “Escola Municipal Felipe Lutfalla”.

Público-alvo

Crianças entre 10 e 15 anos de idade.

Metodologia do Projeto

- História da região onde se encontram as instituições que se correspondem
- Aulas práticas e expositivas
- Modelagem
- Aplicação de engobes
- Queima
- Exposição
- Análise dos trabalhos desenvolvidos
- Troca de correspondências (cartas-via correio) entre as crianças

Desenvolvimento

O projeto foi iniciado no Brasil com pesquisas teóricas em março de 2012, momento em que tive a possibilidade de apresentar meu trabalho de ensino das técnicas da cerâmica com as crianças no meu ateliê e buscar aprimoramento sob orientação no Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais.

- No primeiro dia de trabalho será explicado às crianças o intuito da oficina ser ministrada por alguém do Brasil, a intenção de intercâmbio artístico e cultural e a correspondência com a criança brasileira. Um amigo a distância. Será feito também o sorteio do nome das crianças com quem trocarão correspondências.
- O trabalho deve ser desenvolvido com crianças de 10 a 15 anos no município de Montemor-o-Novo em turmas com o número máximo de 10 crianças.
- Podem ser até duas turmas de 2 a 3 horas diárias, totalizando 16 ou 24 horas por turma, conforme a carga horária definida.
- Ao final de cada aula será reservado um tempo (30 minutos) para a escrita a respeito do que se produziu e foi comentado durante a aula, com estímulo à produção de

memorial descritivo. De maneira informal, no intuito de que a criança fique à vontade para se expressar.

- Serão apresentadas às crianças técnicas que permitam a construção artística de peças escultóricas decorativas ou utilitárias.
- Quanto às instalações, serão necessárias: mesas e cadeiras para acomodação das crianças e água em pia ou tanque para realização dos trabalhos e higienização após as aulas. Enfim, um ambiente de ateliê cerâmico. Prateleiras para secagem e forno para queima das peças.
- Todo o material (conforme lista abaixo) deverá ser disponibilizado pela “Oficina da Criança”.
- A “Oficina da Criança” poderá disponibilizar um funcionário para acompanhar todo o projeto no intuito de treinamento para a continuidade do trabalho, caso seja de gosto e necessidade.
- Durante a realização das oficinas serão analisados os resultados do projeto no que tange ao comprometimento, conhecimento da cultura local, apreensão das aulas e sociabilização tanto com os colegas presentes como com os colegas de correspondência (Brasil).

Material necessário

- Argila (5 Kg por criança)
- Estecas de madeira
- Ferramenta para modelagem e ocagem
- Fio cortador de argila
- Compasso de madeira
- Borrifador de água
- Panos
- Jornais
- Aventais
- Forno para queima cerâmica
- Sacos plásticos
- Esponjas
- Lixas
- Bases de madeira
- Engobes coloridos
- Pincéis

Cronograma

- Dia 09/09 – Reunião de planejamento do curso e montagem da exposição das peças produzidas pelas crianças brasileiras.

- 10/09 – Encontro com as crianças e explanação e início do curso – Sorteio dos nomes das crianças brasileiras com quem se corresponderão.
- 11/09 – Explicação teórica das técnicas a serem utilizadas e início da produção.
- 12/09 – Produção.
- 13/09 – Produção e início da secagem das peças (preparo para aplicação do engobe).
- 16/09 – Aplicação do engobe nas peças.
- 17/09 – Conclusão da aplicação do engobe nas peças.
- 18/09 – Montagem do forno e início da queima.
- 19/09 – Fechamento do projeto com as crianças (escrever cartas às crianças do Brasil. Sorteio ou escolha das crianças para troca de correspondências).
- 20/09 – Palestras a professores e público em geral.
- 23/09 – Encerramento do Projeto.